SET

CINEMA & VÍDEO

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

5633 - Setembro, 1993 - Ed. 75 - Ano VII - Nº 09 - CR$ 440,00

ISSN 0104-1592

SEAN CONNERY

A VIDA DO MITO, DE 007 ATÉ HOJE

ROGER CORMAN

O REI DOS FILMES B EXPLICA COMO SE FAZ BOM CINEMA COM POUCO DINHEIRO

VÍDEO

LANÇAMENTOS PARA TODOS OS GOSTOS

- CÃES DE ALUGUEL
- A BELA E A FERA
- LUZES DA CIDADE
- O ÓLEO DE LORENZO
- NATIONAL KID

TOM CRUISE

ACLAMADO PELA CRÍTICA EM A FIRMA, O ATOR DÁ ADEUS À SUA FASE DE ÍDOLO JUVENIL

SEXO SEGURO

MEG RYAN EM SINTONIA DE AMOR, A COMÉDIA SOBRE UM ROMANCE PLATÔNICO QUE APAIXONOU OS AMERICANOS

Mexa-se!

VHSC

S750

Produtos Importados
À venda na Zona Franca
de Manaus.

S750
DIGITAL TECHNOLOGY
Palmcorder

Você se movimenta durante a filmagem e a sua câmera corrige a imagem!

- Estabilizador digital de imagens (DIS)
- Potente zoom digital de 45x
- Efeitos digitais

S250
Palmcorder

- Filmagem automática programada (Program AE)
- Zoom eletrônico de 8x
- Filmagem com 1 lux
- Lente grande angular
- Efeitos digitais

Panasonic
VHS
Câmera de Vídeo

Compatível com
videocassetes VHS

Panasonic

PROGRAMA

Depois de alçar vôo como ídolo teen, Tom Cruise quer ser levado a sério e, de preferência, ser respeitado como ator. A mudança de rota já havia se iniciado no catastrófico *Um Sonho Distante* (*Far and Away*, 1992) e prossegue agora em *A Firma* (*The Firm*), de Sydney Pollack. A crítica finalmente elogiou Mr. Cruise que, empolgado, prepara-se para o maior desafio de sua carreira: incorporar Lestat, o vampiro sexy e politicamente incorreto criado pela escritora Anne Rice no romance *Entrevista com o Vampiro*. A escolha de Tom para o papel provocou protestos irados entre os fãs americanos do imortal sanguessuga. Seja como for, esta será a primeira vez em que o ator abandonará o tipo "jovem arrogante que aprende uma valiosa lição e se torna uma pessoa melhor" para interpretar um personagem mais denso e complexo. SET conta tudo sobre a polêmica, dá uma geral em *A Firma* e ainda traz uma entrevista com Sydney Pollack.

Enquanto isso, bem longe dos grandes estúdios, Roger Corman continua fazendo filmes mais rápido do que você possa dizer *Jurassic Park – Parque dos Dinossauros*. A última produção, aliás, chama-se *Carnosaur* e foi realizada especialmente para aproveitar o sucesso dos dinos de Spielberg. Numa entrevista exclusiva, Corman expõe seu estilo "picareta de ser" e ensina como fazer filmes bons e baratos numa Hollywood cada vez mais corporativa e hiperinflacionada.

Hollywood, por falar nisso, parece estar cada vez mais à deriva. Filmes projetados para pequenos circuitos acabam por tomar espaço das superproduções pensadas como arrasa-quarteirões. É o caso de *Sintonia de Amor*, comédia romântica com Meg Ryan e Tom Hanks que acabou roubando a cena dos *blockbusters* do verão. SET investiga o fenômeno e traz entrevistas com Meg e Hanks explicando o que é que deu certo no filme.

Para terminar, um perfil de Sean Connery, lenda viva da Sétima Arte, desde a época em que ele combatia o satânico Dr. No até os conglomerados japoneses de *Sol Nascente*.

4 TAKES
O melhor e o pior de Gramado 93

16 TOM CRUISE
O ator dá adeus aos tempos de ídolo teen em *A Firma*

22 SINTONIA DE AMOR
Meg Ryan e Tom Hanks na comédia despretensiosa que arrasou os *blockbusters* do verão americano

26 ROGER CORMAN
O Rei dos filmes B ensina como fazer produções baratas na hiperinflacionada Hollywood

31 VIDEOLANÇAMENTOS
National Kid, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*

46 DAVE – PRESIDENTE POR UM DIA
Um filme ao estilo Frank Capra em plena década de 90

50 NOVOS FILMES
Sedução, *Sol Nascente*, *Muito Barulho por Nada* e *Hellraiser III*

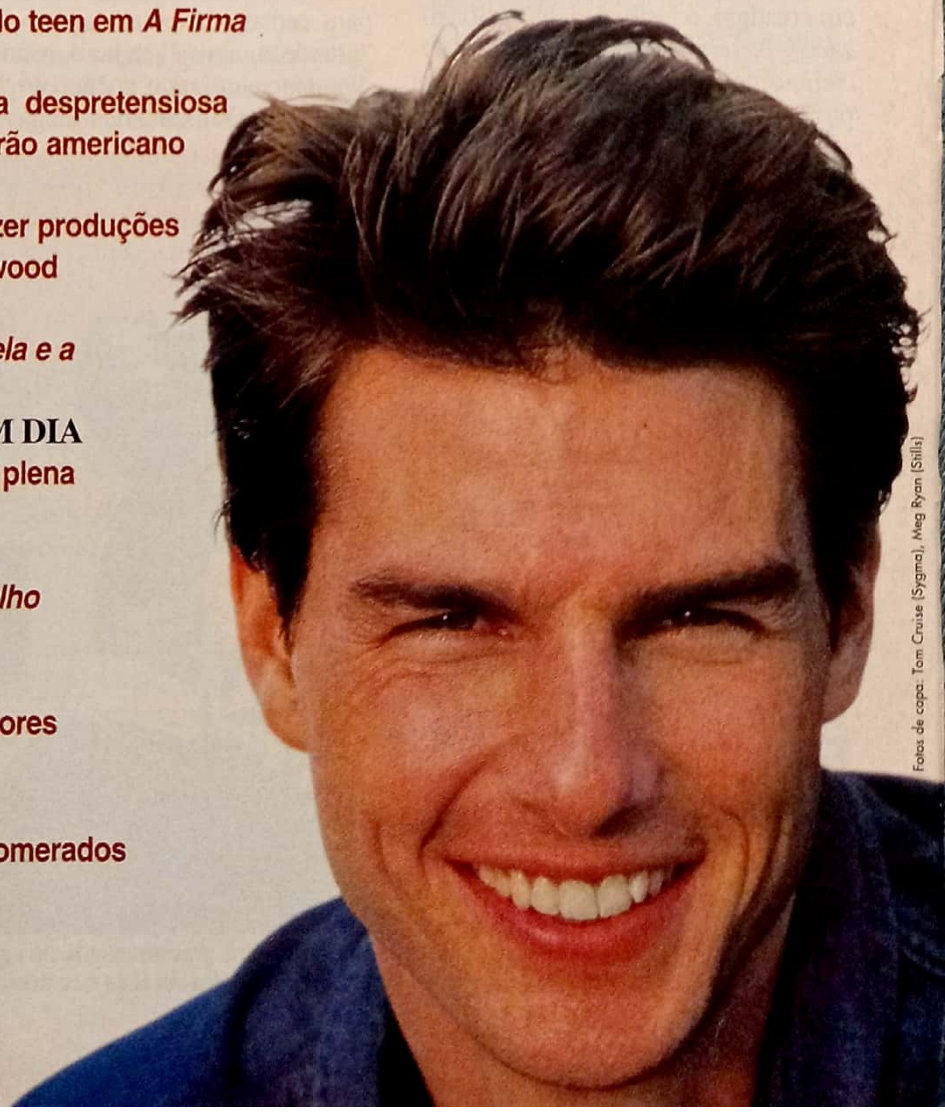
56 FREESHOP
Uma geral na VSDA 93, um dos maiores eventos de vídeo do mundo

58 MITO
Sean Connery, de Dr. No aos conglomerados japoneses em *Sol Nascente*

62 CARTAS

64 FILMOGRAFIAS

66 NOSTALGIA



Fotos de capa: Tom Cruise (Sygma), Meg Ryan (Shilis)

FESTA NA U.T.I.

Não, o cinema brasileiro ainda não morreu. Alguns poucos curtas-metragens preservam vivo o fiapo de esperança, enquanto a internacionalização do principal festival de cinema do país prepara o terreno para vôos mais altos

Mesmo sem levar em conta a absoluta penúria em que se encontra o mercado cultural brasileiro (e da qual o cinema é, há anos, a maior vítima), não resta dúvida de que a internacionalização do festival de Gramado foi um grande acerto – cujos resultados positivos podem demorar, mas vão aparecer.

No ano passado, o evento cresceu para abraçar toda a produção cinematográfica ibero-americana e desta vez se estendeu ainda mais, incorporando filmes em língua latina. Além de crescer em prestígio, o festival "internacionalizado" permite o mais saudável intercâmbio de idéias e experiências entre profissionais europeus e latino-americanos e, este ano, possibilitou a inclusão de pelo menos um grande filme, o espanhol *Sedução – Belle Époque* (veja *Novos Filmes* desta edição).

O único longa-metragem concorrente que poderia compartilhar o adjetivo "exuberante", que *Sedução* exige a cada fotograma, foi o mexicano *Como Água para Chocolate*, obra-prima do diretor Alfonso Arau a partir de roteiro de sua esposa Laura Esquivel, autora também do romance original (pelo visto, outra obra-prima).

No retorno a São Paulo, ainda deu para captar um pouco as reações da "grande imprensa", capaz de rotular este diamante alquímico-poético de "melodrama bolerão, beirando o piegas". Este coro talvez seja o mesmo das vozes que se entediaram com o lirismo despretensioso do italiano *Viagem de Amor* e que elegeram os dois filmes-cabeça argentinos para os principais prêmios do festival. Ainda assim, o júri popular fez justiça, como já havia acontecido o ano passado no Canadá, quando *Como Água...* levou o Prêmio do Público no Festival de Toronto. Desde então o filme já arrecadou mais de quinze milhões de dólares no mercado norte-americano, o que certamente garante a Alfonso Arau o futuro que ele merece.

O título remete a uma expressão corrente no México, onde o chocolate quente é preparado com água em vez de leite. Significa um estado emocional explosivo, atingido o ponto da mais turbulenta ebulição. Majestoso em seu espectro psicológico e histórico, o filme lembra um pouco preciosidades como *A Festa de Babette* (pelo modo como o prazer da comida feita com arte e amor desarranja a rigidez dos puritanos) e *O Piano*, com que Jane Campion faturou a Palma de Ouro em Cannes (pelo erotismo oceânico, contido até o limite do transbordamento). Não é à toa que os três filmes partem de um texto escrito por uma mulher...

A carência de textos, roteiros, tramas, argumentos e idéias é justamente o problema que o cinema brasileiro terá de enfrentar simultaneamente à sua carência financeira. O único longa nacional presente, *Capitalismo Selvagem*, arrebanhou uma fatia de seu financiamento na França e na Alemanha, mas decepcionou até os mais ardorosos fãs de *A Marvada Carne*, o primeiro filme de André Klotzel. A intenção de parodiar a linguagem de telenovela talvez nem tivesse sido notada, não fosse alardeada pelo diretor. E o sonso e descosturado pastiche exibido só revela um gigantesco preconceito da pseudo-*intelligentzia* nativa contra a dramaturgia de TV

Top Tape

As lágrimas de crocodilo da telenovela brasileira, satirizadas graciosamente no curta-metragem de Otto Guerra, a mais luminosa manifestação de talento brasileiro em todo o festival

Lumi Cavazos, merecidíssimo prêmio de Melhor Atriz por sua Tita, a doce feiticeira gastronômica, possuída por Vênus e Dionísio em *Como Água para Chocolate*

brasileira que – convenhamos – há pelo menos oito anos contém mais cinema do que o próprio cinema nacional. (Não muito, mas tem...)

No mesmo erro não incorreu o curta de animação gaúcho *Novela*, de Otto Guerra. Conquistou a unanimidade do público, tratando o mesmo tema com ironia mas também com sensibilidade, arte e (milagre!) narrativa. Inacreditavelmente, este único facho de luz brasileira presente estava excluído da competição, concorrendo apenas na categoria de curtas gaúchos (de onde saiu vitorioso, além do Kikito que só o Júri Popular poderia lhe dar: o filme não competia, mas todo mundo votou assim mesmo!).

De resto, os curtas-metragens presentes – há anos a única arena de revelação de talentos no festival – confirmaram a falta de textos e roteiros reinante. Nesse panorama de falência, merece todo louvor a produção dos jovens "curtistas" gaúchos, um pólo de movimentação autônoma, que ao invés de esperar sentado com suas lamúrias, vai lá e faz. (Já a participação paulista foi particularmente vergonhosa...)

Mesmo com a persistência gaúcha, o curta-metragem brasileiro parece condenado a um eterno exercício de linguagem (com tudo que isso pode trazer de gratuito) para principiantes flexionarem músculos que talvez nunca conheçam sua plena capacidade – a não ser que estejamos interessados apenas em revelar talentos para a TV e para o filme publicitário. Qual o formato ideal de veiculação no mercado, *além-festivais*, para os curtas?

O Ministro da Cultura Antônio Houaiss até apareceu na abertura do festival para assinar a liberação de uma verba de mais de 800 milhões de cruzeiros reais (em *off*, alguns profissionais reclamavam que a espera pela solenidade desvalorizara esta quantia ao ritmo de 40 mil dólares por dia). Mas a constatação mais triste é que, isoladamente, o financiamento estatal – ou mesmo de empresas interessadas em suavizar seu imposto de renda – será sempre um paliativo duvidoso. Faltam nesse cenário duas figuras fundamentais: o produtor (aquele que aposta e arrisca, que conhece e ama o cinema) e o público (aquele que paga por uma hora e meia de magia). Falta, portanto, mercado. Seria interessante se os militantes da "verba para todos" enxergassem também esse ângulo, porque certamente há muitos brasileiros que escolheriam outras prioridades culturais no país para o investimento de sua contribuição fiscal.

José Augusto Lemos

PREMIAÇÃO

OFICIAL

LONGAS-METRAGENS

Filme *Un Lugar en el Mundo*, de Adolfo Aristarain (Argentina)

Direção Eliseo Subiela *(El Lado Oscuro del Corazón*, Argentina)

Ator Dario Grandinetti *(El Lado Oscuro del Corazón*, Argentina)

Atriz Lumi Cavazos *(Como Água para Chocolate*, México)

Roteiro Rafael Azcona, por *Sedução – Belle Époque* (Espanha)

Ator Coadjuvante Fernando Fernan Goméz *(Sedução – Belle Époque)*

Atriz Coadjuvante Claudette Maille *(Como Água para Chocolate)*

Direção de Arte *El Siglo de las Luces*, de Humberto Solás (Cuba)

Fotografia Livio Delgado, por *El Siglo de las Luces*

Trilha Sonora Osvaldo Montes, por *El Lado Oscuro del Corazón*

Montagem *La Crise* (França)

Prêmio Especial do Júri *Sedução – Belle Époque*

Júri Popular *Como Água para Chocolate*

CURTAS-METRAGENS EM 35 MM

Filme *Batiman e Robim*, de Ivo Branco

Direção Monique Gardenberg, por *Diário Noturno*

Ator Marco Ricca e André Barros, por *Batiman e Robim*

Atriz Marieta Severo, por *Diário Noturno*

Fotografia Pedro Farkas, por *Diário Noturno*

CURTAS-METRAGENS EM 16MM

Filme *Calangos do Boiaçu*, de Ricardo Dias

Direção Eduardo Vaisman, por *Apartamento 601*

PARALELA

Prêmio Panda (Melhor Plano) *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel

Prêmio O Outro Olhar Jorge Antonio (Portugal), diretor

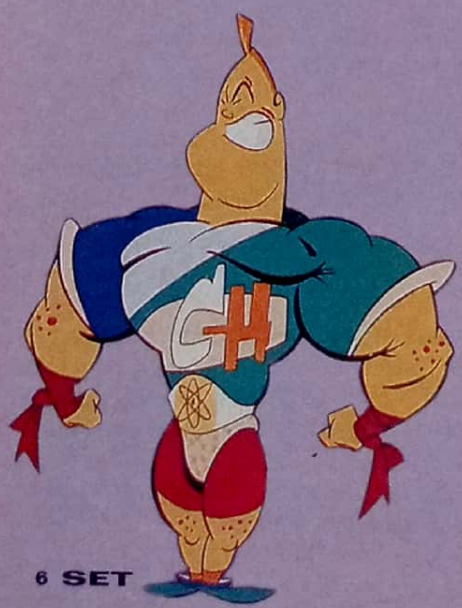
Ambos os prêmios criados por grupos de cineastas brasileiros. O primeiro, por Carlos Reichenbach, Cecílio Neto e Arthur Omar. O segundo – certamente inspirado no *Un Certain Regard* de Cannes –, iniciativa de um grupo encabeçado por Walter Hugo Khouri e João Batista de Andrade.

Laura Dern, Isabella Rossellini e Tom Waits: anjos caídos no submundo da literatura *pulp*

FALLEN ANGELS

TV NOIR

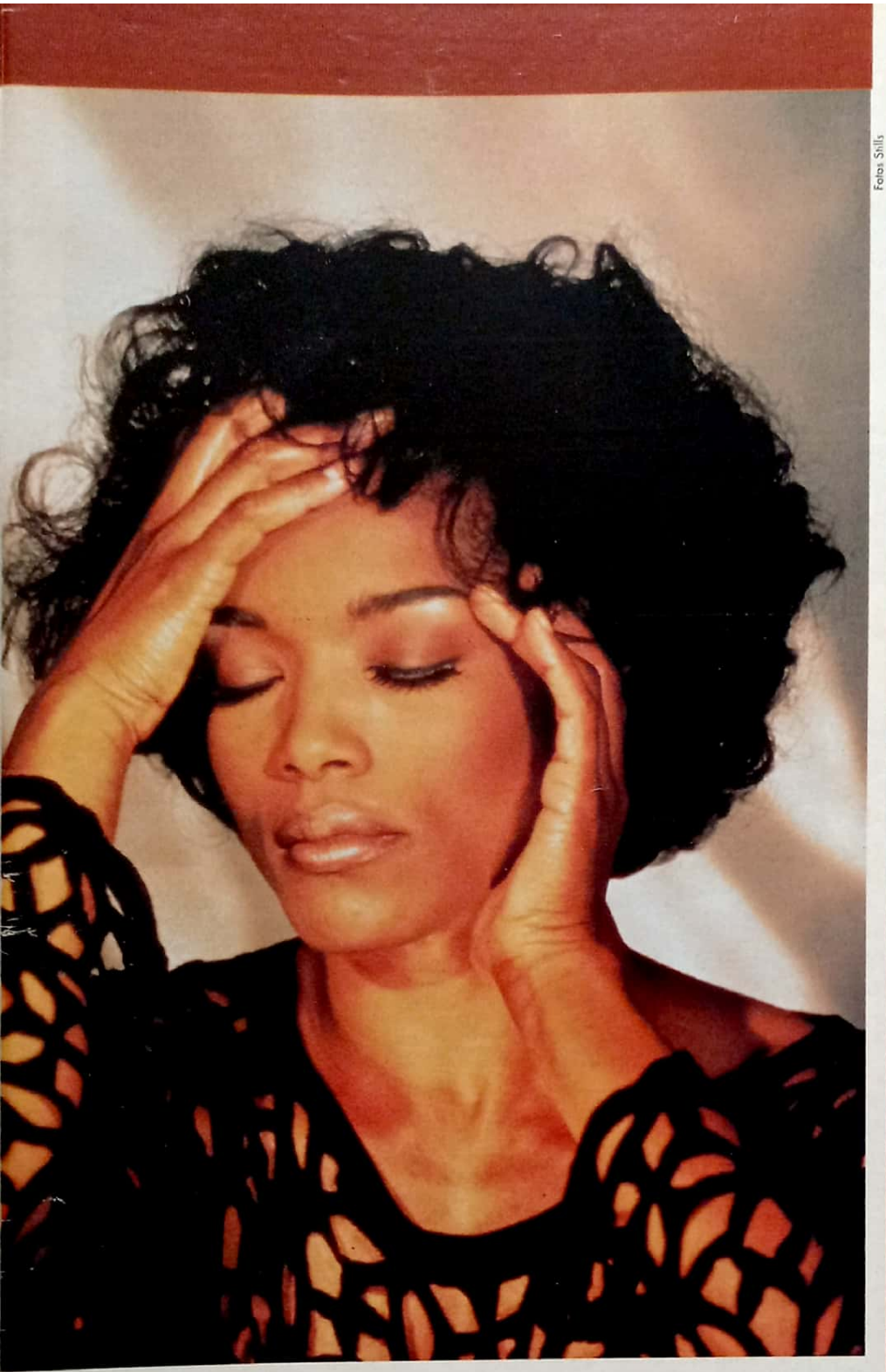
Agosto foi o mês do retrô-policial. Enquanto no Brasil a Globo mergulhava no nostálgico romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, a rede americana Showtime, por coincidência, também entrava na máquina do tempo com um destino bem semelhante. *Fallen Angels*, da Showtime, é uma série em seis episódios (de meia hora cada) com histórias policiais passadas na Los Angeles dos anos 40. A produção é assinada por Sydney Pollack e o elenco é de primeiríssima linha: Tom Waits, Joe Mantegna, Laura Dern, Isabella Rossellini e Meg Tilly – todos, perfeitos, diga-se, para incorporar tipos hammettianos. Entre os vários diretores (cada episódio é feito por um cineasta diferente) estão Steven Soderbergh (*sexo, mentiras e videotapes*) e Phil Joanou (*Desejos*). As histórias são baseadas em contos escritos por mestres da literatura *pulp*, como Raymond Chandler e Dashiell Hammet. Agora é só torcer para que alguma rede nacional se interesse pelo material. Por falar nisso, e *Wild Palms*, de Oliver Stone, ninguém vai comprar não?



ANIMAÇÃO

SUPER-HERÓIS SEM NENHUM CARÁTER

John Kricfalusi, o homem que detonou a TV americana com o desenho *Ren & Stimpy* (aventuras de um cachorro psicótico e um gato retardado), quer invadir o cinema. Seu novo projeto chama-se *The Ripping Friends* e conta a história de um grupo de brucutus uniformizados que resolve todos os problemas na base da porrada. "Eles não são super-heróis", explica Kricfalusi, "mas se vestem como super-heróis e agem como se fossem". O único problema do animador é encontrar um produtor interessado pela idéia. Afinal, ele pretende usar em seu longa as técnicas mais avançadas de animação existentes. Cálculo inicial de custos: 25 milhões de dólares. "Todo mundo sempre disse que eu deveria fazer filmes", continua Kricfalusi, "mas não é verdade". Quando os produtores olham o projeto, eles dizem: "espere, isto não é *Ren & Stimpy*". Enquanto o filme não vem, curta os personagens criados por ele para o projeto.



Fotos Stills

ANGELA BASSETT

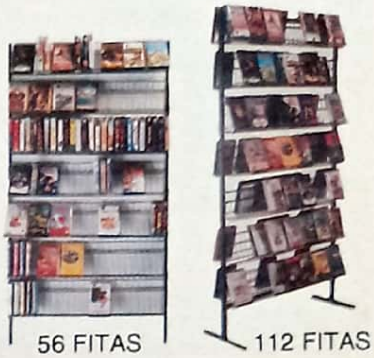
MAGIA NEGRA

Deliciosa aos 34 anos, Angela Bassett é a mais perfeita tradução do velho slogan *black is beautiful*. Como se não bastasse, ainda é uma das atrizes mais talentosas de sua geração. Sua performance pode ser conferida em *Malcon X*, de Spike Lee (em que interpreta Betty Shabazz, mulher de Mr. X) e na telessérie *Os Jacksons* (em que é mãe e protetora da ninhada de jovens cantores).
Agora, Angela Bassett vem aí em *What's Love Got to Do With It?*, a cinebio da Tina Turner. Espera-se que, assim como a cantora pop, Angela mostre suas belas pernas em boa parte do filme – que, aliás, chega mês que vem ao Brasil.

MARCO INICIAL

AQUI COMEÇA SUA GAME OU VIDEOLOCADORA

EXPOSITORES



56 FITAS — 112 FITAS

ARAMADOS

ACESSÓRIOS

ESTOJOS

Pronta Entrega
Despachamos para todo o Brasil.

FILMES SELADOS NOVOS
Lançamentos e catálogos de várias distribuidoras
PRONTA ENTREGA

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO
ATENDIMENTO de 2. à 6. das 8:30h às 19:00h
Sábados: 8:30h às 13:00h

Traga este anúncio e na sua compra ganhe um brinde!

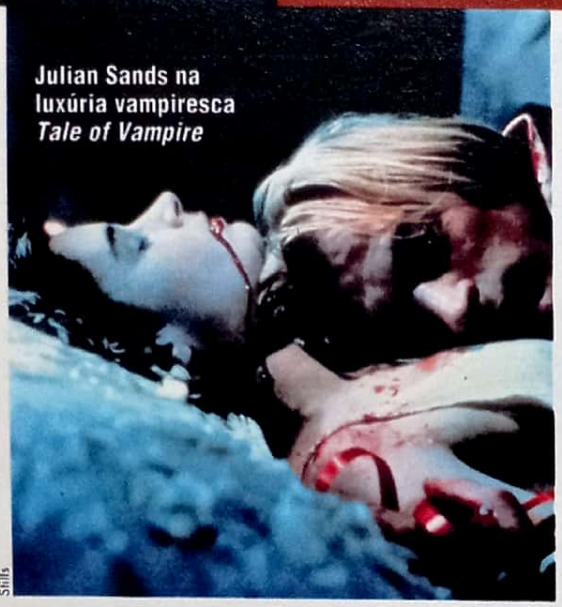
ZONA NORTE -LOJA 1 - R. Dr. Zuquim, 256
CEP 02035-020 - Santana - São Paulo/SP
Próx. a Est. Santana do Metrô
Fone:(011) 950-9899/950-8405
Fax:(011)959-0351
Estacionamento Próprio

ZONA SUL
LOJA 2 - R.Afonso Celso,1318
CEP 04119-062 - V. Mariana - SP/SP
Próx. a Est. Sta Cruz do Metrô
Fone:(011)579-3055

ZONA LESTE
LOJA 3 - R. Fernandes Pinheiro, 24
CEP 03308-060 - Tatuapé - SP/SP
Próx. a Est. Tatuapé do Metro
Fone:(011)941-2386

ABC
LOJA 4 - R. Guilherme Marconi, 163
Sto André - SP - CEP 09020-270
Próx. a Baleia e ao McDonald's
Fone:(011)412-7811

VALE DO PARAÍBA
LOJA 5 - Pça. Cônego Lima, 8
1. Andar - Sala 11 - S. José
dos Campos - CEP 12210-080
Fone: (0123) 23-4096



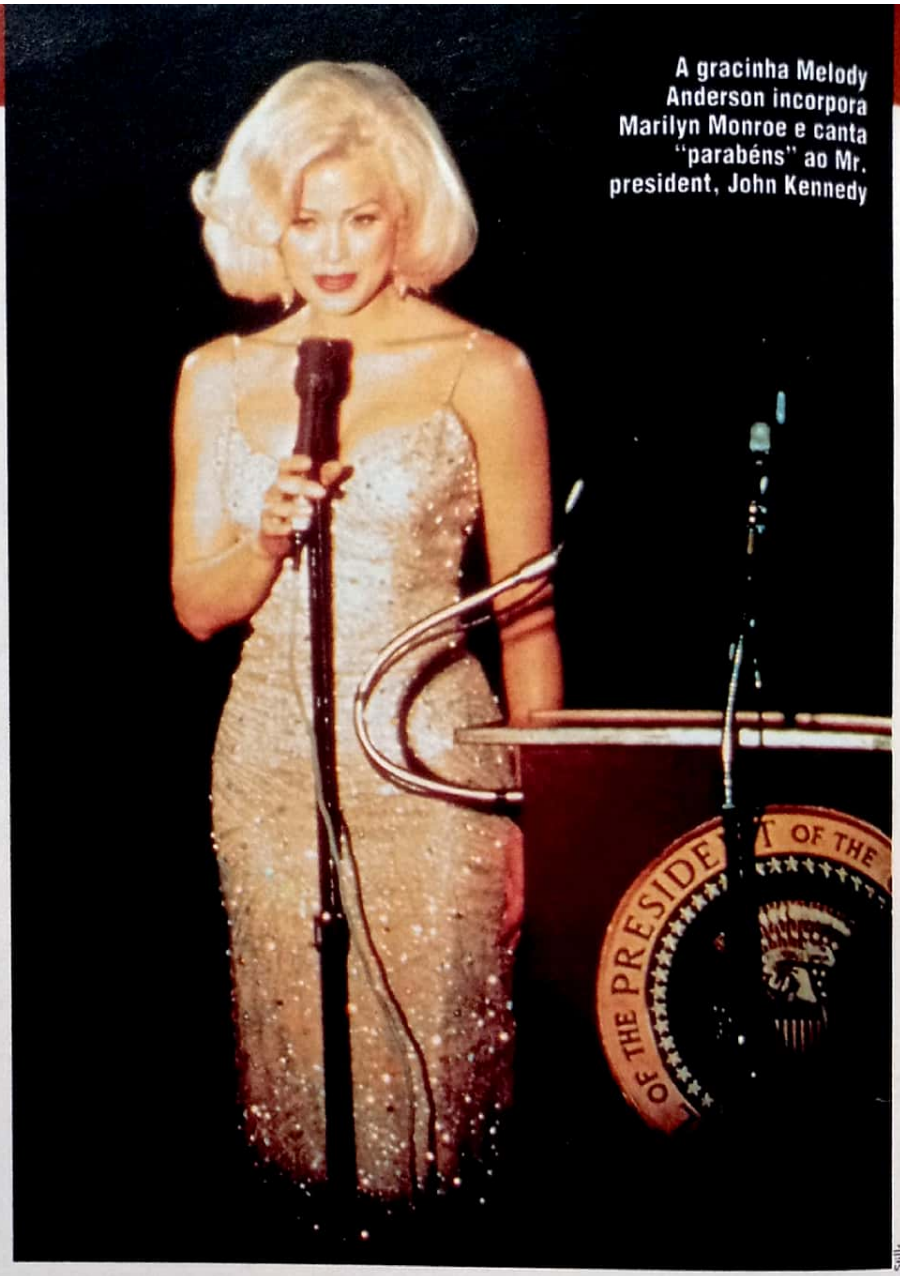
Julian Sands na luxúria vampiresca *Tale of Vampire*

Stills

VAMPIROS

ELES ESTÃO SOLTOS

Se você já se cansou de caninos afiados, jugulares abertas, cabeças de alho, crucifixos e toda a parafernália necessária para afastar vampiros, não leia esta nota. Julian Sands mal acabou de filmar com a filha-terrível-que-é-a-cara-do-pai Jennifer Lynch o "estranho" *Boxing Helena* e se entregou à luxúria vampiresca. Em *Tale of Vampire*, dirigido por Shimako Sato, ele é um nosferatu que vaga pelo mundo atrás de sua amada há mais de 110 anos. Hmmm... onde foi que você viu esta história antes?



A gracinha Melody Anderson incorpora Marilyn Monroe e canta "parabéns" ao Mr. president, John Kennedy

Stills

Gamma

R.I.P.

JEAN NEGULESCO

Cineasta romeno que dirigiu as musas Joan Crawford em *Acordes do Coração* (1947) e Marilyn Monroe em *Como Agarrar um Milionário* (1953), Jean Negulesco faleceu aos 93 anos em 18 de julho de um ataque de coração. Seu último trabalho foi *Os Seis Invencíveis*, de 1970.

MINISSÉRIE

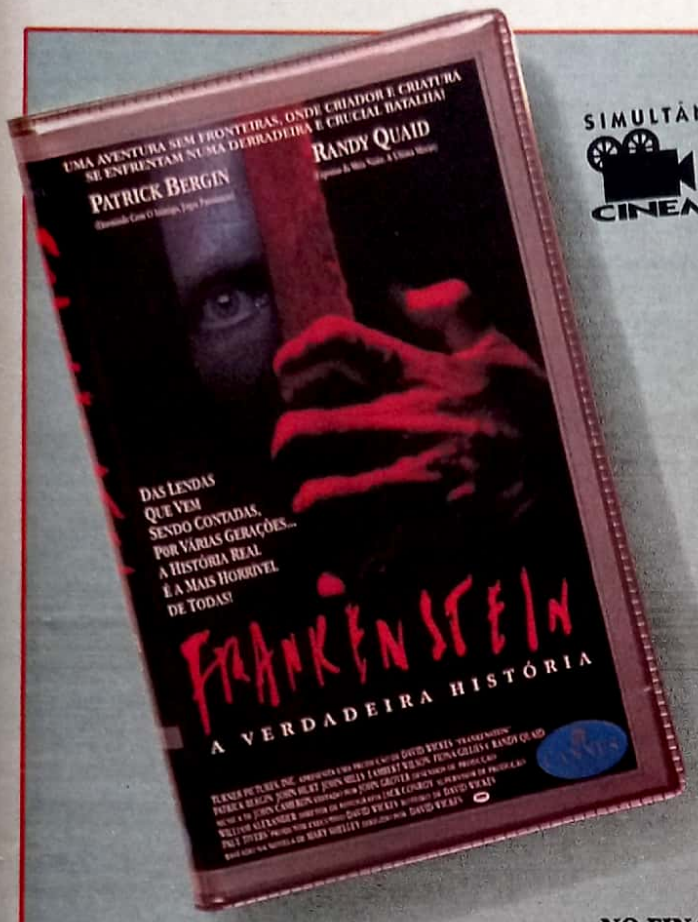
M.M. CONTRA F.B.I.

Pobre Marilyn Monroe! Para ela, o velho "descanse em paz" nunca passou de apenas uma frase. Sua vida já foi explorada em dezenas de filmes, livros e, ao que tudo indica, este sensacionalismo mórbido continuará ainda por muito tempo. A última produção desta safra é *Marilyn & Bobby: Her Final Affair*, telessérie que retratra os últimos quatro meses de vida da atriz e seu turbulento relacionamento com Bobby Kennedy, o irmão mais maluco de John.

Durante anos, a bombshell manteve um relacionamento com John que, eleito, resolveu dá-la de presente ao irmão. Ao mesmo tempo, Bobby, Secretário da Justiça, entrou em choque com a Gestapo disfarçada de FBI de J. Edgar Hoover e com o braço sindicalista do crime organizado, personificado por Jimmy Hoffa – a briga é mostrada em *Hoffa*, de Danny DeVito.

A telessérie faz uma grande salada de sexo, drogas e política ao especular sobre a morte da moça. Teria sido um assassinato, talvez uma vingança do crime organizado ou do FBI? Uma overdose de drogas? O filme, claro, não responde nada e deixa todas as questões em aberto. De qualquer forma, há a gracinha Melody Anderson (que estreou no cinema em *Flash Gordon*, 1980), uma Marilyn muito melhor do que as habituais drag queens que frenqüentam telas, bares e palcos pelo mundo afora.

VOCÊ TEM DOIS BONS MOTIVOS PARA IR HOJE A SUA LOCADORA PREFERIDA!



SIMULTÂNEO COM O CINEMA

NO FINAL
DO SÉCULO XIX,
UM BRILHANTE CIENTISTA
FEZ UMA INCRÍVEL DESCOBERTA QUE POR DÉCADAS,
CONTINUA ASSUSTANDO O MUNDO!

PATRICK BERGIN (Dormindo Com o Inimigo, Jogos Patrióticos)

RANDY QUAID (Expresso da Meia Noite, A Última Missão)

FRANKENSTEIN
A VERDADEIRA HISTÓRIA

UMA AVENTURA SEM FRONTEIRAS,
ONDE CRIADOR E CRIATURA, SE ENFRENTAM
NUMA DERRADEIRA E CRUCIAL BATALHA.

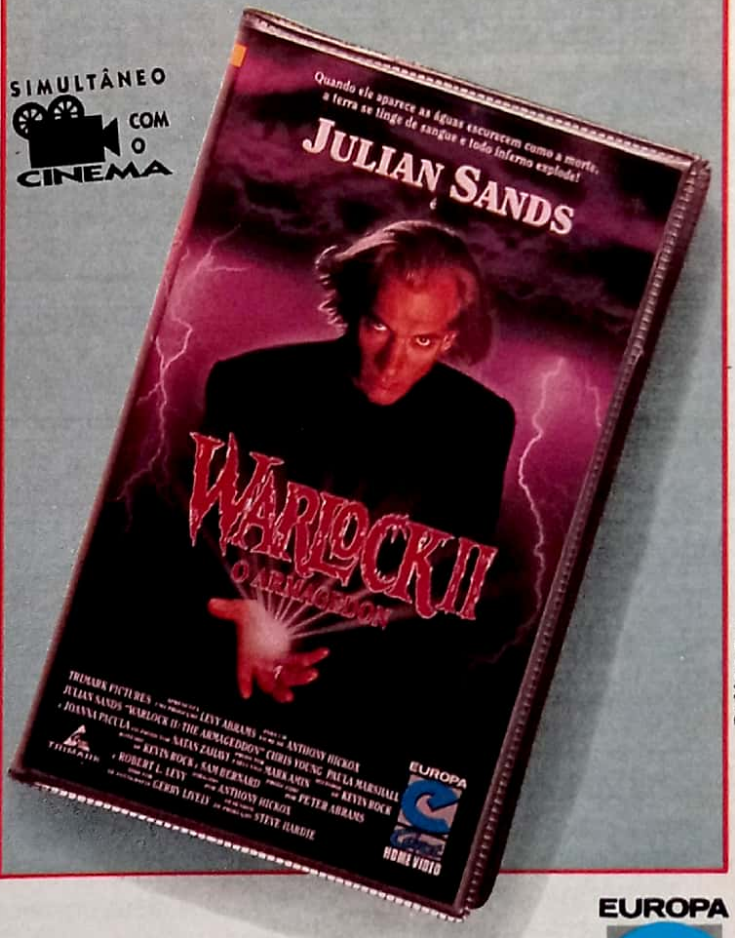
AVENTURA, SUSPENSE E HORROR EXPLODEM
QUANDO ELE É ENVIADO PARA DESPERTAR
UMA FORÇA PODEROSÍSSIMA CAPAZ DE LIBERTAR
E LANÇAR A FÚRIA DO DEMÔNIO SOBRE A TERRA.

JULIAN SANDS
em

WARLOCK II
O ARMAGEDON

Estrelando **CHRIS YOUNG** da série da CBS *"Max Headroom"*,
PAULA MARSHALL do sucesso do cinema *"Hellraiser III"*
Dirigido por **ANTHONY HICKOX** o mesmo diretor de *"Hellraiser III"*
Produzido por **PETER ABRAMS** e **ROBERT L. LEVY** os mesmos de
"Agarra-me Se Puderes" e *"Caçadores de Emoção"*.

SIMULTÂNEO COM O CINEMA



R&M 262-4046

DA TELONA DIRETAMENTE PARA SUA "TELINHA"!

CANNES HOME VIDEO

EUROPA Carat HOME VIDEO

CRISTIANA REALI

SUCESSO À FRANCESA

Com a mesma segurança com que rejeita as comparações com Isabelle Adjani, a brasileira Cristiana Reali vem construindo uma sólida carreira de atriz na França. Elogiada por suas atuações nos palcos parisienses, Cristiana chegou às telas como a filha de Jean-Paul Belmondo em *Um Estranho em Minha Casa*. Selecionada para o papel entre mais de quinhentas candidatas, ela coloca a sorte como um fator importante para o êxito, além de "não perder o trem que passa". Aos 14 anos, desprezou uma oportunidade em *La Boum*, porque preferiu vir para o Brasil de férias. O filme acabou revelando Sophie Marceau, hoje uma das mais destacadas atrizes francesas. "O trem só passou de novo na minha frente nove anos depois", quando ganhou uma bolsa para o curso de teatro mais disputado de Paris. Com 28 anos, morando fora do Brasil há 20, Cristiana diz que por enquanto prefere o teatro ao cinema, seguindo um conselho de Belmondo: não ter pressa de fazer cinema e nunca deixar o teatro. "No teatro, você até pode quebrar a cara uma vez. Mas no cinema isso pode acabar com a carreira."

Vitor Paolozzi

HERDEIRAS

JENNIFER GRANT & GIULIANA GEMMA

Ah, se papai soubesse que elas iam crescer, ficar lindas e... seguir o difícil caminho do cinema! Pois assim aconteceu com Jennifer Grant e Giuliana Gemma. Jennifer é filha de Cary, claro, e Giuliana do galã de spaghetti-westerns Giuliano Gemma. Das duas beldades, Giuliana é a que está mais decidida quanto à carreira: aos 23 anos já contracenou ao lado de Stefania Sandrelli, Charles Aznavour e Claudia Cardinale. Seu próximo passo é ficar durante três meses nos EUA filmando o suspense *Trouble City*. Enquanto Giuliana deslancha, Jennifer (27 anos) se dedica seriamente aos estudos de representação numa escola em Hollywood e testa sua capacidade como atriz na série *Barrados no Baile*, para a qual gravou cinco episódios como a professora Celeste. Os papais-corujas devem estar para lá de orgulhosos.

Fotos Stills

Giuliana (acima) e Jennifer: mantendo a tradição familiar dos Gemma e dos Grant

Panasonic
Videocassete
SD10BR

A EVOLUÇÃO
COM FACILIDADE DE OPERAÇÃO.

SUPER DRIVE SYSTEM

VHS
PAL-M/NTSC

THE WORLD'S GREATEST ENTERTAINMENT TEAM
MCA/UNIVERSAL
&
Panasonic

Prepare-se para operar um videocassete 4 cabeças com recursos fantásticos, máxima confiabilidade e que não é nenhum bicho-de-sete-cabeças.
SD10BR Panasonic. Por dentro e por fora, o vídeo nota 10.
• Super Drive System: mecanismo avançado, silencioso, preciso e de resposta rápida.
• Botões de controle em menor número, agrupados por funções lógicas.
• Super Shuttle com absoluta precisão: com um simples movimento você controla 14 funções.
• Design avançado com tampa superior à prova de poeira, para proteção dos componentes internos, cabeças de vídeo e fita.
• Limpeza automática das cabeças.
• Gravação e reprodução nos sistemas PAL-M/NTSC.
• Função Quase-Reprodução nos sistemas PAL-N/B/G.

Consulte o seu Revendedor sobre sistemas de consórcio.

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR:
(0123) 31-1033

NV-SD10BR - Produzido na Zona Franca de Manaus.

Filiais:
São Paulo (011) 584-0977
Rio de Janeiro (021) 280-5549
Porto Alegre (051) 221-2988 / Recife (081) 224-4892
Manaus (092) 237-8536

JURASSIC PARK
parque dos dinossauros

Panasonic
Antecipa o futuro

TRAILER

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

JULIA ROBERTS e **NICK NOLTE** vão estrelar a comédia romântica *I Love Trouble* como dois repórteres que investigam irregularidades no governo. As filmagens serão realizadas no estado de Wisconsin.

CHARLIE SHEEN também ataca de investigador em seu próximo projeto. Ele interpretará em *Frame by Frame* um detetive particular que busca solucionar crimes contra o meio ambiente.

O casal **SEAN PENN** e **ROBIN WRIGHT**, que já havia trabalhado junto em *Um Tiro de Misericórdia* (1990), tem nova parceria programada: eles co-produzirão *The Crossing Guard*. Penn ainda será o diretor e Robin atuará ao lado de Jack Nicholson. No mês passado, Penn e Robin ganharam seu segundo filho e o batizaram de Hopper Jack Penn, em homenagem ao ator/diretor Dennis Hopper.

Não abalado pelo fracasso de *O Último Grande Herói*, **ARNOLD SCHWARZENEGGER** desmente rumores de um *Exterminador do Futuro 3*, e possíveis participações em *Super-Homem 5*, *Star Trek: The Next Generation* e *Judge Dredd*. Em compensação, diz que há "fortes" possibilidades de atuar e dirigir *Conan 3*.

ROBERT RODRIGUEZ vai fazer uma seqüência de *El Mariachi* para a Columbia. Inicialmente os planos do estúdio incluíam uma refilmagem do primeiro longa-metragem do diretor, mas ele acabou preferindo dar continuidade às aventuras do cantor mexicano interpretado por Carlos Gallardo. Desta vez , Rodriguez terá US$ 5 milhões para torrar na produção, ao contrário dos míseros 7 mil dólares do primeiro filme. Se obtiver o mesmo sucesso que conseguiu com *El Mariachi*, que arrecadou quase US$ 2 milhões e fez sensação em festivais, Rodriguez pretende fazer uma trilogia.

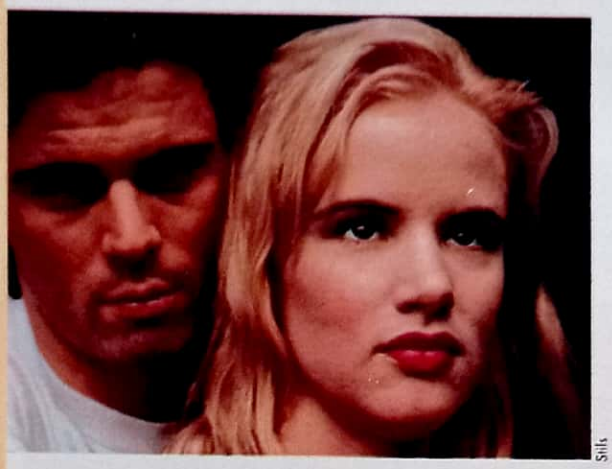
Anunciado e adiado muitas vezes, tudo indica que o filme sobre a pintora mexicana Frida Khalo finalmente vai decolar. *The Two Fridas* terá a mão de produtoras de três países (EUA, México e Itália) e **LAURA SAN GIACOMO** e a mexicana **OFELIA MEDINA** dividindo o papel central, sob direção de **LUIS VALDEZ**.

TAKES

JULIETTE LEWIS

ESTÍMULO À PEDOFILIA

Em *Cabo do Medo*, ela roubou a cena de Robert De Niro ao personificar a lolita mais safadinha do cinema desde Shirley Temple. Valeu a pena. Juliette Lewis tornou-se a mais nova queridinha de Hollywood. Apareceu na capa da edição americana da *Interview* de agosto e está em dois novos filmes. O primeiro deles é o romântico *That Night*, onde ela, lourinha, é o objeto de desejo do vizinho C. Thomas Howell. A outra produção, entretanto, é para mexer com os baixos instintos de qualquer um. Em *Kalifornia*, espécie de *Silêncio dos Inocentes on the road*, Juliette é a ingênua namoradinha do perigoso *serial killer* (mais um ?!) Brad Pitt, que viaja pela América cometendo atrocidades. Ao final da viagem, a mocinha já havia recebido um novo convite: fazer *Natural Born Killers*, dirigido pelo *Mr. Nice Guy* Oliver Stone. A gata merece e os pedófilos do mundo todo, penhorados, agradecem.



Stills

Sygma

A ninfeta perigosa com C. Thomas Howell (acima) e Brad Pitt, o *serial killer on the road*

SET RECOMENDA

PLANET HOLLYWOOD (VERSÃO LONDRINA)

A inauguração do Planet Hollywood – com a presença dos donos Willis, Stallone e Schwarzenegger – fechou o trânsito no centro de Londres. Quase dois meses depois, o lugar virou uma grande atração com filas gigantescas.
O restaurante expõe muitos objetos de filmes famosos. Vale a pena examinar de perto coisas como as orelhas do Spock ou os robôs de *Guerra nas Estrelas*. Para quem tem estômago forte, as atrações são aquela faca de *Psicose* ou o machado com o qual Jack Nicholson assustou a esposa e os espectadores em *O Iluminado*. Na noite em que eu estava lá, tinha até o Charlie Sheen em carne e osso, comendo e dando autógrafos. A comida, aliás, é bem variada: de hambúrgueres a saladas. Os preços são altos mas as porções, gigantescas. As sobremesas são de dar água na boca: que tal um bolo de nozes com rum e sorvete, ou um apple strudel – receita da mamãe de Arnie? Exorcista, Inferno na Torre e Duro de Matar são coquetéis fatais. As bebidas não alcoólicas têm nomes como Esqueceram de Mim e E.T. Uma sugestão especial é o camarão com molho crioulo (predileto de Maria Shriver, sra. Schwarzenegger), seguido de Hollywood Mousse. Tudo regado a grandes goles de Terminator, claro.
Planet Hollywood – 13 Coventry Street – W 1 – Downtown – London
Anamaria G. de Lemos, de Londres

SOCIAIS

A BELA E A FERA AO VIVO

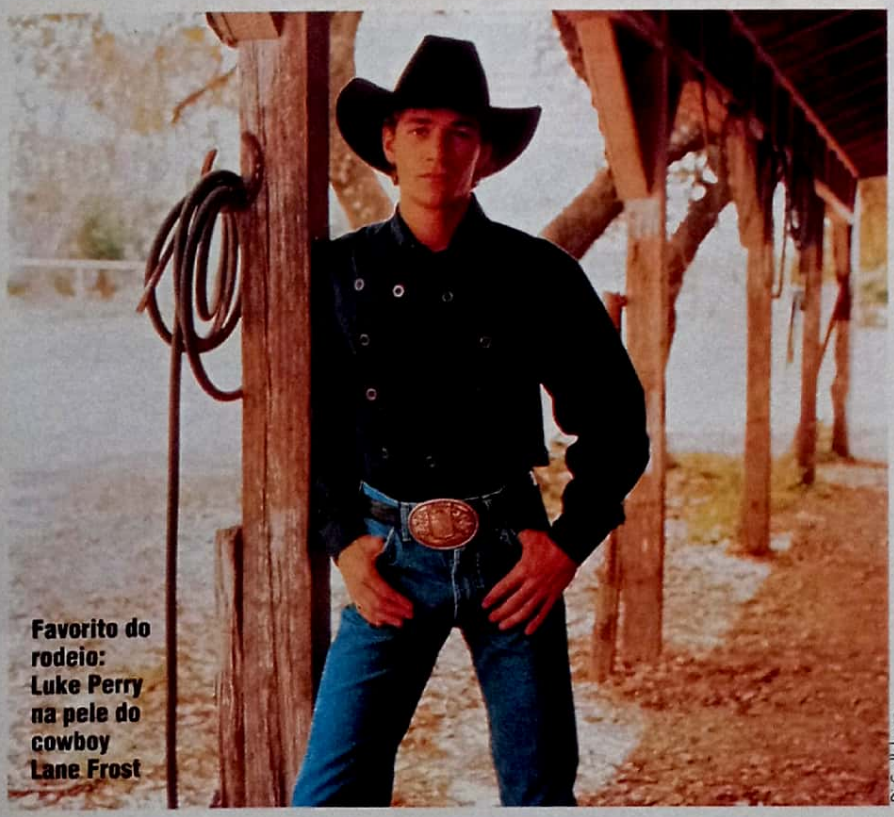
Marcio Capovilla

A festa de lançamento do vídeo *A Bela e a Fera* foi a maior e mais cara promovida pela Abril Vídeo. Realizado na Sociedade Hípica Paulista no dia 12 de agosto, o evento contou até com a Bela e a Fera em carne e osso – ou melhor, carne, osso e pêlo. O boneco da Fera (que a Abril recusou a divulgar o preço), com os seus 2,70 metros de altura, dançou com graça no salão com a delicada Bela nos braços, representando a cena mais romântica do filme. *A Bela e a Fera* está disponível tanto nas videolocadoras quanto nos magazines para venda direta ao consumidor.

LUKE PERRY

SE SEGURA, PEÃO!

Os fofoqueiros de plantão soltaram a notícia de que Luke Perry e Jason Priestley (os garotões de *Barrados no Baile*) haviam morrido de overdose de droga. Injustiça! Olhe Luke aí na foto (abaixo), todo cheio de saúde. Mais do que isso, trabalhando! Depois de atuar em *Buffy*, Luke aparece nas telas de cinema na pele de um boiadeiro. Isso mesmo, ele faz o cowboy Lane Frost em *The Lane Frost Story*, um dos mais famosos *bullriders* dos EUA e que faleceu no auge da carreira, aos 25 anos, em plena arena. Frost teve uma carreira de sucesso, porém meteórica, a qual tanto John Avildsen (dos três *Karatê Kid*) quanto Perry vão ter de dar um duro para conseguir honrar, já que os americanos não gostam que se brinque com seus heróis.



Favorito do rodeio: Luke Perry na pele do cowboy Lane Frost

Di Crollalanza

VOCÊ PODE APENAS LIGAR O RÁDIO, OU SINTONIZAR A ALPHA FM

e ouvir as melhores músicas nacionais e internacionais de todos os tempos, e ainda, estar sempre bem informado com os boletins econômicos e últimas notícias do Brasil e do mundo.

A ESCOLHA É SUA.

PÁTIO

ALPHA FM

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Caderno 2 do Estadão. Agora com nova programação visual.

O ESTADO DE S. PAULO

A ditadura da beleza, na página 4

Experience traz trechos de entrevistas de Jimi Hendrix. É um disco lisérgico como sua música e sua época.

O novo show de Diogo Vilela. Página 3

Em dezembro de 1968 Elvis teve um acesso de rock. Confira em Elvis-68 Comeback Especial.

CADERNO 2

ANO VIII 2.000 QUINTA FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1.993

BIENAL

O Silêncio - De Emmanuel Nassar, e Construção, de Carlos Fajardo, presenças brasileiras em Veneza, que este ano homenageia Francis Bacon

NOVIDADE, UMA POLÍTICA, VOLTA A TER DESTAQUE NOS ATELIÊS

A festa começa com arte e muita política

A 45ª Bienal de Veneza será inaugurada hoje para convidados especiais (a abertura oficial é dia 13) com obras de artistas de 50 países, de Francis Bacon a Paul Klee

Angélica Moraes
Enviada Especial

VENEZA — O todo poderoso curador da 45ª Bienal Internacional de Veneza Achille Bonito Oliva, está suando em bicas. Cabelo curto e ralo penteado sobre a ampla testa como um César, ele caminha a passos rápidos pelas alamedas dos Giardini di Castello, fiscalizando pessoalmente o andamento dos trabalhos de montagem desta que é a mais antiga megaexposição de arte do mundo. Dos pavilhões saem ruídos de furadeiras, retroescavadeiras manobram e guindastes ainda transportam pesadas esculturas a seus lugares. Arrastando um bando de auxiliares e um enxame de jornalistas, Oliva está esbaforido dentro de sua roupa toda preta, de mangas compridas. Sua responsabilidade não é mais confortável do que seu guarda-roupa: hoje, quando a Bienal inaugura para convidados especiais, críticos e diretores de museu, centenas de obras de artistas de 50 países distribuídos por 12 locais espalhados pela famosa cidade das gôndolas devem estar em seus locais certos.

Isto tudo sob um sol abrasador de mais de 36 graus à sombra. E diante da expectativa geral.

"Esta é uma Bienal de grande complexidade que nasce de um projeto que preparou de maneira solitária e que agora está se realizando com uma grande solidariedade internacional" diz Bonito Oliva. "Esta Bienal foi feita para celebrar os valores da coexistência pacífica entre os povos. E a arte se posicionando contra a guerra, as lutas tribais e a violência. É uma Bienal que acredita no pluralismo, que acredita que a arte é um dos poucos valores capazes hoje em dia de levar o mundo ao respeito recíproco e ao diálogo, frisa ele. Oliva sustenta que "a arte hoje quer ter uma relação de proximidade com o mundo, não quer se fechar em guetos nem excluir a realidade". Assim, não por acaso, os tradicionais pavilhões por países estão sendo compartilhados entre diversas nacionalidades. E enquanto a Bósnia vive a guerra e as minorias enfrentam o preconceito em diversas latitudes do planeta, no tradicional espaço da Bienal foi instalada uma ONU artística.

No pavilhão da Itália, o maior de todos, celebridades das artes como os escultores Emilio Vedova e Luciano Fabro, além do multimídia Franco Vaccari, pegam no pesado e ajudam a lixar um remendo no mármore machucado no transporte, conferem se a distribuição no espaço está conforme o planejado e se, afinal, essa água chega ou não chega para matar a sede dos operários e tornar mais suportável o clima. Vaccari instalou um "Bar Code/ Code Bar", uma inteligente metáfora que propõe ao público sentar e dialogar sobre as diferenças de códigos de comportamento entre as nações. Para isso, criou um bar com mesinhas e cadeiras. O artista faz um jogo de palavras entre código de barras utilizado para marcar o preço das mercadorias e o código de comportamento contido nas leis e que pode determinar a alguém viver atrás das grades (bars, em inglês). "Minha obra se situa entre dois segmentos diversos da representação italiana e pretende ser um espaço de meditação sobre as convenções sociais", conta o artista. Além das pequenas mesas iluminadas por minúsculos abajures vermelhos acesos, a instalação inclui um único poster na parede branca. Nele a foto de Silvia Baraldini, italiana condenada em 1982 a 46 anos de prisão nos Estados Unidos por ter facilitado a fuga para Cuba de uma prisioneira política americana de esquerda. "Deixem Silvia voltar para a Itália", diz um cartão que o artista distribui e pede para que o público assine e envie para a Embaixada dos Estados Unidos, em Roma. Ainda conforme Vaccari, "Silvia foi condenada pelo código de leis de um país que não é o seu".

Como se vê, os artistas voltam a considerar a política um assunto que deve estar em seus ateliês na mesma proporção das tintas, telas e material de trabalho. A Bienal de Veneza, uma tendência internacional

DISCO

Kid Abelha não precisa provar que faz rock

Ao contrário de outras bandas pop brasileiras que pensam ser rockers, o grupo lança novo álbum, Iê-Iê-Iê, fiel à linha pop FM que o consagrou e sem se importar com a crítica

Marcel Plasse

RIO — Kid Abelha chega aos dez anos lançando **Iê-Iê-Iê**. O título foi dado impulsivamente, segundo os integrantes do grupo. Mas ele fecha um círculo. A geração de roupas coloridas e cabelo curtinho do Kid surgiu na mídia como nova jovem guarda, new iê-iê-iê. Lulu Santos gravou **Calhambeque** e os Titãs eram Titãs do iê-iê-iê. Difícil lembrar, já que a maioria dos grupos formados no início dos 80 agora usa cabelos compridos, roupas sujas e guitarras distorcidas. A ironia é que Kid, que nunca foi levado a sério, confirma sua vocação pop com sucesso, enquanto outros grupos procuram atônitos por uma identidade diferente a cada mudança de moda.

O disco quase se chamou **A Teus Pés**. "A idéia me deixava nervosa", conta Paula Toller. Ela não se sente à vontade no papel de símbolo sexual. É uma oxigenada relutante, que chegou a detestar a imagem dominadora do hit **Como Eu Quero**. "Achava péssimo isso de 'longe do meu domínio você vai de mal a pior'. Como as pessoas podiam gostar de uma coisa tirana como essa?"

Paula é tímida demais. Contraditoriamente, Iê-Iê-Iê é um disco repleto de sexo. "Acho que é a única coisa com a qual sou obsessiva", acaba revelando. Três letras iniciam com a frase "O sexo que faço". "Foram feitas juntas", diz. "São três modos diferentes de fazer sexo: a maneira profissional, a transcendental e o êxtase total. Mas tem muita gente que acha que eu estou falando de três pessoas diferentes." Não está? Ela encabula.

A imprensa andou publicando fartamente fotos de seus seios, tiradas durante a participação no show Básico Instinto, de Fausto Fawcett, no início do ano. "Cheguei a tomar remédio para dormir depois disso", ela confessa. "Quando o Lui me disse que eu fiquei de peito de fora um tempão, achei que era dica... dele. Mas ...

Paula de calcinhas: "Na época ficou um clima de que eu era antipática"

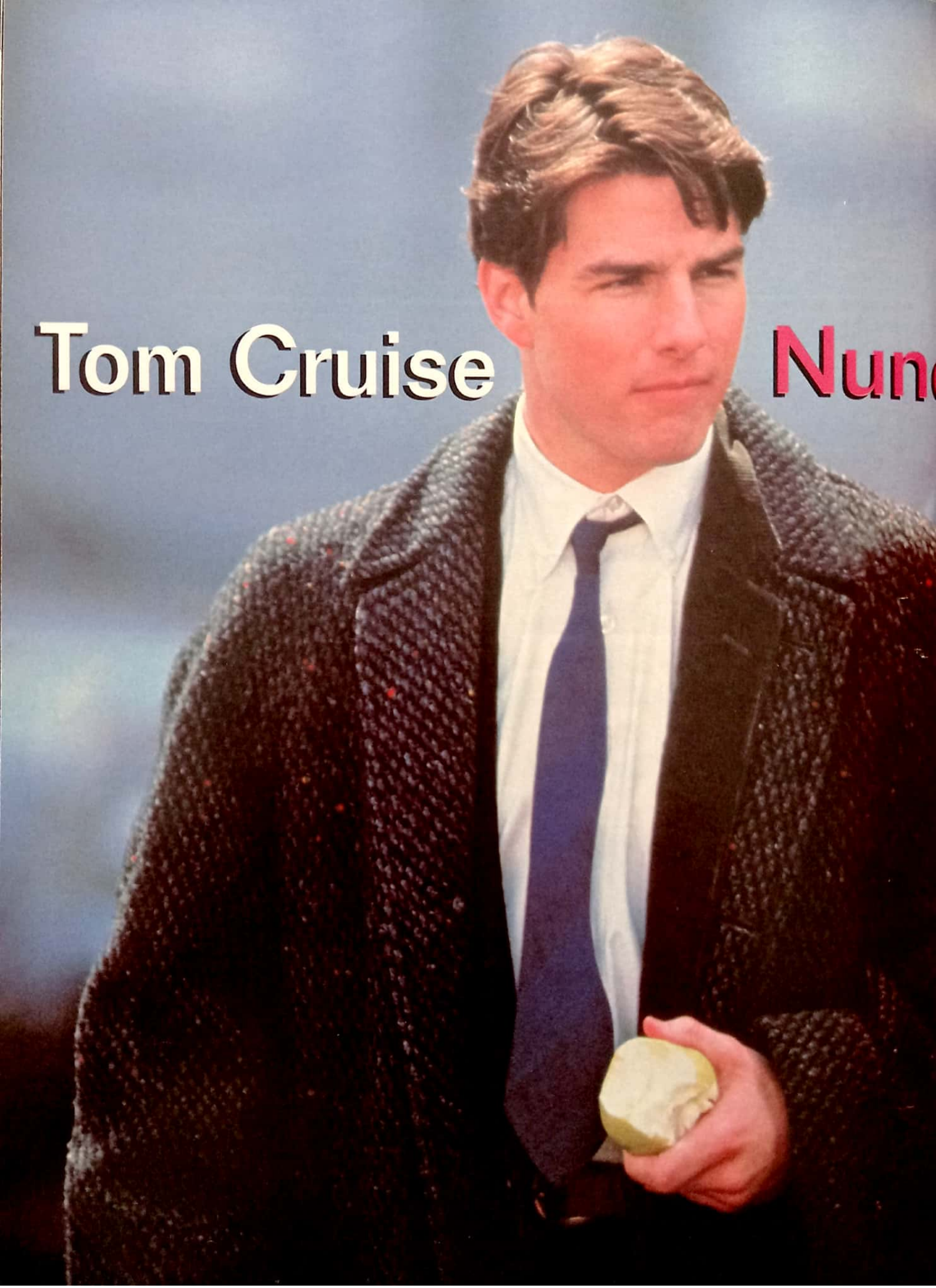
Sem título- Com a oxigenada relutante Paula Toller, ...

SERVIÇO

TEM UM BONITÃO QUERENDO LEVAR VOCÊ AO CINEMA.

Se você se interessa por cinema e espetáculos, aqui vai uma grande dica do Caderno 2 do Estadão: o próprio Caderno 2. Isso mesmo, a agenda cultural da cidade, do país e do mundo está de cara nova. Passou por uma completa reformulação tipográfica. Suas páginas foram rediagramadas. A distribuição de assuntos foi reorganizada. Enfim, foi feita uma série de inovações, a partir de pesquisas desenvolvidas no mundo todo, levando em conta tempo de leitura, visualização, facilidade para localizar as matérias. E o resultado está aí. Um caderno ainda mais bonito, mais gostoso de ler, um espetáculo. Novo Caderno 2 do Estadão. O jeito mais elegante de se freqüentar o circuito cultural.

ESTADÃO
É muito mais jornal.


Tom Cruise
Nun

ca mais um Bom Rapaz

Cansado de ser apenas mais um rosto bonito na multidão cinematográfica e depois de receber elogios rasgados por sua atuação em A Firma, o ator se prepara para seu maior desafio: interpretar o vampiro Lestat

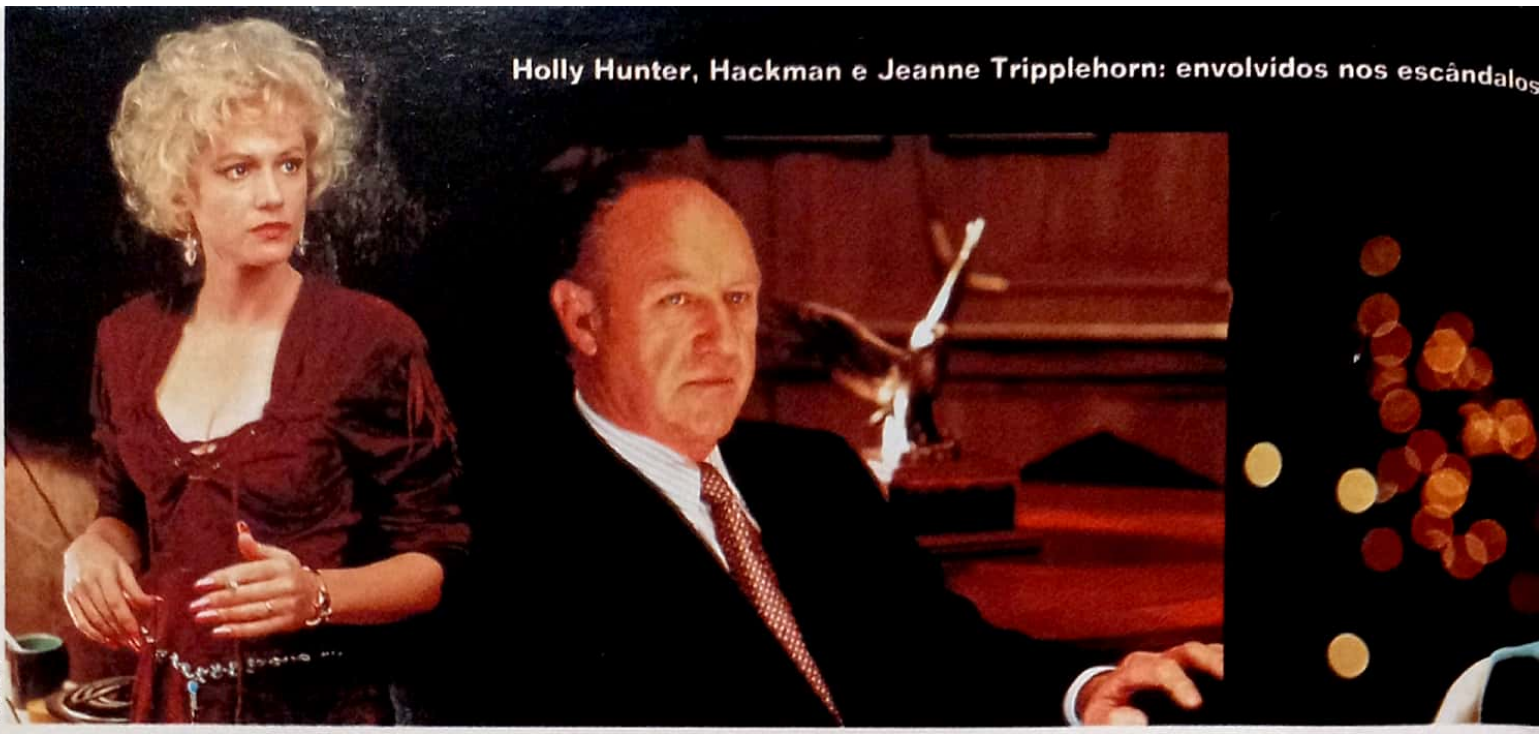
Poucas notícias sacudiram tanto Hollywood em 1993 quanto a revelação de que Tom Cruise seria Lestat, o vampiro-astro de rock e bissexual de *Entrevista com o Vampiro*, a adaptação do romance de Anne Rice encomendada pela Geffen Films a Neil Jordan (*Traídos pelo Desejo*).

Pela primeira vez em sua carreira, o jovem mega-astro (ainda com apenas 31 anos) será um vilão na tela. E pela primeira vez – aqui sim, a surpresa mais contundente da notícia – Cruise abandonará a persona de "macho-arrogante-que-aprende-uma lição-e-se-transforma-numa-pessoa-melhor" para abraçar um papel potencialmente controverso, quase desprovido de qualquer qualidade redimível.

Com essa guinada de carreira, Tom estaria começando a trilhar o mesmo caminho eclético e artisticamente arriscado de um De Niro, um Duvall e um Malkovich: o rosto bonito e o sorriso cativante capazes de atrair público no mundo inteiro estaria virando um ator sério, cumprindo a promessa vislumbrada em sua parceria com Paul Newman em *A Cor do Dinheiro*, e, no distante 1981, em sua estréia no cinema, como o cadete psicótico de *Toque de Recolher*. Pelo menos, estaria querendo ser considerado como tal.

Tom consegue a cobiçada estrela no "calçadão da fama"

A posição de Cruise, curiosamente, é das mais desconfortáveis. Ok, ele



Holly Hunter, Hackman e Jeanne Tripplehorn: envolvidos nos escândalos

Fotos Stills

ganhará 15 milhões de dólares pelo trabalho com Jordan mais 15% da bilheteria. Mas, da mesma forma que Kevin Costner está tentando em *A Perfect World*, com Clint Eastwood, Tom tenta colocar sua postura de ícone pop em segundo plano para realçar sua habilidade dramática. Só assim, talvez, se explicaria a calma e a humildade com que se submeteu aos desígnios de Neil Jordan. Ao invés de impor sua vontade – e exercer sua prerrogativa de um dos homens mais poderosos e temidos de Hollywood para exigir o papel, até então reservado a Daniel Day-Lewis –, ele concordou com o pedido de Jordan para um encontro de reconhecimento, durante o qual Tom foi sabatinado pelo diretor para revelar seus verdadeiros sentimentos em relação ao papel e ao filme. Por pouco (e faltou muito pouco) Neil não submeteu Tom a um teste de câmera, expediente pelo qual o ator não deve passar há uns bons anos. Além disso, se assim o desejasse, Jordan poderia ter dito "não" a Tom, já contando com o apoio de David Geffen – o segundo homem da indústria, prestes a suplantar Michael "Deus" Ovitz no ranking –, se essa fosse sua decisão final.

Jordan, no entanto, mesmo diante da grita em torno da escalação – a piada corrente mencionava a baixa estatura de Tom para ser o alto e imponente Lestat –, não resistiu à vantagem de ter num dos papéis principais de seu filme um dos maiores chamarizes da história recente do cinema. Ou, então, apostou em Tom Cruise, o ator.

São muitos os que acreditam não apenas no potencial econômico do astro. Pergunte a Sydney Pollack, por exemplo, sob quem Cruise trabalhou no recente sucesso *A Firma* – 125 milhões somente nos Estados Unidos, em cinco semanas de exibição

Para Ver e Rever Tom Cruise

TOQUE DE RECOLHER ★★★
(Taps, EUA, 1981) Direção: Harold Becker. Com Timothy Hutton, George C. Scott, Sean Penn. Abril Vídeo.
Do cast principal quem se destaca é Timothy Hutton, líder de uma escola de cadetes que está para ser vendida. Do elenco de apoio, os *bratpackers* Penn e Cruise fazem a diferença. Filme emotivo que tem ainda uma pequena participação de George C. Scott.

PORKY 3 ★
(Losin'It, EUA, 1983) Direção: Curtis Hanson. Com Jackie Earle Halley, Shelley Long, John Stockwell. Hipervídeo.
Bem, Cruise tinha que começar a carreira de algum jeito, certo? Depois de *Taps*, ele topou fazer esta nojenta e sem graça comédia de *sexploitation*. A escolha não foi das mais felizes, mas valeu, de qualquer forma, para dar um empurrãozinho.

VIDAS SEM RUMO ★★★
(The Outsiders, EUA, 1983) Direção: Francis Ford Coppola. Com C. Thomas Howell, Matt Dillon, Ralph Macchio, Patrick Swayze, Emilio Estevez, Diane Lane, Tom Waits. Warner.
Coppola lançou esta turma de jovens e talentosos atores, dos quais apenas Howell optou por traçar uma carreira mais cheia de baixos do que de altos. É um drama que não perde a atualidade por mostrar adolescentes desajustados e problemáticos.

NEGÓCIO ARRISCADO ★★★
(Risky Business, EUA, 1983) Direção: Paul Brickman. Com Rebecca DeMornay, Curtis Armstrong. Warner.
Primeiro sucesso da carreira de Tom Cruise. Comédia com toques sutis de humor negro que traz um jovenzinho Cruise numa performance excelente. Apesar de meio rechonchudo, a "dança da cueca" já se transformou numa cena clássica. A fita também lançou DeMornay. O filme fez tanto sucesso e a garotada se ligou tanto no personagem de Cruise que as vendas de óculos Ray Ban aumentaram.

A LENDA ★
(The Legend, Inglaterra, 1985) Direção: Ridley Scott. Com Mia Sara, Tim Curry, David Bennett. VTI.
Ridley Scott, que fez os ótimos *Alien – o Oitavo Passageiro* e *Blade Runner*, caiu na besteira de realizar esta fita confusa e sem graça. Até as tietes de Cruise não devem se empolgar com esta ficção científica, cujo único ponto positivo é trazer Tom com cara de "bebê Johnson".

ASES INDOMÁVEIS ★★★
(Top Gun, EUA, 1986) Direção: Tony Scott. Com Kelly McGillis, Anthony Edwards, Meg Ryan, Val Kilmer, Tom Skerritt. CIC.
As três estrelas acima são para as cenas de batalhas aéreas, as melhores que o cinema já fez e copiadas até em campanha publicitária da Coca-Cola. Sucesso até hoje, *Top Gun* lançou Tom Cruise ao estrelato. E não foi por mérito, sua atuação não passa de mediana, mas mais pelo estilo videoclip da produção. Apesar disso, fãs de Tom Cruise devem considerar esta fita

como a de cabeceira. A canção-tema "Take My Breath Away" levou o Oscar.

A COR DO DINHEIRO ★★★
(The Color of Money, EUA, 1986) Direção: Martin Scorsese. Com Paul Newman, Mary Elizabeth Mastrantonio, John Turturro. Abril Vídeo.
Um dos melhores filmes de Tom Cruise, ainda antes de estourar com *Top Gun*. Ele se esforça na atuação e faz justiça à presença de Newman. Não resta dúvida de que se Cruise for dirigido (no caso, os méritos vão para Scorsese), ele consegue ser convincente na tela. Para quem não gosta de sinuca, a fita deve ser aborrecida, mas merece ser visto pelo menos uma vez. Oscar de ator para Paul Newman.

COCKTAIL ★★
(EUA, 1988) Direção: Roger Donaldson. Com BryanBrown, Elizabeth Shue, Lisa Banes, Kelly Lynch. Abril Vídeo.
Depois de *Ases Indomáveis*, parece que os diretores viram o novíssimo galã hollywoodiano como um "rei Midas". E acertaram. Desde então, qualquer filme em que ele esteja no cast rende boas bilheterias (talvez a exceção seja *Questão de Honra*, que chegará às locadoras nos próximos meses). *Cocktail* mistura um pouco de todos os gêneros: tem romance, comédia, drama e cenas belíssimas num lugar paradisíaco à beira mar, além do ótimo balé de copos e garrafas feito por Brown e Cruise enquanto barmen. Não esperem mais do que isso.

RAIN MAN ★★★
(EUA, 1988) Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman, Valeria Golino. Warner.
Mais um ponto para Tom Cruise: ele não deixou que seu talento se ofuscasse pelo excesso de estrelismo de Hoffman, que inclusive levou o Oscar de ator para casa. Muito pelo contrário, segurou a onda com performance elogiada principalmente pelo público. Além de não cair no pieguismo barato, o filme tem como ponto alto as cenas da viagem dos irmãos Cruise e Hoffman do centro-oeste até Los Angeles.

NASCIDO EM 4 DE JULHO★★★
(Born on the Fourth of July, EUA, 1989) Direção: Oliver Stone. Com Willem Dafoe, Tom Berenger, Kyra Sedwick. CIC.
Drama de guerra baseado na autobiografia de Ron Kovic, o qual escreveu o roteiro a quatro mãos com Stone. Ponto para Cruise, que deixou a imagem de galã perfeito de lado e encarnou um Kovic de peruca desgrenhada e barba por fazer. O filme dividiu a crítica, mas não o público fiel das estrelas Cruise e Stone. É um drama pesado, no melhor estilo stoniano.

DIAS DE TROVÃO ★★
(Days of Thunder, EUA, 1990) Direção: Tony Scott. Com Robert Duvall, Randy Quaid, Nicole Kidman. CIC.
Oportunismo do oportunismo, Scott tenta mas não consegue repetir a receita de sucesso de *Top Gun* e novamente abusa de boas tomadas, desta vez com carros de corrida, do tipo *clipmovie*. Foi durante a produção que Tom Cruise e Nicole Kidman se conheceram, cujo final feliz todos já conhecem. Mais uma vez, Cruise detona corações. Ele está de arrasar, mesmo.

UM SONHO DISTANTE★★★
(Far and Away, EUA, 1992) Direção: Ron Howard. Com Nicole Kidman, Thomas Gibson, Robert Prosky, Eillen Pollock. CIC.
Primeiro passo dado por Tom Cruise para deslanchar sua carreira no sentido oposto até agora: filmes mais sérios, mais adultos e, principalmente, que dão um basta na imagem de "galã burro". E ele acertou. O filme conta a saga do irlandês Joseph Donnely que vai para a América em 1892 conquistar seu pedaço de terra. Ao lado da esposa Nicole (que se revela também uma ótima atriz), Tom segura esta fita com o poder dos grandes astros hollywoodianos – segurança e domínio são visíveis. Além disso, a fotografia (o filme foi rodado na Irlanda e nos EUA) e o argumento são de encher os olhos. Pena que o sistema de 65 mm desenvolvido para o filme se perca na tela da TV.

Deborah Peleias

–, e você ouvirá elogios não ao ícone mas ao ator. "Ele é como uma esponja", disse Pollack à SET. "Ele é absolutamente cheio de paixão para aprender, extremamente animado, sequioso de direção, nunca deixa por menos, sempre busca o melhor desempenho possível. Às vezes, ele faz trinta takes até se dar por satisfeito."

E é o ator, e não o ícone, quem ajuda a equilibrar um elenco de bambas em *A Firma* – entre eles o magnífico Gene Hackman, ao mesmo tempo mentor e nemesis do Mitch McDeeve de Cruise, pares numa firma de advocacia onde a lealdade é cobrada com a vida. Ao contrário de chegar ao clímax do novo filme aos berros – como no recente *Questão de Honra*, onde travou uma altíssima batalha verbal com Jack Nicholson –, Tom aterrissa na resolução atônito, exausto e cicatrizado pelas descobertas que fez ao longo da história, mas ao mesmo tempo aliviado por ter achado a melhor maneira de manter sua licença de advogado e, ainda assim, destruir "A Firma", colocando-a em rota de colisão com seu maior cliente: a Máfia.

"Tornei-me um dos maiores fãs de Tom Cruise", prossegue Sydney, "e por várias razões: ele é ainda muito jovem. Ainda tem tempo de sobra para crescer e para adquirir sabedoria. Ele tem sido muito bom no papel do bravo herói, como em *Ases Indomáveis*. Mas no meu filme ele tem um desempenho mais modesto, menos chamativo. E, por isso, mais complicado."

José Emilio Rondeau

SET

The Firm, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Sydney Pollack ■ ROTEIRO: David Rabe, Robert Towne, David Rayfiel, a partir do romance de John Grisham ■ FOTOGRAFIA: John Seale ■ MÚSICA: Dave Grusin ■ Com Tom Cruise, Jeanne Tripplehorn, Gene Hackman, Hal Holbrook, Ed Harris, Holly Hunter ■ UIP.

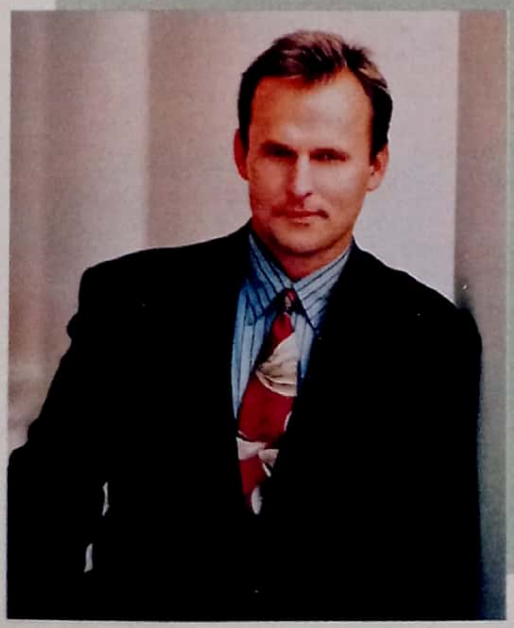
JOHN GRISHAM

Carreira de Brilho

O autor de *A Firma* e de *O Dossiê Pelicano* (ambos lançados aqui pela editora Rocco) consegue um feito nos EUA que no Brasil parece coisa de outro mundo: no metrô, nas praças, nos ônibus, nos balcões de bares e mesas de restaurantes, enfim, em qualquer lugar, se lê ou se comenta sobre seus livros. Sem sombra de dúvida, John Grisham, aos 38 anos, é um dos mais bem-sucedidos autores americanos dos últimos tempos. Depois dele, em efeito de vendas, vem Michael Crichton (o mesmo de *O Parque dos Dinossauros*) com *Sol Nascente*, estrelado nos cinemas por Sean Connery e Wesley Snipes (ver matéria nesta edição)

Seu recente *The Client* alcançou o primeiro lugar das listas dos mais vendidos dez dias após seu lançamento, em março deste ano – a tiragem inicial de 950 mil exemplares de The Client esgotou assim que chegou às livrarias. Mal a primeira impressão saiu da gráfica, uma outra de 1,23 milhões já estava programada. Não é de se estranhar. *A Firma* vendeu 6,5 milhões e *O Dossiê Pelicano*, 4,5 milhões. Esses números devem deixar os editores brasileiros morrendo de inveja.

Mas o milionário advogado John Grisham não fica só na literatura e está cada vez mais nadando em dinheiro: Hollywood adora transformar seus livros em filmes, e para isso está pagando a Grisham o que ele pede. *A Firma* foi o primeiro a ter os direitos de filmagem comprados, e a um preço módico: US$ 600 mil; aí foi a vez de *O Dossiê Pelicano*, pelo qual Francis Ford Coppola pagou US$ 1,28 milhões; e por fim, Joel Schumacher interessou-se em filmar *The Client*, mas antes Grisham exigiu US$ 2,5 milhões.



Contudo, o sucesso não veio do nada. Grisham, antes de ser rico e famoso na área literária, amargou o lançamento de seu primeiro thriller *A Time to Kill* (de 1989) – teve que comprar mil dos cinco mil exemplares impressos da única edição. Os livros de Grisham vendem muito por um único motivo: ele escreve sobre aquilo que mais entende. Advogado há anos, usa sua experiência jurídica-policial e inclusive alguns casos que defendeu para criar suas histórias. Por isso, elas prendem o leitor até o último ponto final.

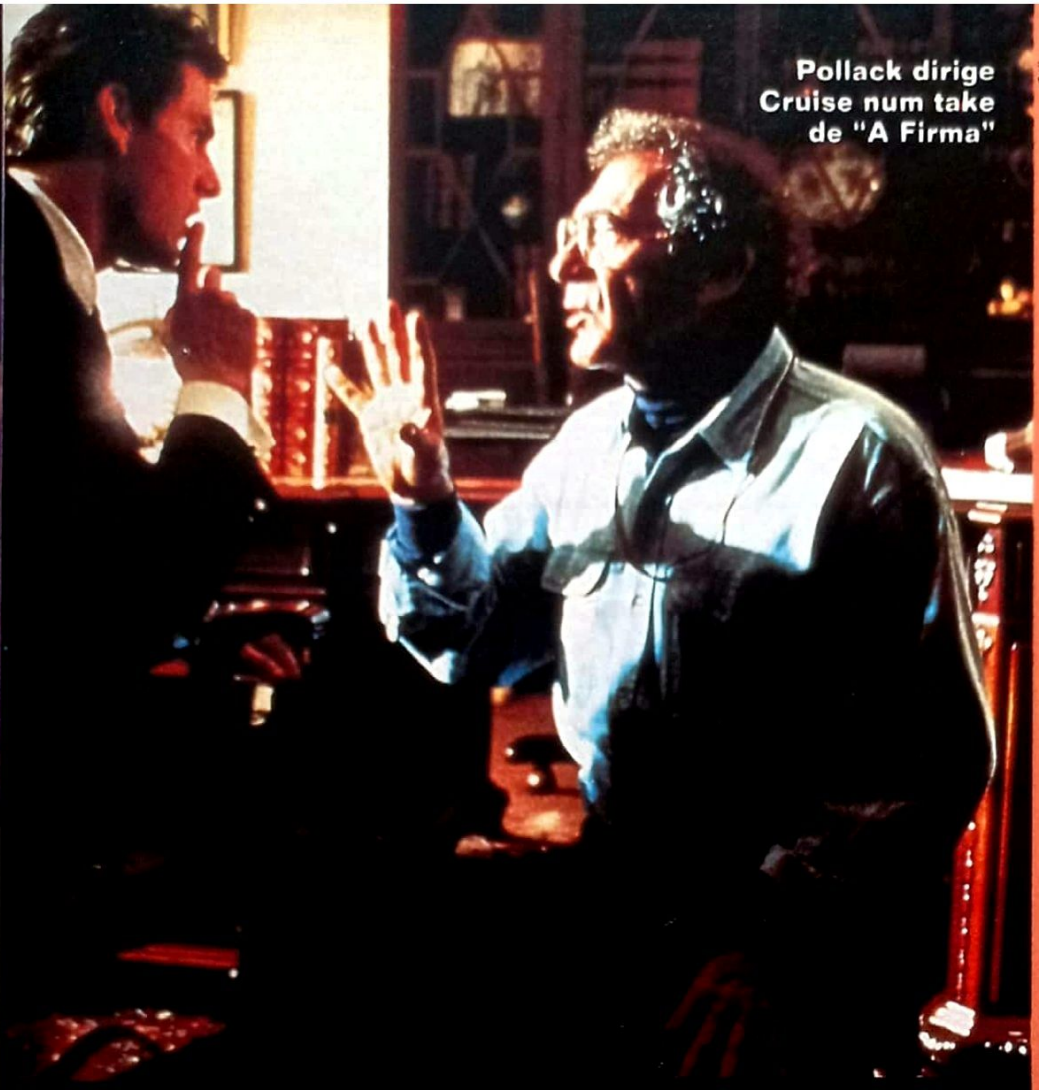
D. P.

Entrevista

Sydney

"Faço os

Sydney Pollack, diretor de *A Firma*, sempre teve uma certa predileção por personagens *outsiders* como os incansáveis dançarinos de *A Noite dos Desesperados* (1969) ou o cowboy de bom coração de *O Cavaleiro Elétrico* (1979), que rouba um puro-sangue – e enfrenta a polícia – apenas para devolver o animal à vida selvagem. Desta vez, entretanto, ele foi às entranhas do capitalismo americano contando a trajetória de um jovem e brilhante advogado envolvido com tubarões das finanças e mafiosos inescrupulosos. Nesta entrevista exclusiva à SET, ele fala de seu filme e do polêmico final, bastante diferente do best-seller que lhe deu origem.



Pollack dirige Cruise num take de "A Firma"

Smith

Pollack

Filmes que Gostaria de Ver"

O filme já chegou às telas com um público embutido, digamos assim, formado pelos leitores do livro. Por outro lado, muitas pessoas que gostaram do livro não gostaram das mudanças feitas na trama para que ela se adaptasse melhor ao formato cinematográfico. Como você equilibra esses dois pólos, mantendo um atrativo para os leitores, mas, ainda assim, permanecendo fiel à linguagem de cinema?

Vamos ser sinceros: há quem goste mais do final do filme do que no livro. E há quem goste mais do final no livro do que no filme. Depende de quanto você gostou do livro. Pessoalmente, sempre adorei o livro; mas adorei 80% porque me desapontei com o final. Porque, no livro, me parecia que Mitch (o personagem de Tom Cruise) havia se transformado num vigarista igual às pessoas que estavam atrás dele. Ele acabava roubando 30 ou 40 milhões de dólares de uma outra pessoa e saía navegando num barco para sempre, nunca sendo capaz de atracar num porto ou de pôr o pé em terra firme. Depois de ter passado o livro inteiro torcendo por ele, me senti desconfortável com esse final. Não entendia muito bem o que queria dizer: que a sociedade corrompia até os mais honestos? E que não havia outra saída?

Aliás, nunca fui fã de *happy endings* (*risos*). Portanto, não mudei o final por querer um *happy ending*. Não é o tipo de coisa que eu faça, haja visto *A Noite dos Desesperados*. Mas, dessa vez, talvez porque estivesse fazendo pela primeira vez um filme que não era sobre minha geração, mas sobre a geração dos meus filhos, me pareceu deprimente terminar esse filme com o protagonista jovem tornando-se

***A Firma* já pode ser considerado um dos maiores sucessos de bilheteria do atual verão americano. Você tinha alguma idéia de que isso poderia acontecer, quando decidiu filmar o livro? Você fez o filme já pensando no sucesso que ele poderia ter, porque o livro havia sido um best-seller?**

Ainda não sei se o filme é um sucesso arrasa-quarteirão, como costuma se dizer. Mas estou começando a aceitar os fatos, porque tivemos uma estréia fenomenal, 7,2 milhões de dólares, um recorde para uma estréia de meio de semana que não era uma seqüência. Para ser honesto, duvido que exista um diretor que saiba, com antecedência, que tem um sucesso nas mãos. Se alguém fosse capaz disso, criaria uma fórmula, uma receita. De certa forma, e acho que posso falar por todo mundo, o que tentamos é fazer um filme que nos agrade, em primeiro lugar. Fazemos o filme que gostaríamos de ver nos cinemas. Essa atitude se aplica a todos os filmes que fiz, que foram sucesso ou fracasso. Não fiz nada em *Havana* ou *Bobby Deerfield* diferente de *Tootsie* ou *Entre Dois Amores*. Fiz os filmes que eu queria ver. Só que, em alguns casos, ninguém mais quis vê-los. Esta é uma sensação ruim, mas é um risco que você corre, porque a alternativa – elaborar algum tipo de fórmula do sucesso – é impossível.

tão corrupto quanto todos os outros.

O que eu queria era que ele perdesse tudo, ficasse sem nada, mas que, de alguma maneira, ainda mantivesse a alma. Sempre gostei de um formato circular de filme, A-B-A, em que a pessoa volta a ser como era antes, mas bem mais sábia. Mas, como já disse, há quem preferia o final do livro, o que é compreensível. Se você lembrar bem, cerca de cem páginas do romance se passam na Flórida onde tudo o que o protagonista faz é xerocar, xerocar, xerocar. Lendo é ótimo, porque no livro você está dentro da cabeça do protagonista. Mas em filme isso não funcionaria.

J.E.R.

MEG RYAN

SAFE SEXY

Apesar de não possuir o instinto selvagem das loiras de última geração, Meg transformou *Sintonia de Amor* – comédia romântica sobre um casal que se apaixona à distância – num dos grandes sucessos do verão americano

É possível existir em Hollywood uma atriz que tenha dispensado a chance de estrelar *Uma Linda Mulher*, *Ghost* e *O Silêncio dos Inocentes* e que, mesmo assim, consegue manter seu prestígio inabalado, a ponto de ser um dos maiores cachês femininos do mundo, na casa dos US$ 2,5 milhões? Sim: Meg Ryan.

Aos 31 anos, depois de ter trocado alguns dos maiores sucessos dos últimos anos por papéis duvidosos em *Joe Contra o Vulcão* (1990) e *The Doors* (1991), Meg Ryan é uma das razões do êxito de *Sintonia de Amor* (*Sleepless in Seattle*), a zebra desta temporada nas bilheterias americanas. O filme escrito e dirigido por Nora Ephron (a mesma roteirista de *Harry e Sally – Feitos um para o Outro*) arrecadou mais de US$ 92 milhões em um mês e meio de exibição.

Sintonia de Amor cumpre o que promete: emociona e entretém. Ninguém escapa de mergulhar sem reservas na romântica história da jornalista certinha Annie Reed (Meg). Em busca de uma paixão arrebatadora como as que vê nos filmes, Annie enlouquece por um viúvo (Tom Hanks) que só conhece de voz, quando o ouve, por acaso, num programa de rádio.

Solitário, Sam Baldwin tem sua voz levada para todo o país quando o filho, preocupado com a reclusão do pai, liga para uma rádio para ver se o ajuda a conseguir uma nova namorada. Annie vive em Baltimore, na costa leste dos EUA, e Sam mora do outro lado, em Seattle.

"Amor é algo de que todos nós precisamos, faz parte da condição humana", diz Meg sobre seu personagem." Como achar isso? Nesse sentido compreendo muito bem o dilema de Annie: ela quer manter magia e romance na vida dela, mas como será possível encontrar esses elementos?". Mas, como nos filmes românticos que Annie adora ver, o amor em *Sintonia* nasce das improbabilidades, do acaso – as forças do destino em ação.

"O problema dela é que ainda não conseguiu achar o cara certo", continua. "E como descobrirá quem é ele? Seu noivo é bonito e charmoso, é uma pessoa doce e a ama intensamente. Ele, na verdade, pode ser um príncipe encantado, mas para outra mulher, não para ela. E Annie, tampouco, é a parceira ideal para ele: eles são imperfeitos um para o outro".

Ao contrário de seu personagem, que à certa altura do filme se questiona se deve ou não prosseguir na loucura de desistir de um casamento e perseguir um homem que nunca viu ("mas e se ele for o amor da minha vida e eu não for atrás dele?"), Meg não tem dúvidas sobre os acasos do destino. Desde 1991, está casada com o ator Dennis Quaid, que conheceu nas filmagens de *Viagem Insólita* (1987). Ao serem apresentados, Quaid disse que já a conhe-

Fotos Stills

"Filme de Menina" é Legal e Não Faz Mal

O sucesso de *Sintonia de Amor* faz parte de um fenômeno maior que o carisma de seus protagonistas. Remete a êxitos como *Ghost*, *Harry e Sally – Feitos um para o Outro* (com a mesma Meg Ryan) e *Tomates Verdes Fritos*, por exemplo. O que dizer destes filmes? Produções bem cuidadas, é certo, mas com orçamento reduzido e absoluta ausência de pretensão. À sua estréia, nem o mais otimista dos executivos de seus estúdios apostaria no bom desempenho obtido nas bilheterias e no caráter cult que adquiriram. Bem, no caso de *Ghost*, "bom desempenho" é café pequeno. O filme entrou direto entre as quinze maiores bilheterias de todos os tempos, destronado apenas pelo *blockbuster Parque dos Dinossauros*.

Como esses filmes reverteram suas expectativas modestas, então? A explicação é o que se detectou e se estabeleceu como uma das tendências mais fortes em Hollywood para os próximos dois anos: os chamados "filmes para mulheres" – denomição algo machista, aliás. Pesquisas responderam que quem escolhe a que filme assistir são as mulheres, namoradas e afins. E, raras exceções, elas não escolhem os chamados filmes de ação.

Entram em cena, então, valores como o verdadeiro amor, a amizade, carinho, bla bla bla.... Uma trilha sonora delicada, atrizes cuja beleza não ameacem a cara espectadora do outro lado, protagonistas que não parecem tão difíceis assim de serem conquistados e...*voilá*! Temos um sucesso que se repete sistematicamente em vídeo. Filmes bobinhos, em suma, mas que marcam, às vezes, toda uma geração (caso de *Ghost*, que substituiu *O Pequeno Príncipe* como objeto de consumo cultural das misses e adolescentes).

Se o leitor me permite uma observação pessoal, por mais urbana, contemporânea, mulher independente, que trabalha etc., eu mesma não vejo todo tipo de filme não. Mesmo quando *hypados* por toda mídia. Não vejo filme de terror, não vejo filme de maus tratos a crianças, não vejo filmes nojentos, escatológicos ou ginecológicos. Os violentos, só os que têm violência "de mentira", tipo as superproduções. E, se me permitem outro aparte, "a-do-ro" *Harry e Sally*.

Erika Palomino

Fotos *Stills*

cia: por volta de 1982, os dois moravam em Nova York a cerca de uma quadra de distância. Quaid se lembrava de tê-la visto na Amsterdam Street, vestindo uma malha verde. Meg conseguia se recordar da malha, mas não de Quaid, e isso não foi o suficiente para fazê-la aceitar as cantadas. Depois de muitas voltas e mais um filme juntos – *Morto ao Chegar* (1988) –, os dois acabaram se casando. No ano passado, nasceu o primeiro filho, Jack Henry.

Recentemente, o casal fez o terceiro filme junto, *Flesh and Bone*, com lançamento marcado para novembro nos EUA. É um filme pesado, sem nada em comum com as habituais comédias em que Meg tem participado. Sem parar para descansar, ela já tem o próximo projeto escolhido: *Significant Other*, outro drama sombrio, em que atuará com Andy Garcia. Talvez estes filmes ajudem a desmanchar um pouco a imagem de "namoradinha" que Meg Ryan vem construindo desde que estreou no cinema em 1980, como a filha de Candice Bergen em *Ricas e Famosas*.

Fora das telas, Meg não parece nem um pouco ingênua e frágil. Ela é determinada – rompeu com a mãe e se recusa a uma reconciliação –, possui uma produtora de filmes e pensa em começar uma carreira como diretora, em que, certamente, vai explorar ângulos femininos.

Em *Sintonia de Amor*, Meg pela primeira vez foi dirigida por uma mulher, Nora Ephron – a mesma, aliás, que imaginou a antológica cena em que Meg finge um orgasmo dentro de um restaurante em *Harry e Sally – Feitos um para o Outro*. Nora debutou recentemente na direção com *This Is My Life*, inédito no Brasil, e foi

A romântica Meg (acima, com Rosie O'Donnell) e Hanks: paixão platônica

Tri-Star Pictures

convidada para dirigir o filme depois que Ray Stark (o homem que catapultou Julia Roberts em direção ao estrelado com *Flores de Aço*) desistiu do projeto. Nora, não teve dúvidas, escalou Meg para o papel, reescreveu o roteiro e começou a rodar a comédia romântica sobre encontros e desencontros entre um homem e uma mulher.

"Olha só como é interessante: nesse filme", diz Meg, "Annie ouve a voz do personagem de Tom Hanks e aquilo basta para ela sair em busca dele. Mas ele não: ele precisa ver o rosto dela. Felizmente existem diferenças fundamentais entre homens e mulheres".

Vitor Paolozzi e José Emilio Rondeau

TOM HANKS

Príncipe Desencantado

Apesar do êxito de *Sintonia de Amor*, o galã da história não se ilude com o sucesso em Hollywood

Você acredita no destino?

É claro! É como se você me perguntasse se eu acredito em oxigênio. Todo mundo acredita no destino. Especialmente mais tarde, quando analisamos tudo o que aconteceu antes conosco *(risos)* e consideramos aquelas ocorrências como sendo atos do destino.

Você e Meg Ryan só aparecem juntos em cena três vezes e só se encontram mesmo no final do filme. Como se costuma falar aqui em Hollywood, para um filme assim é importante que exista uma "química" entre o casal de protagonistas, mesmo que sua interação acabe sendo mínima?

Pois é, foi uma situação muito especial. A gente acaba não aparecendo junto muitas vezes, mas é assim que é o filme, e ele acaba tendo nós dois nele, mesmo que a maior parte do tempo em separado. Normalmente, quando você está vendendo uma comédia romântica, o casal precisa estar junto o tempo inteiro, mas para *Sintonia de Amor* o gancho foi todo construído no fato de que eles só se encontram mesmo nos três minutos finais. Foi frustrante para nós, porque Meg e eu só trabalhamos juntos durante uma única semana. Nos demais dias, nos cruzávamos na sala de maquiagem, e só.

Durante o tempo todo, *Sintonia de Amor* meio que se rebela contra os filmes românticos, dizendo que eles criam expectativas irreais de romance entre os carentes de amor. Mas este filme não acaba criando exatamente essa expectativa irreal?

O "se apaixonar" é um conceito que todos nós buscamos nos filmes. E digo a você que até os aborígenes da Austrália concordariam comigo, porque é uma coisa universal! Aqui, nos Estados Unidos, nós tentamos fabricar este sentimento de paixão até nos comerciais! O bem-estar acaba sendo definido por um comercial de cerveja!

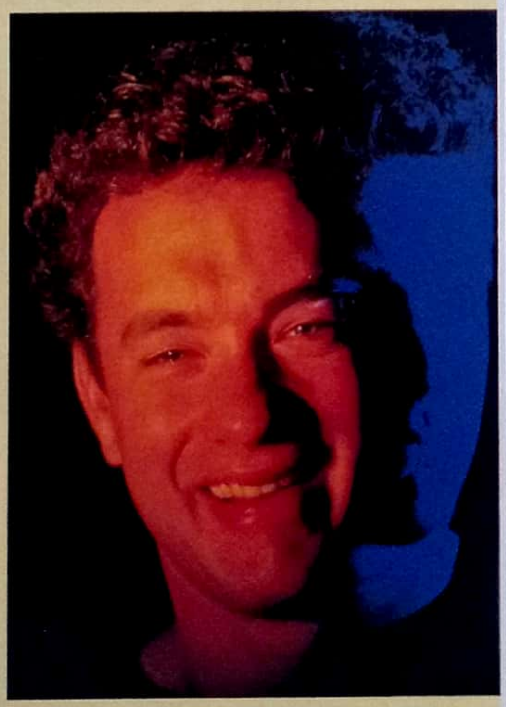
Filmes menores, por assim dizer, como *Sintonia de Amor* estão saindo "do nada" e se transformando em grandes sucessos de bilheteria, sem um terço da força promocional dos arrasa-quarteirões que todos nós já conhecemos. Você tem idéia por que isso tem acontecido?

Acho que é porque o público quis gostar deles! Trabalhamos numa indústria tão movida pelo comércio, cercados de logotipos e posters antes mesmo que os filmes sejam lançados, que o público não consegue escapar deles. Mas com filmes como *Sintonia* é como se você descobrisse uma coisa que ninguém descobriu ainda. Isso aconteceu com *Tomates Verdes Fritos* e *Minha Vida de Cachorro*, não foi?

Depois do grande sucesso de *Sintonia de Amor*, você estreará, no fim do ano, um filme que pode gerar controvérsia, *Philadelphia*, onde seu personagem é um advogado aidético demitido do emprego por ser gay e que processa a empresa através de um brilhante advogado, Denzel Washington, que é homofóbico. Como é essa montanha-russa do sucesso?

Essa sucessão, como você diz, ocorreu três vezes diferentes na minha carreira. Meu primeiro filme, *Splash*, simplesmente entrou no inconsciente coletivo, rendeu 80 milhões de dólares e me levou para a capa da revista *Life*. Pensei comigo: "Então é fácil assim?" *(risos)*. Depois você faz cinco ou seis filmes que não acontecem. Aí veio *Big–Quero Ser Grande*, *Fogueira das Vaidades*, *Joe Contra o Vulcão*, e as reações foram completamente opostas. Agora isso. Ou seja, já estou vacinado *(risos)*.

J.E.R.



Faça maravilhas por você.

Está aberta a temporada dos morangos. Vermelhinhos e saborosos, eles fazem muito mais que dar aquele toque especial nas tortas e saladas de frutas. A edição deste mês da revista SAÚDE! apresenta todas as virtudes nutritivas - e até terapêuticas - da fruta, além de dar muitas receitas deliciosas. SAÚDE! também ensina você a escolher os sapatos certos e mostra 16 maneiras de prevenir e combater o stress. Como você pode ver, SAÚDE! é o tipo de leitura que só faz bem.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

ROGER CORMAN
Mr. Trash

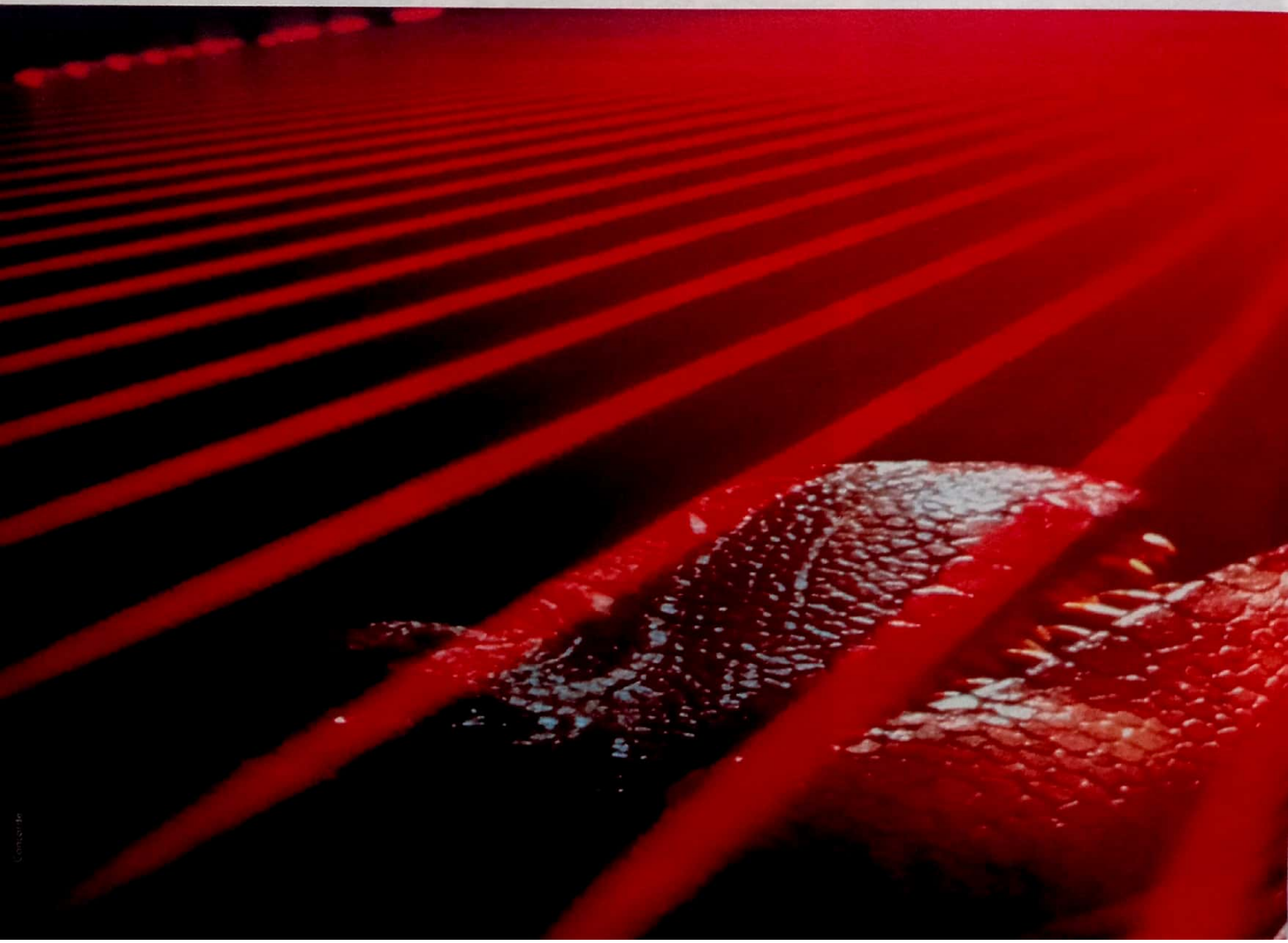
Ele é um pirata: produz filmes pelo preço de um carro usado e fatura milhões saqueando idéias dos conglomerados hollywoodianos

Como é que uma produtora independente sobrevive numa Hollywood onde o custo de um filme "médio" ultrapassa 15 milhões de dólares? Para entender como isso pode acontecer, leia com atenção esta entrevista com Roger Corman. O pai do cinema B e cérebro por trás de *Emissário de Outro Mundo* (1957) e *A Pequena Loja dos Horrores* (1961) é um dos poucos produtores que conseguiram prosperar em meio à ganância e aos custos exorbitantes do cinema americano.

Corman é dono da Concorde Pictures, uma das produtoras independentes mais rentáveis dos Estados Unidos, com um lucro líquido na casa dos 100 milhões de dólares por ano. Ele gerencia a empresa com a sabedoria e a experiência de quem fez filmes ótimos com orçamento zero, usando muita criatividade para superar a carência de recursos.

Qual o segredo? Primeiro, roteiros simples. Segundo, orçamentos modestos, que nunca passam dos 4 milhões de dólares (comparativamente, um terço do salário de Tom Cruise). E, finalmente, um esquema de distribuição inteligente, que privilegia o mercado de vídeo. Mas não é só isso. Corman é esperto como uma serpente (no bom sentido). Quando sabe de algum projeto milionário envolvendo um filme de vampiros, por exemplo, imediatamente ordena que sua equipe inicie um projeto semelhante, para faturar com a onda de publicidade que o gênero vai ganhar.

Este ano, Corman bateu o recorde: duas semanas antes do lançamento de *Jurassic Park*, botou no mercado *Carnosaur* (que chega este mês às videolocadoras pela California Home Video), um



Warner

ótimo filme de dinossauros assassinos com Diane Ladd no papel principal. Lançado em apenas cem salas (*Jurassic Park* entrou em quase três mil telas), *Carnosaur* praticamente já pagou seu custo de 4 milhões de dólares – e ainda nem foi colocado à venda nos mercados de vídeo e TV a cabo, as maiores fontes de renda da Concorde. Aprenda um pouco com a sabedoria de Corman.

Como você consegue não perder dinheiro num mercado tão instável?

Fazemos 24 filmes por ano, a maioria para o mercado de vídeo. Procuramos controlar nossos recursos sem perder a qualidade.

Os cinemas são controlados por grandes cadeias de distribuição, ou seja, um cara possui três, quatro mil cinemas no país. Isso dificulta para vocês, que têm um esquema de lançamento menor que o das grandes empresas?

Não, porque já temos um circuito de cinemas menores que passa nossos filmes. Mas o lançamento em cinemas não é nossa prioridade. Hoje o cinema é somente minha quarta maior fonte de lucro, atrás do vídeo e da venda dos filmes para TV a cabo e TV normal.

Qual o filme mais rentável que você produziu nos últimos tempos?

Provavelmente será *Carnosaur*. Estreamos três semanas antes de *Jurassic Park* e fomos muito bem. Quando *Jurassic* estreou, nós retiramos *Carnosaur* dos cinemas, só para voltar depois com força e sem a concorrência de Spielberg.

"Nós tivemos a idéia de filmar CARNOSAUR muito antes de JURASSIC PARK. Mas Spielberg é uma pessoa honrada. Ele não iria nos copiar"

Os monstros mecânicos de Corman (acima e na página anterior) foram reutilizados em duas outras produções

Dá para concorrer com um filme tão poderoso quanto *Jurassic Park*?

Bem, os efeitos especiais de *Jurassic* são imbatíveis, mas até os críticos concordaram que *Carnosaur* tem atores melhores e uma história mais interessante.

Você está pensando em fazer uma seqüência?

O que você acha? Com os mesmos bonecos de *Carnosaur* fizemos dois outros filmes, *Dinosaur Island* e *Carnosaur 2 (risos)*. Achei que era um desperdício usar aqueles bonecos uma vez só e depois jogá-los no lixo.

A idéia de filmar *Carnosaur* aconteceu antes ou depois de você tomar conhecimento de *Jurassic Park*?

(com a maior cara-de-pau do mundo) Não, nós tivemos a idéia antes. *Carnosaur* é baseado em um livro que saiu muito antes de *Jurassic Park*. Mas Spielberg e Michael Crichton são pessoas honradas. Eles não iriam roubar nossa idéia.

Existe uma explicação de como e onde Hollywood consegue gastar 40, 50 ou 60 milhões de dólares num único filme?

O problema principal são valores distorcidos. Muita gente está ganhando mais do que merece. A recente supervalorização dos salários dos atores fez com que roteiristas, fotógrafos e toda a equipe técnica passassem a exigir muito mais.

Um exemplo: qual sua opinião sobre se pagar 12 milhões de dólares para um ator?

Estou pensando em fazer, no futuro próximo, um filme de uns 3 milhões, pagando metade para algum grande nome de Hollywood e usando a outra metade para nossos gastos. Talvez aconteça.

Soube que você filma na América do Sul, principalmente no Peru e na Argentina, para baratear os custos de produção. Você nunca pensou em filmar no Brasil?

Filmo na América do Sul porque é muito mais barato. Geralmente mandamos o diretor, o fotógrafo e os atores principais, e completamos a equipe com técnicos e atores locais. Às vezes até uso diretores sul-americanos. Na Argentina, trabalho com Hector Olivera. No Peru, com Lucio Llosa. Adoraria trabalhar no Brasil, mas nunca recebi uma proposta de co-produção. Se algum produtor brasileiro gostar da idéia, pode me ligar que estou muito interessado.

André Barcinski, de Los Angeles

SET

Duelo de Titãs

Se alguém pode produzir um filme de dinossauros tão bom quanto *Jurassic Park* é Roger Corman. SET preparou uma comparação entre as produções. De um lado, Spielberg. Do outro, Corman. Confira.

JURASSIC PARK

Diretor: Steven Spielberg
Sinopse: cientista ambicioso (Richard Attenborough) recria geneticamente dinossauros para montar um parque de diversões paleontológico
Orçamento: 70 milhões de dólares

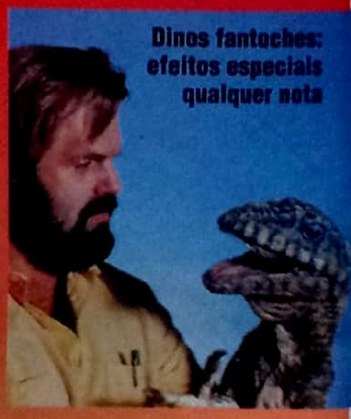
Dinos digitais: efeitos especiais milionários

Duração das filmagens: três meses, mais seis de pós-produção
Violência: branda. Nem uma gota de sangue aparece
Número de pessoas devoradas: cinco
Cena memorável: a luta de um T. Rex com dois Velociraptores
Comentário: efeitos especiais nota 10, atores nota 6 e história nota 7. Média: 7,8. O quê? Você ainda não viu os dinossauros de Spielberg? Corre para o cinema, filho!

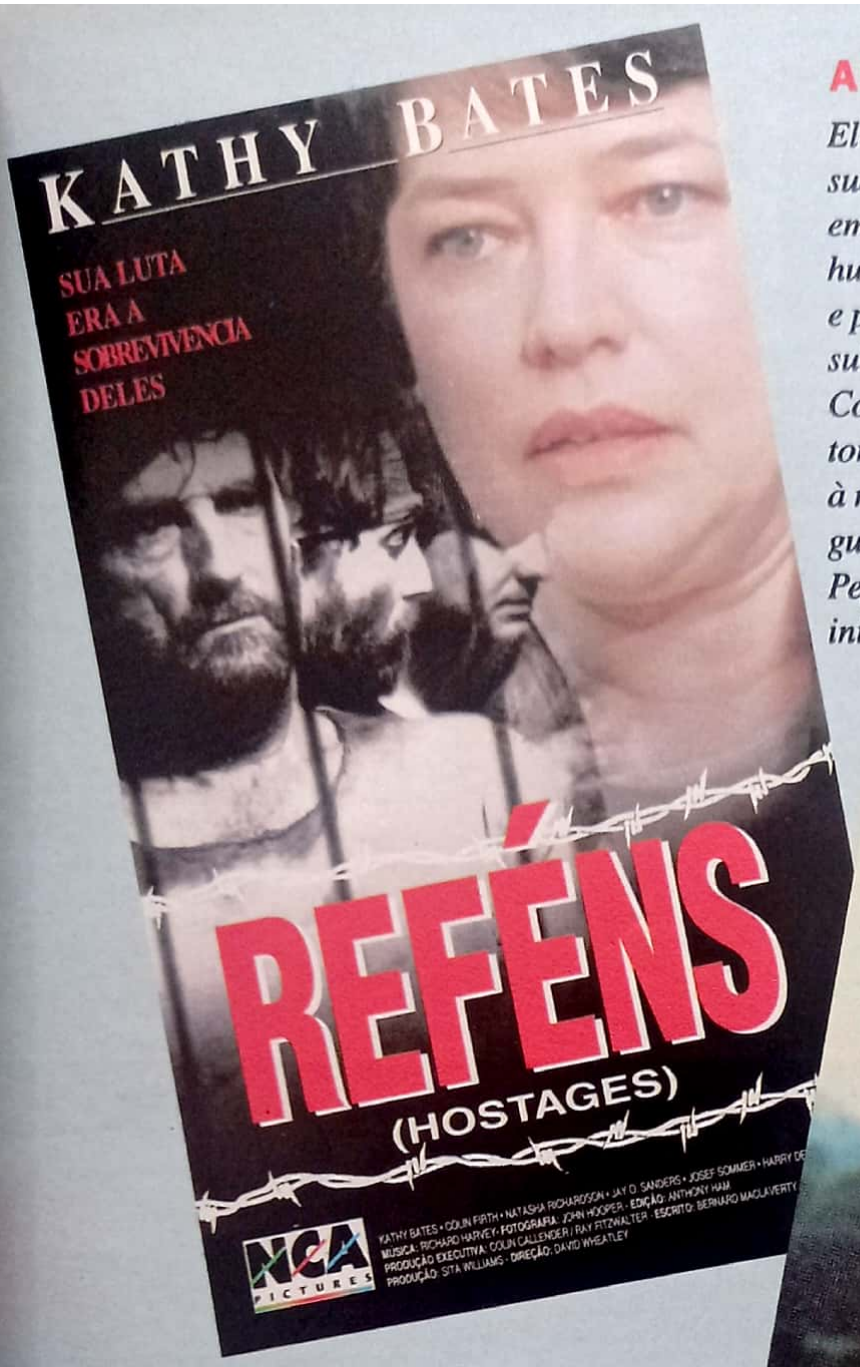
CARNOSAUR

Diretor: Adam Simon
Sinopse: cientista maluca (Diane Ladd) cria geneticamente galinhas que põem ovos de dinossauros (é sério!), com a finalidade de destruir a raça humana
Orçamento: 4 milhões de dólares
Duração das filmagens: três semanas
Violência: carnificina. Contam-se pelo menos vinte cenas com sangue, mutilações e cadáveres
Número de pessoas devoradas: 28
Cena memorável: T.Rex mastiga um grupo de ecologistas vegetarianos
Comentário: efeitos especiais nota 7, Diane Ladd nota 10 e história qualquer nota. Desde *Eles Vivem*, de John Carpenter, não se via um filme tão anos 50. Lembra preciosidades como *Tarântula* e os primeiros *Godzilla*, só que com muito mais ação e efeitos melhores. A cena em que Diane Ladd "choca" um ovo de dinossauro tem lugar garantido na história do cinema

A. B.



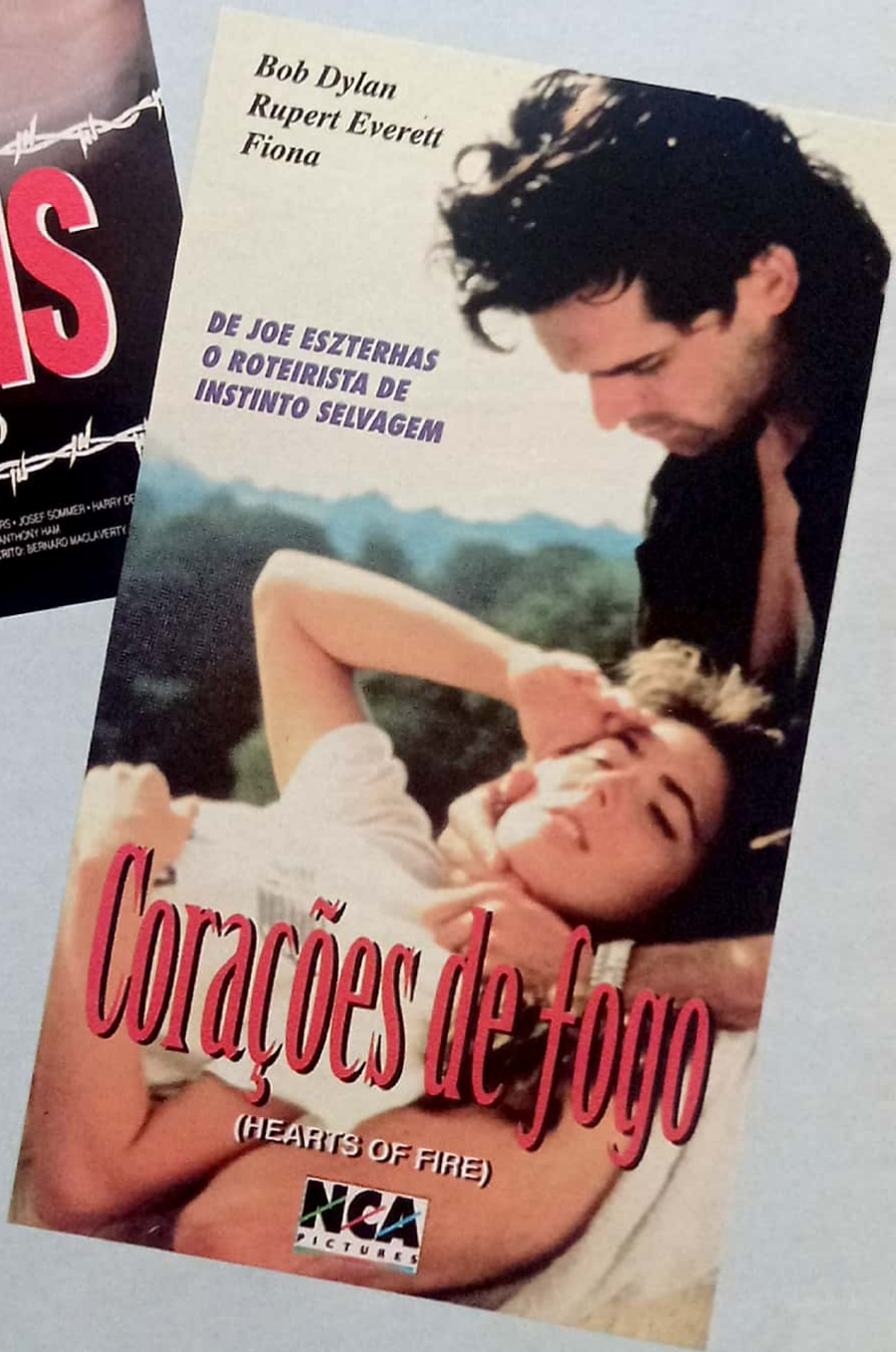
Dinos fantoches: efeitos especiais qualquer nota



AÇÃO

Eles foram despojados da sua dignidade, mantidos em condições sub-humanas, acorrentados e presos em celas subterrâneas. Constantemente torturados e sentenciados à morte. O mundo guardou silêncio, até que Peggy Say (Kathy Bates) iniciou sua luta.

Kathy Bates
"Tomates Verdes Fritos"
"Louca Obsessão"
"Romance de Outono"
Jay O. Sanders
"JFK"
"V. I. Warshawski
Harry Dean Stanton
"Alien"
"Coração Selvagem"
"Fuga de New York"
Colin Firth
"Valmont"
"Apartamento Zero"
Josef Sommers
"DARYL"
"Silkwood"



AVENTURA

Um triângulo amoroso onde o ódio, a amizade e o poder é o preço pago por aqueles seduzidos pelo sucesso e a fama.

Rupert Everett
"Memórias de Um Espião"
"Sede de Amar"
Fiona
"Hearts of Fire"
Bob Dylan
"Patty Garret and Billy the Kid"
"Última Valsa"

NCA PICTURES

N.C.A. Pictures
R. Bom Jesus, 886 - Água Rasa - CEP 03344-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 966-6135 / 966-0535 - Fax: (011) 966-5142

ATRAÇÃO PROIBIDA

(DOUBLE JEOPARDY)

© 1993 FoxVideo, Inc. Todos os Direitos Reservados. FoxVideo™ e Twentieth Century Fox™ são marcas registradas da Twentieth Century Fox Film Corporation.

Uma chance de reencontro... Uma atração proibida... Um erro mortal.

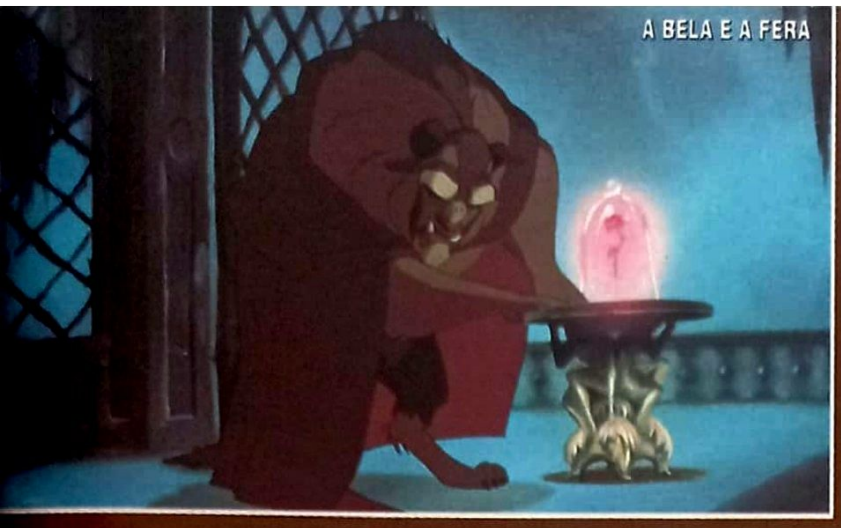
Um drama onde infidelidade, sensualidade e suspense estão perfeitamente misturados com muito sexo e uma razoável dose de violência.
Se você gosta de emoções fortes, prepare o seu coração para ver este filme.

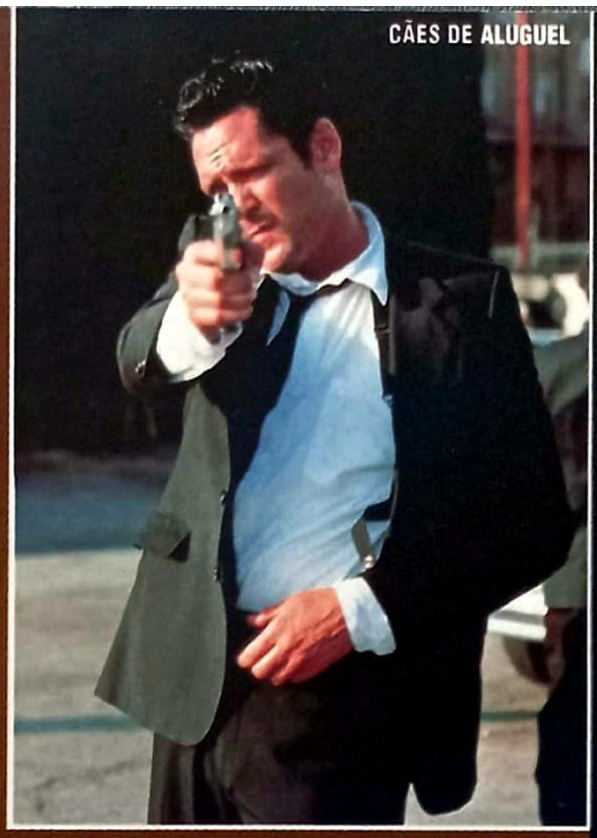
Direção de
LAWRENCE SCHILLER
Elenco:
RACHEL WARD
BRUCE BOXLEITNER
SELA WARD
SALLY KIRKLAND

Pegue este vídeo na sua locadora

FOX VIDEO

abril vídeo


A BELA E A FERA


CÃES DE ALUGUEL

Finalmente chega às locadoras o maior herói da década de 60, National Kid. Para os que se amarram em filmes lacrimosos, há duas boas opções: *O Óleo de Lorenzo* e *Luzes da Cidade*, de Chaplin. Já para a família ver reunida, o belíssimo *A Bela e a Fera*, lançado em versões dublada e legendada.

NATIONAL KID

LUZES DA CIDADE

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

O ÓLEO DE LORENZO

Look

Harvey Keitel (em pé) e Steve Buscemi em *Cães de Aluguel*: prova de que este não é o melhor lugar para se viver

CÃES DE ALUGUEL ★★★★

(Reservoir Dogs, EUA, 1992) Direção: Quentin Tarantino. Com Harvey Keitel, Tim Roth, Chris Penn, Steve Buscemi, Michael Madsen, Quentin Tarantino. Look.

Se *Cães de Aluguel* não tivesse a famosa cena de tortura, teria atingido a mesma repercussão de qualquer maneira. Simplesmente porque é um dos filmes mais originais dos últimos anos. O roteirista e diretor Quentin Tarantino teve no orçamento pequeno – para padrões americanos – de US$ 1,6 milhão, mais do que uma restrição, uma grande vantagem: total liberdade de criação. Caso estivesse trabalhando para algum grande estúdio talvez não tivesse agüentado as pressões para amaciar o filme.

Cães de Aluguel narra os acontecimentos que se seguem a um assalto a uma joalheria. Seis bandidos são escolhidos a dedo por um mafioso para realizar um crime perfeito. Na hora da verdade, nem tudo sai certo e os sobreviventes rumam para o local de encontro desconfiando que algum informante havia avisado a polícia. Tarantino, um estreante na direção que ainda não chegou aos 30, constrói a ação com maestria, mostrando que aprendeu as lições de mestres como Scorsese e Kubrick.

O roubo não é mostrado. Apenas vemos os personagens falando sobre ele, cenas da fuga e alguns flash-backs anteriores ao assalto. O filme não perde o ritmo em nenhum instante, crescendo até o clímax. Existem até umas firulas de Tarantino, como mostrar uma cena em *slow-motion*, e boas sacadas, como a trilha sonora tirada dos anos 70 e o fato de todos os bandidos usarem ternos pretos. Mas o que sustenta *Cães de Aluguel* é a história.

A criatividade está no roteiro, situado quase que totalmente dentro de um galpão abandonado e amarrado com diálogos brilhantes, ditos por atores impecáveis. Sim, existe a tal seqüência em que o psicótico Mr. Blonde (Michael Madsen) massacra gratuitamente o policial tomado como refém ("você sabe que eu estou pouco ligando se você vai contar quem foi o dedo-duro: vou te torturar de qualquer jeito"). Poucos suportam a cena. Na verdade, não existe nada que já não tenha sido mostrado antes no cinema, ela choca porque faz questão de ser real. Não poupa a vítima e tampouco a platéia.

Qual o propósito de se mostrar tanta violência? Discutir essa questão vai levar ao mesmo consenso que decidir se um telejornal deve ou não exibir uma gravação de uma pessoa se suicidando. Provavelmente, Tarantino acredita que não basta virar a cara para o lado para esquecermos que este mundo não é o melhor lugar do universo para se viver.

Vitor Paolozzi

"Imaginosamente escrito com o vulgar linguajar de gangsters e muito bem interpretado por um elenco fantástico, este forte filme vai atrair muito atenção", *Variety*.

NOITES DE CRIME E PAIXÃO★★
(Chicago Joe and the Showgirl, Alemanha/ Inglaterra, 1989) Direção: Bernard Rose. Com Kiefer Sutherland, Emily Lloyd, Patsy Kensit. Abril Vídeo.
História verídica de um soldado norte-americano desertor, que faz contrabando em Londres durante a Segunda Guerra, e se envolve com uma *stripper* fascinada por cinema. Ela imagina que ele é uma espécie de durão *à la* James Cagney e acaba forçando a situação nesse sentido. Emily Lloyd, a garota, é a grande atração do filme, especialmente na forma como ela revela sua perversidade. A fraca atuação de Patsy Kensit como a namorada "oficial" do pilantra, destaca ainda mais o trabalho de Lloyd.
Marcos Smirkoff

O PADRASTO III★★
(Stepfather III, EUA, 1992) Direção: Guy Magar. Com Robert Wightman, Priscilla Barnes. Europa.
Se assassinos psicopatas se tornaram moda nos últimos anos, com certeza *O Padrasto III* não chega para inovar o gênero. Após fugir de um presídio, maníaco especializado em atacar mulheres solitárias tenta a sorte em uma pacata cidade do interior, mas sem conseguir fugir de suas tendências criminosas. Vale pela pouco séria atuação de Robert Wightman no papel-título, sempre com uma piada pronta para suas vítimas. Apesar de todos os clichês, pode divertir.
Marcelo Rezende

Uma Thurman e Andy Garcia dão fôlego a *Jennifer 8*

JENNIFER 8★★★

(EUA, 1993) Direção: Bruce Robinson. Com Andy Garcia, Uma Thurman, Lance Henriksen, Kathy Baker. CIC.

É impressionante como o cinema americano vem tratando obsessivamente de assassinos seriais. Como se apenas um crime de morte e sua resolução não fossem suficientes para prender o espectador na cadeira, de tão anestesiados pela violência. Além de espalhar cadáveres por aí, o sujeito tem de ser um psicopata, com alguma fixação esquisita vinda de uma época qualquer da infância. Tirando essa insistência, *Jennifer 8* é um suspense legal, ainda que não fuja muito do convencional.

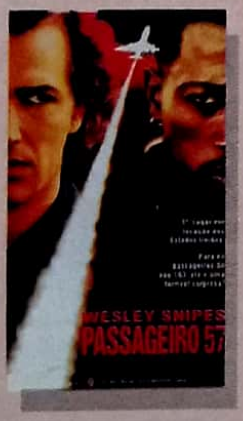
Policial amargurado com desilusão amorosa e tendências alcoólatras abandona Los Angeles e vai para uma cidadezinha da Califórnia. Lá, descobre um crime e desengaveta o caso do assassinato de uma cega, que desconfia estar relacionado com o cadáver. Na investigação, ele se envolve com a amiga também cega da morta, que passa a ser ameaçada pelo matador.

O roteiro cresce com o charmoso – e competente – par de atores: Uma Thurman é a amiga da vítima e Andy Garcia, o policial obcecado. John Malkovich faz uma ponta como investigador do FBI que também vale a locação da fita. De resto, não sai muito da rotina. O policial novato, brigão e insistente arruma encrenca com outros policiais, acaba ele mesmo sendo o suspeito de um crime, e por aí vai. O romance entre Uma e Andy é que escapa – e bem – do paternalismo com deficientes físicos. No final, a explicação dos motivos do psicopata parece um pouco tirada do colete, mas isso também não foge à regra.

Bia Abramo

"O melhor de tudo é Uma Thurman, que de maneira tocante transmite a vulnerabilidade da mulher cega, sem em nenhum momento apelar para conseguir a simpatia da platéia", *Variety*.

PASSAGEIRO 57★★★
(Passenger 57, EUA, 1992) Direção: Kevin Hooks. Com Wesley Snipes, Bruce Payne, Tom Sizemore. Warner.



Esse filme é um *Duro de Matar* de crioulo. Veja bem, não é de afro-americano: é de negão safado, aquele estereótipo do negro descolado, malandro, gostosão, que veio das ruas e arrepia os branquelos arianos.

Como em *Shaft* e naqueles clássicos de *blaxploitation* dos 70, com o Jim Brown e o Fred Williamson, Wesley Snipes honra essa herança como o chefe de segurança de uma companhia aérea que encara os seqüestradores de um avião. Quebra a cara dos *wasps* com golpes de caratê, ganha a mulherada e ainda solta aqueles chavões tipo "ô meu, você não sabe jogar roleta? Sempre aposte no preto!" É lixo, mas bem-feito.

André Forastieri

SABOTAGEM INTERNACIONAL ★
(The Sinking of the Rainbow Warrior, EUA, 1992) Direção: Michael Tuchner. Com Jon Voight, Sam Neill. Trianon.
Jon Voight já foi um astro e até ganhou um Oscar por seu papel em *Amargo Regresso*. Até aí nada de mais. Sempre foi considerado um ator de primeiro time que, sabe-se lá por que razão, andava sumido. Esperava-se uma volta triunfal num filme idem. No entanto, o resultado deste thriller, onde Voight é o comandante de um navio do Greenpeace que é alvo de um atentado terrorista, é desanimador.
Marcus Resende Gomes

AMBIÇÃO TOTAL★★★
(The Temp, EUA, 1993) Direção: Tom Holland. Com Timothy Hutton, Lara Flynn Boyle. CIC.
Atração Fatal chega ao escritório e com uma sensível melhoria: sai Glenn Close e entra a gatinha Lara Flynn Boyle. Ela é a secretária temporária que vai trabalhar por duas semanas para o jovem executivo vivido por Timothy Hutton. No princípio, um primor de qualidade, a secretária vai se tornando cada vez mais maluquinha, fazendo de tudo para seu chefinho subir na empresa. "Tudo", nesse caso, quer dizer trapacear, mentir, chantagear e até matar. Pena que o filme perca o pique no final.
Thales de Menezes

GLÓRIA★★★★
(Gloria, EUA, 1980) Direção: John Cassavetes. Com Gena Rowlands, Buck Henry. LK-Tel/Vídeo.
Glória é uma mulher madura e charmosa. Na cena decisiva, saca a pistola que esconde na bolsa e abate a tiros os mafiosos que querem se apossar do garoto sob sua guarda. A história começa quando gangsters chacinam uma família e só o garoto escapa, graças à Glória. O filme bate na surrada tecla da mulher que não gosta de crianças e vira mãe exemplar. A novidade é o tratamento: Cassavetes, um dos grandes nomes do cinema independente americano, tenta tornar a fantasia real filmando em cenários quase sempre sórdidos.
Luiz Carlos Merten

POLICIAL • SUSPENSE

Kevin Kline cai em tentação quando conhece a vizinha Rebecca Miller em *Jogos de Adultos*

JOGOS DE ADULTOS★

(Consenting Adults, EUA, 1992) Direção: Alan J. Pakula. Com Kevin Kline, Mary Elizabeth Mastrantonio, Forest Whitaker. Abril Vídeo.

Tese: o cinema de suspense só é possível quando há roteiros que fogem da obviedade. Antítese: Hollywood cada vez corre menos riscos, já que obviedade é sinônimo de dinheiro garantido em caixa. Síntese: o suspense é um gênero em extinção no *stablishment* cinematográfico. Exemplo: *Jogos de Adultos*, de Alan J. Pakula. A história começa bem. Dois casais vizinhos, bonitos e bem-sucedidos, resolvem experimentar as delícias do swing. Kevin Kline libera a mulher (Mary Elizabeth Mastrantonio) para Kevin Spacey e vai para a cama com Rebecca Miller. É uma armadilha, claro. Rebecca amanhece morta e os exames confirmam que Kline foi o último homem que esteve com ela. Detalhe: a moça tinha um seguro pessoal, tendo o marido como beneficiário, de um milhão e meio de dólares. Resta a Kline desvendar como a trama foi armada.

O problema é que tudo é tão óbvio, tão ululante, que antecipamos todos os lances da trama. Suspense precisa de sutileza e surpresa. Aquela receita que Hitchcock sabia tão bem conduzir e que Brian De Palma, seu melhor imitador, seguia à risca quando ainda era cineasta. O estranho é que o diretor deste lixo é Alan J. Pakula, o mesmo de *Todos os Homens do Presidente*. O que nos leva à outra tese: até os bons diretores americanos estão se mediocrizando para se adequarem ao formato solicitado pela indústria. Bye, bye, Hollywood. Foi bom enquanto durou.

Edson Arantes

TERROR • FICÇÃO

MANIAC COP 3 – O DISTINTIVO DO SILÊNCIO★★
(Maniac Cop 3 – Badge of Silence, EUA, 1992) Direção: William Lustig. Com Robert Davi, Robert Z'Dar, Gretchen Becker, Doug Savant. Europa.
A saga do policial injustiçado que volta à vida para se vingar e para espalhar uma onda de terror chega à terceira parte com menos violência e menos cenas de ação. Este filme poderia muito bem ter se chamado *A Noiva de Maniac Cop*, já que este ressurge para limpar o nome da oficial pela qual era apaixonado quando "humano". O que resta ao fã do terror é um passatempo razoável, com toques de vudu *à la Maldição dos Mortos-Vivos* (de Wes Craven).
Christian Petermann

DRÁCULA EM VENEZA ★★
(Nosferatu in Venice, EUA, 1987) Direcão: Alan Cummings. Com Klaus Kinski, Barbara de Rossi, Donald Pleasence, Christopher Plummer. Central.
Christopher Plummer, um caçador de vampiros, é chamado a Veneza pela bela Barbara de Rossi que acredita que Drácula vive lá. As suspeitas são confirmadas pelas crônicas que registram a passagem do nosferatu pela cidade no século XVIII, quando uma peste levou dezenas dos habitantes desta para a melhor. Invocado numa sessão espírita (?!), Drácula sai da tumba e começa a fazer suas vítimas. Klaus Kinski interpreta bem o senhor dos vampiros, como já fizera antes no *Nosferatu* de Herzog (79). É um Drácula revisionista que anda à luz do sol e que destrói crucifixos entre os dedos. Se não chega a ser um clássico do gênero, *Drácula em Veneza* ao menos não faz feio perto das cultuadas produções da Hammer com Christopher Lee, ou da Universal, com Bela Lugosi.
E.Aran.

FRANKENSTEIN★
(Frankenstein, EUA, 1992) Direção: David Wickes. Com Patrick Bergin, Randy Quaid. Europa.
Mary Shelley e o Dr. Frankenstein têm problema semelhante: ambos não conseguem controlar suas crias. O doutor fez um monstro e deu no que deu. Mary criou esta trágica história de horror gótico que a cada adaptação cinematográfica fica mais besta, mais distante do texto original. O último desastre é este telefilme cometido pela TNT. A reconstituição histórica parece novela de época da Globo: tudo é *fake*, limpinho. O roteiro é um primor de cretinice: homem cria monstro, monstro é legal, homem não sabe que monstro é legal, homem quer matar monstro, monstro só quer um pouco de carinho. Se Mary soubesse que seu romance daria nisso, ela certamente teria agido como o Dr. Frankenstein e destruído a cria.
E.Aran.

LAÇOS SANGRENTOS★★★
(Severed Ties, EUA, 1991) Direção: Damon Santostefano. Com Oliver Reed, Elke Sommer, Garrett Morris. LK-Tel/Vídeo.
Esta produção da equipe da revista *Fangoria* sofre de um mal crasso: fica no meio do caminho. Quando a coisa é para ser podrona, não chega às vias de fato. Quando o lance é se chegar na comédia, dificilmente faz rir. Mas se você gosta de filmes de terror malucos pode pegar esse filme na "cega". Afinal, uma história de pedaços humanos que criam vida e atacam os bacanas não podia deixar de ser legal.
Carlos Eduardo Miranda

Renny Harlin

RISCO TOTAL

(Cliffhanger, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Renny Harlin ■ Roteiro: Michael France e Sylvester Stallone, baseado em argumento de France e John Long ■ Direção de fotografia: Alex Thomson ■ Montagem: Frank J. Urioste ■ Música: Trevor Jones ■ Desenho de produção: John Vallone ■ Direção de arte: Aurelio Crugnola e Christiaan Wagener ■ Figurinos: Ellen Mirojnick ■ Som: Tim Cooney ■ Produtora de efeitos especiais: Pamela Easley ■ Coordenador de alpinismo: Mike Weis ■ Coordenação de tomadas aéreas: David Paris ■ Produção executiva: Mario Kassar ■ Produção: Alan Marshall e Renny Harlin para a Tri-Star ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 1h52.

O elenco: Sylvester Stallone (Gabe Walker), John Lithgow (Qualen), Michael Rooker (Hal Tucker), Janine Turner (Jessie Deighan), Rex Linn (Travers), Caroline Goodall (Kristel), Paul Winfield (Walter Wright), Ralph Waite (Frank), Craig Fairbrass (Delmar), Michelle Joyner (Sarah), Max Perlich (Evan), Trey Brownell (Brett).

A trama: Gabe Walker é o chefe de uma equipe de resgate das montanhas que se descontrola ao se sentir responsável por um trágico acidente. Mesmo decidido a mudar de vida, ele acaba sendo recrutado para ajudar seu ex-parceiro no resgate de vítimas de um acidente de avião. A dupla descobre, porém, que são na verdade fugitivos que os tomam como reféns.

O diretor: Renny Harlin nasceu na Finlândia (em 1959) e estreou na direção com a co-produção *Born American* (1986), que chegou a ser proibido em seu país natal. Especializando-se em fitas de ação, dirigiu *Duro de Prender* (1988), *A Hora do Pesadelo 4 – o Mestre dos Sonhos* (1988), *Duro de Matar 2* (1990) e *As Aventuras de Ford Fairlane* (1990).

Notas: depois de duas fracassadas incursões na comédia, o simpático *Minha Filha Quer Casar* (1991) e o lastimável *Pare! Senão Mamãe Atira* (1992), que se seguiram ao apenas razoável sucesso de *Rocky V* (1990), Stallone finalmente emplaca seu primeiro sucesso na década de 90; lançado duas semanas antes que *O Parque dos Dinossauros*, rendeu cerca de 40 milhões de dólares apenas nos dez primeiros dias de exibição nos Estados Unidos ■ Assim como *Jurassic Park*, trata-se de uma aventura em clima de montanha-russa, com tensão crescente; o *teaser* (um pré-trailer de divulgação) que circulou mundo afora chamou a atenção de todos, com tomadas fantásticas de alpinismo, perigo, dublês e explosões em alturas inimagináveis e geladas ■ Stallone viu sua virilidade ser ameaçada durante as filmagens; além de ser obrigado a fazer exercícios para recuperar a velha forma, o diretor Harlin várias vezes o desafiou para que o astro, que tem pavor de altura, realizasse algumas das cenas sem dublê ■ O ator John Lithgow parece estar se especializando em vilões, função exercida por ele em *Sem Limites para Vingar* (1991) e *Síndrome de Caim* (1992), além de ter personificado um padre covarde e egoísta em *Brincando nos Campos do Senhor* (1991).

Spike Lee

MALCOLM X

(EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Spike Lee ■ Roteiro: Arnold Perl e Spike Lee, baseado no livro *The Autobiography of Malcolm X*, de Alex Haley ■ Direção de fotografia: Ernest Dickerson e David Golia ■ Supervisor de efeitos especiais: Randall Balsmeyer ■ Montagem: Barry Alexander Brown ■ Desenho de produção: Wynn Thomas ■ Direção de arte: Tom Warren e Onsi Abou Seif ■ Cenários: Ted Glass ■ Música: Terence Blanchard ■ Coreografia: Otis Sallid ■ Figurinos: Ruth E. Carter ■ Produção: Spike Lee, Marvin Worth e Ahmed Murad para a Largo International ■ Distribuição: Fox ■ Duração: 3h21.

O elenco: Denzel Washington (Malcolm X), Angela Bassett (Betty Shabazz), Albert Hall (Baines), Al Freeman Jr. (Elijah Muhammad), Delroy Lindo (Archie), Spike Lee (Shorty), Theresa Randle (Laura), Kate Vernon (Sophia), Lonette McKee (Louise Little), Tommy Hollis (Earl Little), Debi Mazar (Peg), Joe Seneca (Toomer), Wendell Pierce (Ben Thomas), Giancarlo Esposito (Thomas Hayer), Craig Wasson (repórter de TV), Ernest Thomas (Sidney), James E. Gaines (Cholly).

A trama: biografia do líder radical negro Malcolm X, desde a sua adolescência delinqüente e posterior temporada na prisão, onde se familiarizou com o islamismo, até sua peregrinação religiosa na Arábia Saudita e retorno aos EUA. Segue a sua ascensão política, o jogo de poderes e traições e o seu trágico assassinato.

O diretor: o diretor, produtor, roteirista e ator Spike Lee, nascido em Atlanta (Geórgia) em 1957, chega ao clímax de sua filmografia engajada com esta biografia. Sua única indicação para o Oscar continua sendo a de roteiro para *Faça a Coisa Certa* (1989), ainda o seu melhor filme. Estreou na direção com o inédito *She's Gotta Have It* (1986) e, no ano em que dirigiu *Febre da Selva* (1991), teve uma ponta logo no começo de *Em Busca do Paraíso*, estréia na direção de seu montador Barry Alexander Brown, que em *Malcolm X* também é o diretor da unidade de cenas de ação.

Notas: o filme foi muitas vezes ameaçado de ser interrompido, pois Spike Lee estourou o orçamento de 28 milhões de dólares, a sua produção mais cara até a data, e também recusou-se a manter a metragem da obra dentro das duas horas convencionais; até a Warner novamente liberar o financiamento, o diretor só conseguiu prosseguir o projeto de sua vida por causa da ajuda substancial de celebridades como o cantor Prince ou o jogador Magic Johnson ■ Além de a trilha ser assinada pelo *jazzman* Terence Blanchard – que conduz a Malcolm X Orchestra, a qual tem o saxofonista Branford Marsalis e a The Boys Choir of Harlem –, o repertório inclui uma faixa inédita do grupo Arrested Development, clássicos de John Coltrane, Duke Ellington e Lionel Hampton, entre outros, e até mesmo a atriz Miki Howard, que interpreta e dubla a cantora Billie Holiday ■ Denzel Washington já havia interpretado Malcolm X em uma peça *off*-Broadway em 1983, *When the Chickens Come Home to Roost* ■ A atriz Angela Bassett encarnou Tina Turner em *What's Love Got to Do with It?* (1993).

Richard Pearce

FÉ DEMAIS NÃO CHEIRA BEM

(Leap of Faith, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Richard Pearce ■ Roteiro: Janus Cercone ■ Direção de fotografia: Matthew F. Leonetti ■ Montagem: Don Zimmerman, Mark Warner e John F. Burnett ■ Desenho de produção: Patrizia von Brandenstein ■ Direção de arte: Dennis Bradford ■ Cenários: Gretchen Rau ■ Efeitos especiais: Burt Dalton e Eddie Surkin ■ Música: Cliff Eidelman ■ Coreografia: Sharon Kinney e Mary Ann Kellogg ■ Figurinos: Theadora van Runkle ■ Produção: Michael Manheim e David V. Picker para a Paramount ■ Distribuição em vídeo: CIC ■ Duração: 1h48.

O elenco: Steve Martin (Jonas), Debra Winger (Jane), Liam Neeson (Will), Lolita Davidovich (Marva), Lukas Haas (Boyd), Meat Loaf (Hoover), Philip Seymour Hoffman (Matt), La Chance (Georgette), Delores Hall (Ornella), John Toles-Bey (Titus), Albertina Walker (Lucille), Troy Evans (Dade), Grover Washington (Old Black Man).

A trama: o falso pregador evangélico Jonas Nightengale viaja pelos EUA a bordo de sua caravana de carros e trailers, levando consigo uma equipe altamente especializada e informatizada para atender às "necessidades" do milagreiro. Ele estaciona por uns dias em uma cidade e apresenta um verdadeiro espetáculo broadwiano, para encenar falsos milagres e seduzir as pessoas a ponto delas doarem o dinheiro de que necessitam. Um dos carros quebra e a caravana é obrigada a ficar indefinidamente numa cidade perdida no mapa.

O diretor: Richard Pearce nasceu aos 25 de janeiro de 1943, na cidade de San Diego, CA. Começou sua carreira na década de 60, com o "renascimento" do documentário. Foi diretor de fotografia dos clássicos *Woodstock* (1970) e *Corações e Mentes* (1974). Dirigiu três filmes para TV entre 1976 e 1979, ano em que estreou no cinema com o inédito *Heartland*, o qual recebeu o Urso de Ouro em Berlim. Seu próximo filme interessante é *Minha Terra, Minha Vida* (1984). Vieram ainda *Sem Perdão* (1986) e *Uma História Americana* (1990).

Notas: o ator Steve Martin (*Cliente Morto não Paga*, 1982; *L.A. Story*, 1991) tem aqui uma oportunidade de ouro: o seu personagem, Jonas Nightengale, o faz rir, chorar, cantar, dançar, gritar, contar piadas, rezar, mentir, redimir-se e quase sentir amor ■ O produtor executivo é Ralph S. Singleton, diretor de *A Criatura do Cemitério* (1991), baseado em Stephen King, que também inspirou *Cemitério Maldito* (1989); ele também produziu duas fitas de Eddie Murphy, *O Príncipe da Noite* (1989) – estréia de Murphy na direção – e *48 Horas Parte 2* (1990) ■ A trilha sonora de gospels, com banda e coro, foi produzida pelo compositor/produtor/arranjador/solista George Duke, um dos idealizadores do projeto *We Are the World* ■ No elenco, há ainda dois outros músicos: o roqueiro Meat Loaf, que já atuou em filmes como *The Rocky Horror Picture Show* (1975) e *Quanto mais Idiota Melhor* (1992), e a "Rainha do Gospel" Albertina Walker, que já foi sete vezes indicada ao prêmio Grammy.

Nick Castle

DENNIS – O PIMENTINHA

(Dennis the Menace, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Nick Castle ■ Roteiro: John Hughes, inspirado por personagens criados por Hank Ketcham ■ Direção de fotografia: Thomas Ackerman ■ Montagem: Alan Heim ■ Música: Jerry Goldsmith ■ Desenho de produção: James Bissell ■ Direção de arte: Michael Baugh e Steve Wolff ■ Cenários: Karen Fletcher ■ Figurinos: Ann Roth e Bridget Kelly ■ Produção: John Hughes e Richard Vane ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 1h34.

O elenco: Mason Gamble (Dennis Mitchell), Walter Matthau (sr. Wilson), Joan Plowright (Martha Wilson), Christopher Lloyd (Switchblade Sam), Lea Thompson (Alice Mitchell), Robert Stanton (Henry Mitchell), Paul Winfield (chefe de polícia), Amy Sakasitz (Margaret Wade), Kellen Hathaway (Joey).

A trama: Dennis é um garoto sapeca que provoca pequenas, médias e grandes tragédias à sua volta, quase sempre sem querer. Ele é também o desafeto de seu vizinho, o sr. Wilson, um cinqüentão sem filhos que acha que Dennis é "uma ameaça". Em um fim de semana no qual os pais do garoto precisam trabalhar fora da cidade, Dennis fica hospedado na residência do casal Wilson. Dois fatos podem movimentar bastante estes dias: o sr. Wilson está preparando uma reunião importantíssima e a cidadezinha pacata em que moram é invadida por um execrável ladrão.

O diretor: o americano Nick Castle (nascido em Los Angeles, em 1947, filho do famoso coreógrafo homônimo que dirigiu, entre outros, *Artistas e Modelos*) revelou-se um correto diretor comercial. Depois de estudar teatro e fotografia, passou a se dedicar ao cinema. Estudou com o diretor John Carpenter, foi seu assistente em *Dark Star* (1974), escreveu o roteiro de *Fuga para Nova York* (1981) e interpretou o assassino em *Halloween I* (1978), enquanto Carpenter co-produziu a estréia de Castle na direção de longas, o independente *TAG – o Jogo Assassino* (1982); depois vieram *O Último Guerreiro das Estrelas* (1984), *O Garoto que Podia Voar* (1986) e *Tap – a Dança de Duas Vidas* (1989), desta vez produzido por outro diretor, Taylor Hackford (*A Força do Destino*).

Notas: o co-produtor e roteirista John Hughes pretendia repetir o megassucesso das duas partes de *Esqueceram de Mim* com *Dennis o Pimentinha*; pensou inicialmente em escalar Macaulay Culkin para o papel, mas sua presença seria cara demais; o escolhido, entre centenas, foi Mason Gamble, simpático mas com o mesmo carisma do "original"; o filme, nos EUA, foi um sucesso apenas razoável ■ Os quadrinhos de Hank Ketcham existem há mais de 40 anos; foi um seriado que durou quatro anos no início da década de 60. No final dos anos 80, voltou em forma de desenho animado, que seria retomado apenas em 1993 ■ O grande destaque do filme é a deliciosa presença de Walter Matthau como o sr. Wilson, ator raro nos últimos tempos – depois de *Piratas* (1986), só fez *Uma Viagem Alucinante* (1988), uma ponta em *JFK* (1991) e três telefilmes inéditos ■ A sua esposa é interpretada pela inglesa Joan Plowright (*Afogando em Números; Avalon*), viúva de Laurence Olivier.

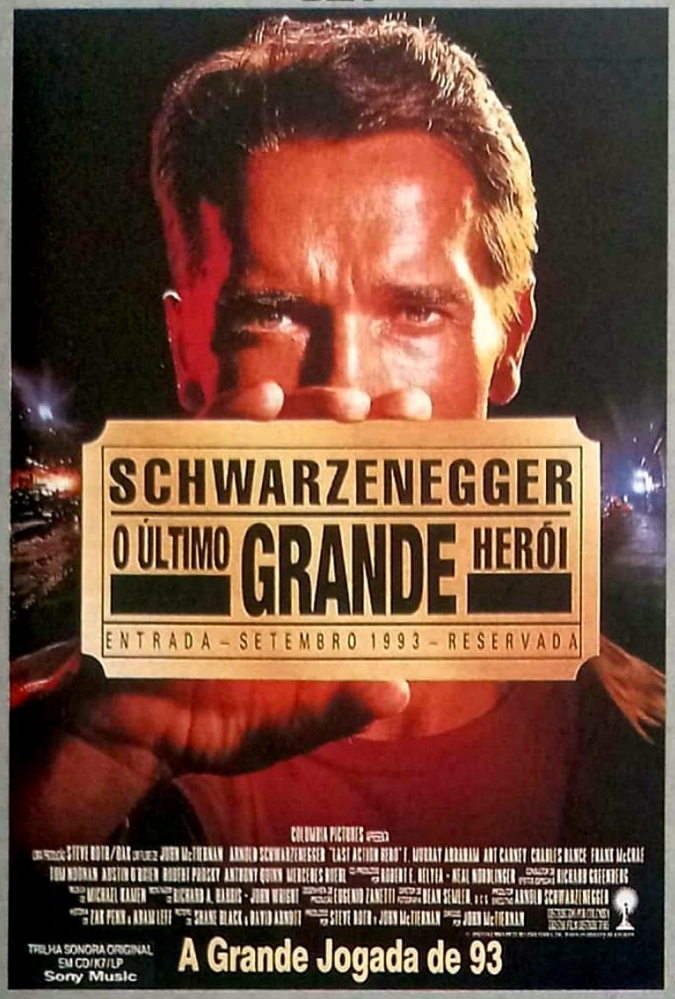
SET

SET

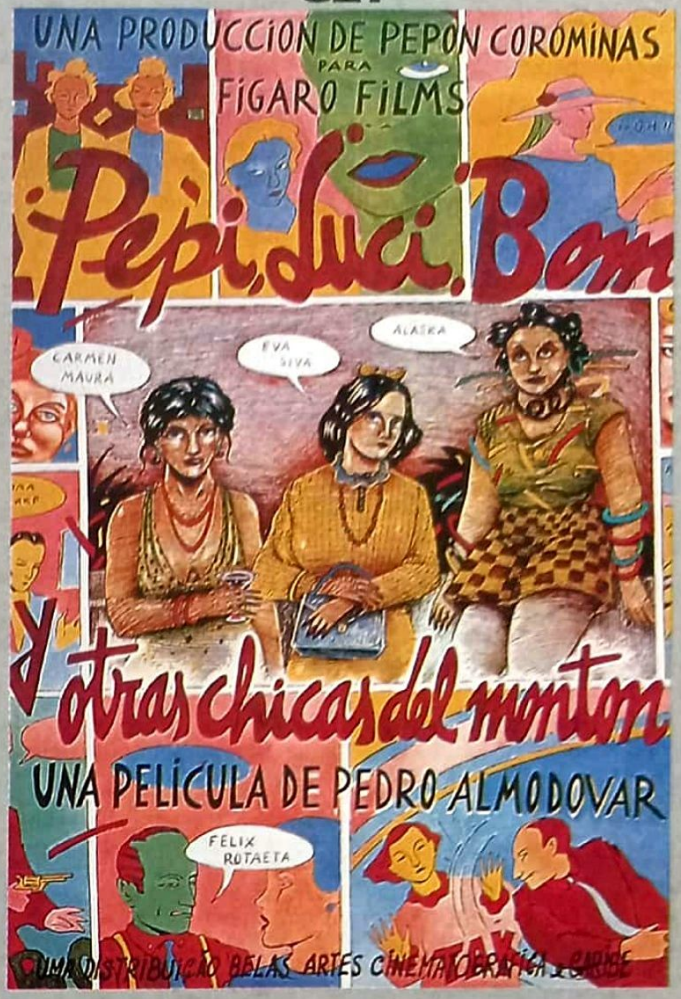
SET

SET

SET

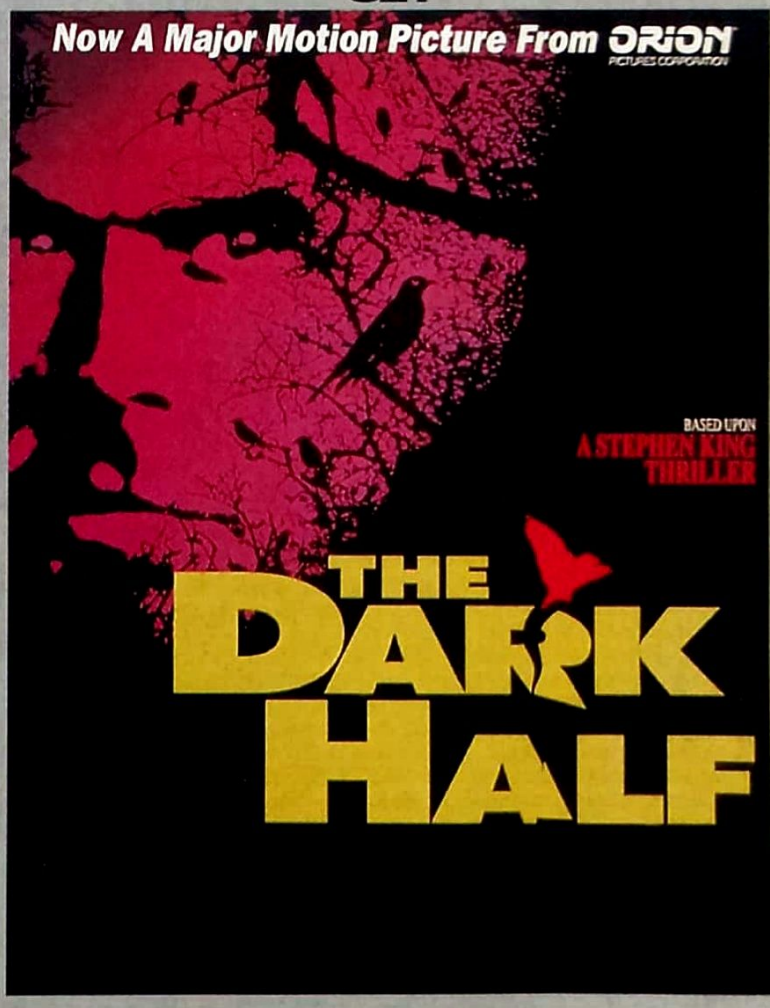


SET



SET

SET



Pedro Almodóvar

PEPI, LUCI, BOM

(Pepi, Luci, Bom y otras Chicas del Montón, Espanha, 1980)

Ficha técnica: Direção e roteiro: Pedro Almodóvar ■ Direção de fotografia: Paco Famenia ■ Montagem: Pepe Salcedo ■ Figurinos: Manuela Camacho, Pedro Almodóvar e Blanca Sánchez ■ Maquilagem: José Luiz Farsall e Ricardo Franco ■ Produção: Pepón Coromina e Félix Rotaeta ■ Distribuição: Belas Artes ■ Duração: 1h25.

O elenco: Carmen Maura (Pepi), Eva Siva (Luci), Olvido "Alaska" Gara (Bom), Félix Rotaeta (policial), Concha Gregori (Charito), Kitty Manver (modelo-cantora, mas não puta), Cecilia Roth (garota dos anúncios), Julieta Serrano (a atriz), Cristina S. Pascual (mulher barbada), José L. Aguirre (seu marido), Carlos Tristancho (Toni), Fabio de Miguel (Roxy Burton), Asumpta Serna (amiga de Pepi e Bom), Enrique Nava e Juan Carrero (os pintores que moram com Bom).

A trama: Pepi é uma garota provinciana que vive em Madri e cultiva maconha na janela de seu apartamento. Um policial, que mora num prédio em frente ao seu, percebe a infração, invade seu apartamento e acaba por estuprá-la. Pepi decide se vingar e pede ao seu grupo de amigos roqueiros, do qual faz parte a cantora Bom, que lhe dê uma bela surra. No dia seguinte, Pepi espia para ver o resultado, mas enxerga o policial sem qualquer escoriação. Estranhando o fato, aproxima-se da esposa do policial, Luci, e descobre que este tem um irmão gêmeo. Faz amizade com Luci, dona-de-casa masoquista que se envolve sentimentalmente com Bom e descobre os prazeres da vida marginal e noturna.

O diretor: Almodóvar já foi chamado de "Fassbinder da Espanha" por causa de seu estilo ousado e da temática predominantemente homossexual; nasceu em Calzada de Calatrava, Ciudad Real, no ano de 1949. Educado por mulheres (avó, mãe, irmãs e tias) em ambiente rural, sentiu um choque ao se mudar para Madri. Almodóvar logo se associou com a vanguarda da cidade e começou a rodar com Super 8 já em 1974, com *Dos Putas*. Dirigiu vários curtas até estrear no longa-metragem com *Folle. Folle. Folleme Tim.* (1978) ainda em Super 8. *Pepi, Luci, Bom*, realizado entre 1979 e 1980, foi rodado em 16 mm e depois telecinado. A partir de então só trabalhou com película, realizando quatro filmes inéditos por aqui (dos quais se destaca *La Ley del Desejo*, 1986). Sua consagração internacional viria com o antológico *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* (1987).

Notas: a trilha sonora é sempre um elemento vital nos filmes de Almodóvar: neste caso, há tangos, rocks asssinados por Little Nell e grupos como Alaska y Los Pegamoides (a cantora do grupo interpreta Bom) e The Ju-Ju's, além de músicas romântico-melodramáticas nas vozes de Maleni Castro e Monna Bell ■ O ator que interpreta o sádico policial Félix Rotaeta é também produtor executivo da fita; Almodóvar tem uma rápida ponta como o mestre-de-cerimônias de uma competição para ver quem tem o maior falo ■ Todos os amigos da época do diretor estão neste filme.

John McTiernan

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

(The Last Action Hero, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: John McTiernan ■ Roteiro: Shane Black e David Arnott, do argumento de Zak Penn e Adam Leff ■ Direção de fotografia: Dean Semler ■ Montagem: John Wright ■ Música: Michael Kamen ■ Desenho de produção: Eugenio Zanetti ■ Direção de arte: Marek Dobrowolski, Rick Heinrichs e John Wright Stevens ■ Figurinos: Gloria Gresham ■ Consultor de efeitos especiais: Richard Greenberg ■ Produção executiva: Arnold Schwarzenegger ■ Produção: Steve Roth e John McTiernan ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 2h10.

O elenco: Arnold Schwarzenegger (Jack Slater), Austin O'Brien (Danny Madigan), F. Murray Abraham (John Practice), Art Carney (Frank), Charles Dance (Benedict), Frank McRae (Dekker), Tom Noonan (Ripper), Robert Prosky (Nick), Anthony Quinn (Vivaldi), Mercedes Ruehl (mãe), Ian McKellen (morte), Joan Plowright (professora), Noah Emmerich (novato), Tina Turner (prefeita).

A trama: o sargento Jack Slater é o maior super-herói das telas de cinema. Ele varre Los Angeles dos crimes que a infestam com a ajuda de sua melhor amiga, uma Magnum calibre 44. Danny Madigan é um adolescente nova-iorquino fissurado no pplicial Slater. Danny ganha de um projecionista um ingresso mágico, que o transporta para o mundo ficcional do filme de Slater e passa a ser o companheiro deste. O vilão encontra o ingresso mágico e vai para o mundo real de Nova York, onde terá que enfrentar o poderoso Slater.

O diretor: o nova-iorquino John McTiernan estudou Cinema na Universidade Estadual de Nova York e ganhou uma bolsa no American Film Institute. Dirigiu alguns curtas e anúncios publicitários antes de se lançar nos cinemas com *Nômades* (1986), especializando-se em fitas de ação. Dirigiu ainda *O Predador* (1987), *Duro de Matar* (1988), *A Caçada ao Outubro Vermelho* (1990) e o fracassado *O Curandeiro da Selva* (1992).

Notas: pela própria natureza de seu roteiro, o filme está repleto de *in-jokes*, piadas metalingüísticas com referências e citações bem-humoradas sobre fatos e estrelas de cinema – quando Danny, por exemplo, é apresentado ao chefe do FBI, interpretado por F. Murray Abraham, Jack Slater diz para ter cuidado, pois este é o homem que matou Mozart! ■ Em meio a um elenco muito interessante, repare na participação especialíssima da cantora Tina Turner, que retorna à ribalta com um novo disco e uma cinebiografia, ambos lançados quase simultaneamente a esta superprodução ■ O espetáculo de gigantescas proporções também conta com vários *cameos* para incrementar o clima cinematográfico – vemos, entre outros, Jim Belushi, Chevy Chase, (MC) Hammer, Little Richard, Jean-Claude Van Damme, Sharon Stone, Robert Patrick (o vilão de *Exterminador 2*) ■ Somando-se à campanha publicitária, o filme chegou a um custo próximo dos 100 milhões de dólares; será muito difícil empatar tal montante, o que dizer então quanto a dar lucro?

George A. Romero

A METADE NEGRA

(The Dark Half, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção e roteiro: George A. Romero, baseado no romance homônimo de Stephen King ■ Direção de fotografia: Tony Pierce-Roberts ■ Montagem: Pasquale Buba ■ Música: Christopher Young ■ Desenho de produção: Clatus Anderson ■ Direção de arte: Jim Feng ■ Figurinos: Barbara Anderson ■ Efeitos de maquilagem: John Vulich e Everett Burrell ■ Produtor de efeitos especiais: VCE/Peter Kuran ■ Cenas e pássaros gerados por efeitos de computador: Video Image ■ Produtora associada: Christine Romero ■ Produtor executivo: George A. Romero ■ Produção: Declan Baldwin para a Orion ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 2h02.

O elenco: Timothy Hutton (Thad Beaumont/George Stark), Amy Madigan (Liz Beaumont), Michael Rooker (xerife Alan Pangborn), Julie Harris (Reggie DeLesseps), Robert Joy (Fred Clawson), Kent Broadhurst (Mike Donaldson), Beth Grant (Shayla Beaumont), Rutanya Alda (Miriam Cowley), Chelsea Field (Annie Pangborn), Royal Dano (Digger Holt), Tom Mardirosian (Rick Cowley), Glenn Colerider (Homer Gamache).

A trama: Thad Beaumont revela-se, em 1968, como um garoto escritor-prodígio. É submetido, porém, a uma estranha cirurgia cerebral. Já nos dias atuais, Thad está casado com Liz e tem uma cadeira na Universidade do Maine. Seus romances de conteúdo artístico não dão dinheiro. Para poder sustentar a família, ele cria um pseudônimo, George Stark, e escreve livros fáceis, verdadeiros *best-sellers*. Quando um estudante descobre esta dupla face de Thad, ele decide dar uma entrevista na qual enterra simbolicamente a figura de Stark. Mas este não gosta da idéia de morte prematura e passa a se manifestar fora dos romances, em atos violentos que incriminam Thad.

O diretor: o nova-iorquino George A. Romero (nascido em 1940) é um dos mestres do terror contemporâneo desde que estreou na direção com o *cult* inédito *Night of the Living Dead* (1968), que foi refilmado em 1990 com produção executiva e roteiro dele. Sua primeira associação com o escritor Stephen King se deu com o também inédito nos cinemas *Creepshow* (1982, disponível em vídeo). Foi produtor da telessérie *Contos da Escuridão* em meados dos anos 80, obra que teve uma versão para os cinemas em 1990. Romero também foi ator em *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

Notas: este filme está pronto desde 1992, mas ficou muito tempo "engavetado" por causa da crise financeira pela qual a Orion passou ■ Romero brinca com Alfred Hitchcock e vai muito além de seu *Os Pássaros*; neste filme, Romero recorre a um exército de pardais, muitos projetados via computador, e cria efeitos impressionantes de terror apoiando-se em um mito grego que afirma que pardais são os condutores da alma humana entre um universo e outro ■ Como na maioria dos filmes deste diretor, a obra foi rodada na cidade de Pittsburgh ■ Michael Rooker, o psicopata de *Retrato de um Assassino*, interpreta aqui um policial bonzinho.

Peter Bogdanovich

A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA

(Last Picture Show, EUA, 1971)

Ficha técnica: Direção: Peter Bogdanovich ■ Roteiro: Larry McMurtry e Peter Bogdanovich, inspirado no romance homônimo de McMurtry ■ Direção de fotografia (em preto-e-branco): Robert Surtees ■ Montagem: Donn Cambern ■ Desenho de produção: Polly Platt ■ Direção de arte: Walter Scott Herndon ■ Produção: Stephen J. Friedman para a Columbia ■ Distribuição em vídeo: LK-Tel/Vídeo ■ Duração: 1h58.

O elenco: Timothy Bottoms (Sonny Crawford), Jeff Bridges (Duane Jackson), Cybill Shepherd (Jacy Farrow), Ben Johnson (Sam), Cloris Leachman (Ruth Popper), Ellen Burstyn (Lois Farrow), Eileen Brennan (Genevieve), Clu Gulager (Abilene), Sam Bottoms (Billy), Sharon Taggart (Charlene Duggs), Randy Quaid (Lester Marlow), Joe Heathcock (xerife), Bill Thurman (treinador Popper), John Hillerman (professor), Noble Willingham (Chester), Barc Doyle (Joe Bob Blanton).

A trama: dois jovens, Sonny e Duane, vivem em uma pequena cidade do interior do Texas, em 1951. Os dois são amigos do velho Sam, um ex-cowboy dono da única cafeteria e do único cinema da cidade, que por este motivo também é o único ponto de encontro dos jovens que querem beber, fumar maconha e namorar. Sonny se envolve com Ruth, mulher mais velha e casada. Duane tem vários problemas ao se apaixonar por Jacy, a garota mais bonita da cidade. Os dois experimentam o começo da fase adulta sem muitas perspectivas e às vésperas da Guerra da Coréia.

O diretor: o americano Peter Bogdanovich, nascido em 1939, foi um caso clássico de cinéfilo que virou crítico e depois cineasta. Estreou em 1968 com *Na Mira da Morte*, último filme de Boris Karloff. Depois de um documentário sobre John Ford, conquistou o mundo com três filmes importantes: *A Última Sessão de Cinema*, *Esta Pequena É uma Parada* (1972) e *Lua de Papel* (1973). Depois realizou filmes estranhos, fracos e irregulares, minando gradualmente o seu nome. Merecem menção o inédito *Nickelodeon* (1976 – em vídeo recebeu o título de *No Mundo do Cinema*), *Marcas do Destino* (1985) e *Texasville* (1990), continuação com quase a mesma equipe de *A Última Sessão*.

Notas: o filme recebeu os Oscar de melhor ator coadjuvante (Ben Johnson) e atriz coadjuvante (Cloris Leachman); é também a estréia nas telas de Cybill Shepherd, que namorou Bogdanovich até meados da década de 70 ■ A trilha sonora apresenta gravações de 1951 de figuras como Hank Williams, Eddie Fisher, Tony Bennett, Jo Stafford e Frankie Laine ■ Em 1990, o diretor Bogdanovich lançou uma versão *director's cut* em laserdisc, com os sete minutos originalmente cortados; a cópia em vídeo disponível no Brasil tem cenas que à época foram cortadas pela nossa Censura, como a nudez frontal tanto de homens como de mulheres ■ Com cenas de filmes exibidos na única sala da cidadezinha, Bogdanovich homenageou dois de seus diretores prediletos, Howard Hawks e John Ford ■ O filme é um marco, devido ao tratamento de bom gosto que dá ao processo de liberalização.

OS INDOMÁVEIS★★★
(Draw, EUA, 1984) Direção: Steven Hilliard Stern. Com Kirk Douglas, James Coburn. Opção.
Por definição, qualquer faroeste com Kirk Douglas e James Coburn merece ser visto. Mesmo os dois estando bem velhinhos, caso deste filme supersimpático e despretensioso.
Kirk é um ex-pistoleiro metido a gostosão que só quer sossego, mas arruma encrenca numa cidadezinha e é forçado a se barricar com uma atriz como refém (que, como convém, se apaixona rapidinho por ele). James Coburn é o ex-xerife, hoje beberrão, convocado para prender ou matar Kirk. Claro que o bandido e o mocinho descobrem ter muito em comum. *Draw* ganha pontos especiais se você considerar que sua produção não passa do padrão telefilme. Mas quem precisa de detalhes como dinheiro e cenários quando você tem Kirk e Coburn duelando ao sol?
A.F.

SEM CONTROLE★
(Spetters, Holanda, 1980) Direção: Paul Verhoeven. Com Rutger Hauer, Hans Van Tongeren. Screen Life.
Comparado com outros filmes da fase holandesa de Paul Verhoeven este *Sem Controle* é pura decepção. E em dose dupla. Tanto para os fãs de Hauer, que faz apenas uma ponta, quanto para os de Verhoeven, que empurra com a barriga este roteiro ruinzinho que conta as desventuras de três amigos numa pequena cidade da Holanda. As seqüências de ação nas pistas de motocross são pobres e as tragédias pessoais beiram o dramalhão mexicano. O filme, sem desculpas pelo uso do trocadilho, é um chute nos países baixos.
M.R.G.

CIA, OPERAÇÃO ALEXA ★★
(CIA Code Name: Alexa, EUA, 1992) Direção: Joseph Merhi. Com Lorenzo Lamas, Kathleen Kinmont, O.J. Simpson, Alex Cord. TV Vídeo.
Este *Operação Alexa* é mais um daqueles filmes de ação com clicheria total, do argumento à direção. Aqui, o astro e herói é Lorenzo Lamas. Bata no liquidificador Chuck Norris, Steven Seagal e Jeff Speakman, que o resultado é uma vitamina pobre chamada Lamas. Ele é o agente secreto da CIA Mark Graver e captura uma terrorista que trabalha para o diplomata Victor Mahler. Este tem em seu poder um microchip que contém informações secretas do governo americano. Alexa fará uma espécie de Nikita, que deverá recuperar o chip para a CIA em troca da sua liberdade.
Marcos Petrucelli

PUNHOS DE ÓDIO ★★
(Rage, EUA, 1992) Direção: Anthony G. Maharaj. Com Richard Norton, Karen Moncrieff, Chuck Jeffreys. Look.
A história se passa na Tailândia, embora estranhamente nenhum dos lutadores se utilize do "muay thay", o tradicional esporte local. Richard Norton presencia o assassinato dos pais quando criança e é adotado pelo sócio tailandês dos falecidos americanos. Adulto, recebe a direção da empresa do pai adotivo, contrariando os interesses do filho legítimo, chefe do crime organizado. Os combates não chegam a ser impressionantes, já que a mistura karatê/aikidô de Norton é melhor utilizada por Steven Seagal. Exceção feita à luta contra o versátil Chuck Jeffreys, o exótico "rastafari" que combina estilos mistos de kung-fu com artes filipinas de combates.
Niki Nixon

Sato

É um pássaro? É um avião? É o Super-Homem? Não, é National Kid, o herói japonês que marcou uma geração

NATIONAL KID CONTRA OS INCAS VENUSIANOS★★★

(National Kid, Japão, 1960/1961) Direção: Nagayoshi Akasaka. Com Ichiro Kojima. Oito episódios. Sato.

NATIONAL KID E O RETORNO DOS INCAS VENUSIANOS★★★

(National Kid, Japão, 1960/1961) Direção: Nagayoshi Akasaka. Com Ichiro Kojima. Cinco episódios. Sato.

Onde lecionava o professor Masawata? Qual era saudação dos Incas Venusianos? Aiuka? Auika? Aikameu? Só quem tem mais de trinta anos consegue lembrar alguma coisa de *National Kid*, além da musiquinha tema. O seriado que fez o maior sucesso entre a molecada no final da década de 60 e começo dos 70 está de volta, junto com a calça boca-de-sino e o salto plataforma. A Sato Company, que lançou o desenho animado *Akira* nos cinemas, pretende lançar em vídeo toda a série do herói japonês, para deleite dos marmanjões.

Sim, porque dificilmente o seriado irá agradar aos pirralhos dos anos 90. Perto dos *Jaspions* e *Changemans* de hoje em dia, *National Kid* é Godard (não confundir com Goldar, o célebre robô de peruca loira). Muito diálogo, pouca pancadaria, tramas complicadas (quando comparadas com o *plot* imbecilóide dos seriados atuais) e, para piorar, é em preto-e-branco. Nenhuma criança agüenta.

Mas nem só para terapia de regressão vai servir o vídeo do "nationarokido". Há outro público, sedento de títulos, que receberá esse lançamento com alegria: os trashmaníacos. *National Kid* é puro trash japonês, para fã de Inoshiro Honda nenhum botar defeito. Câmeras esquisitíssimas, efeitos capenguíssimos, cenários e vestuários que dispensam comentários. Isso fora os geniais erros de continuidade e furos de roteiro. No primeiro episódio, um piloto de caça persegue um prato de bateria que serve de nave espacial para os Incas Venusianos. O prato sobe ao espaço sideral e o caça vai atrás, sem se preocupar com detalhes como pressão atmosférica. Caso a fita emplaque, a Sato promete lançar outros seriados. Já pensaram? Super Dínamo! Guzula! Ultraman! Taro Kid! Fantomas! Marino Boy! Até uma releitura das aventuras sexualmente confusas do príncipe Safiri não seria uma má idéia.

Heinar Maracy

Vídeo Arte

Ewa Froling e as crianças dão vida à fábula sueca dirigida por Sven Nykvist

O BOI★★★★

(Oxen, Suécia, 1991) Direção: Sven Nykvist. Com Stellan Skarsgard, Ewa Froling, Max Von Sydow, Liv Ullmann. Vídeo Arte.

Na gélida Suécia também se sente fome. Em *O Boi*, primeiro filme dirigido por Sven Nykvist, um dos maiores e melhores fotógrafos do cinema e o preferido de Bergman, entram em choque a fome e a ética. Deus e o diabo na terra do gelo: numa pequena comunidade em que a cada dia alguém se vai, morto ou embora para onde se possa comer e trabalhar, um homem desesperado, tendo que alimentar mulher e filha, mata um boi pertencente a um abastado local. Mata e esconde a carcaça, da qual se alimenta durante todo o inverno. Mas a comunidade é muito pequena e todos desconfiam de sua face rosada e da robustez da filha.

O Boi é um filme inteligente, nada simplificador, nada complicado, interpretado por grandes atores, em que se conta uma história ao mesmo tempo pessoal e universal. Uma fábula sobre a questão do direito às coisas, sobre a relatividade ou não do pecado, sobre a urgência dos que têm fome.

David França Mendes

Recebeu indicação para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 1991. "Estrelado pelos mais conhecidos atores suecos, este lindo filme é uma seleção natural para os cinemas de arte e festivais ao redor do mundo", *Variety*.

HÁBITO NEGRO★★★★
(Black Robe, Canadá/ Austrália, 1991) Direção: Bruce Beresford. Com Lothaire Bluteau, Aden Young. Paris.
Bluteau, que já foi *Jesus de Montreal*, agora encarna um padre católico que viaja pelas florestas geladas do Canadá em 1634, com a intenção de catequizar os índios selvagens. Beresford (de *Conduzindo Miss Daisy*), realiza um de seus melhores filmes ao expor o conflito de verdades entre duas religiões radicalmente divergentes. A sua narrativa sutil acaba por nos conduzir à conclusão de que não há dogma absoluto. Pelo contrário, o filme afirma que a religião não passa de um reflexo cultural das inseguranças de cada sociedade.
Ch.P.

TERRA DA DISCÓRDIA★★
(The Field, Inglaterra, 1990) Direção: Jim Sheridan. Com Richard Harris, John Hurt, Tom Berenger. LK-Tel/Vídeo.
Bull McCabe (Harris) ama seu pedaço de terra na Irlanda. Onde antes havia pedras e desolação vê-se, graças à sua dedicação, um campo vicejante. A terra passa a ganhar valor a olhos de estranhos, mas não pertence a McCabe, que é apenas um arrendatário. Ele quer a terra para seu filho, o problemático Tadgh (Sean Bean), mas se vê ameaçado pela intenção da dona, uma jovem viúva (Frances Tomelty), de vendê-la em leilão e ir embora. Um dos pretendentes pode ser um recém-chegado americano (Berenger). Paisagens e bom elenco seguram o drama.
José Eduardo Mendonça

DEPOIS DO AMOR★★
(Aprés l'Amour, França, 1991) Direção: Diane Kurys. Com Isabelle Huppert, Bernard Giraudeau, Hyppolite Girardot. Filmes do Estação.
Este é um típico produto do cinema francês, sempre feliz em encher suas produções com quiprocós sentimentais, acontecimentos rotineiros e pequenas colheradas de erotismo politicamente correto. Isabelle Huppert é Lola, uma escritora que vive a proeza de ser simultaneamente a outra de dois homens casados com filhos: um arquiteto bem-sucedido, que nas horas vagas transa com a secretária, e um músico de barba serrada e talento idem. E quando ela não está correndo atrás dos dois, tenta escrever um livro. A diretora Diane Kurys faz deste *Depois do Amor* um manifesto água-com-açúcar para mostrar aos espectadores o quanto a vida é aborrecida e o amor, tedioso.
Valter José

SALMONBERRIES – UM AMOR DIFERENTE ★★★
(Salmonberries, Alemanha, 1991) Direção: Percy Adlon. Com k.d. lang, Rosel Zech, Chuck Connors. HVC.
A escolha dos lugares inóspitos onde Adlon coloca seus personagens é contrastante mas não aleatória. Apesar do tom de comédia, o ensolarado deserto da Califórnia, em *Bagdad Café*, reforça a falta absoluta de destino dos protagonistas. *Salmonberries* é o negativo de *Bagdad*. A história melancólica de duas mulheres tem como cenário um gelado vilarejo no Alasca. Kotz (a cantora folk canadense k.d.lang) é uma esquimó selvagem e masculinizada que sublima a necessidade de encontrar o pai pela paixão por Roswitha (Rosel Zech), uma bibliotecária alemã quarentona. Roswitha, frágil e traumatizada por certa tragédia ocorrida na Alemanha, concorda com a aproximação de Kotz. Assim, uma cai no colo da outra, como forma de terapia mútua de seus problemas.
Walter de Silva

JUICE★★
(Juice, EUA, 1992) Direção: Ernest R. Dickerson. Com Omar Epps, Jermaine Hopkins, Khalil Kain. Europa.
Este filme é resultado direto do "efeito Spike Lee" no cinema americano: um filme só de negros, com temática de negros e música de negros (a cargo de Hanck Shocklee e Bomb Squad). É a história de quatro adolescentes inseparáveis que se defrontam com a inevitável questão que se apresenta para quem tenta fugir da pobreza: entrar para o crime ou manter-se "limpo". Só que os personagens são esquemáticos e o roteiro, mal desenvolvido. É indispensável para os adolescentes negros brasileiros que formam gangues e grupos de rap, mas só para eles.
Vitor Paolozzi

SEMPRE AOS DOMINGOS★★★
(La Domenica Specialmente, Itália, 1992) Direção: Giuseppe Tornatore, Marco Tullio Giordana, Giuseppe Bertolucci, Francesco Barilli. Com Philippe Noiret, Ornella Muti, Bruno Ganz. Vídeo Arte. Filme em episódios que faz um paralelo bastante frágil com as quatro estações do ano. Começa com o outono: *O Cachorro Azul*, de Tornatore, é curioso e modesto ao narrar a estranha relação entre um solteirão e um vira-latas que o segue. O inverno é a parte que mais rende: *Neve no Fogo*, de Giordana, tem uma poesia sensual e fatalista. A primavera desponta com *Sempre aos Domingos*, de Bertolucci. É a história mais convencional, com um casal formado por Ganz (*Asas do Desejo*) e Muti (*A Viagem do Capitão Tornado*). O verão encerra o ciclo, com *As Igrejas de Madeira*, de Barilli, um delírio experimental datado, mas bastante interessante.
Ch.P.

CÓDIGO DE HONRA★★★
(School Ties, EUA, 1992) Direção: Robert Mandel. Com Brendan Fraser, Chris O'Donnell. CIC. Brandon Fraser é considerado um dos novos *sexy boys* de Hollywood. Leva jeito para o papel: basta gostar de tipos grandes e abrutalhados. Em *Código de Honra*, é tão bom de bola que vai para uma elitista escola americana, nos anos 50, reforçar o time local. Acontece que Brandon é judeu e disfarça a identidade para ser aceito pelos colegas anti-semitas. O diretor Robert Mandel gosta de mostrar as máscaras que as pessoas sobre pressão são forçadas a usar. O problema é que a máscara sempre termina caindo. O filme está longe de ser uma obra-prima, mas é um programa agradável, para deixar rolar no seu vídeo.
L.C.M.

A PROVA ★★★★
(Proof, Austrália, 1991) Direção: Jocelyn Moorhouse. Com Hugo Weaving, Genevieve Picot, Russeu Crowe, Heather Mitchell, Jeffrey Walker. Europa.

Uma boa surpresa da diretora australiana Jocelyn Moorhouse, que estreou em 1992 com este longa. Um jovem cego de nascença tira fotos de lugares que freqüenta e das pessoas que o cercam. É a forma que encontra de compreender a realidade a sua volta e de se relacionar com as pessoas mais próximas.

Em que pese a inexperiência da diretora e uma certa precaridade da produção, é um filme tão interessante quanto simples. Conceitualmente, reproduz com despojamento e felicidade temas recorrentes de Wim Wenders e Antonioni (incluindo uma citação do filme *Blow Up*).

O personagem faz o aprendizado da confiança e da liberdade, sem pieguices. A diretora faz um retrato intimista e cria uma metáfora para o próprio cinema. Baseado num caso real, mostra a força do cinema australiano, que há alguns anos vem se destacando no circuito internacional pela originalidade e pelo volume de sua produção.
Marcos Strecker

O ÓLEO DE LORENZO★★★

(Lorenzo's Oil, EUA, 1992) Direção: George Miller. Com Susan Sarandon, Nick Nolte, Zack O'Malley Greenburg, Peter Ustinov. CIC.

Quando se confirmou que Miller, o diretor australiano da triologia *Mad Max* e de *As Bruxas de Eastwick*, iria mesmo dirigir *O Óleo de Lorenzo*, além de co-escrever o roteiro, duas dúvidas ficaram no ar: queria Miller concorrer ao Oscar de Melhor Direção ou estaria ele apenas se vingando de Hollywood pelas péssimas condições de trabalho que experimentou com *As Bruxas*, realizando assim um filme no estilo mais emocional e bombástico do cinema americano, adorado pela Academia, que é o de "a doença da semana" (o melhor seria dizer "filme sobre pessoas com alguma deficiência" – tipo *Rain Man*, *Meu Pé Esquerdo* ou até mesmo *A História de Ryan White*).

Miller deve ter pensado nas duas coisas. A verdade é que ele conseguiu o prodígio de sair ileso da façanha que é dirigir este subgênero e não cair no ridículo (excluindo-se o sotaque italiano de Nolte; a sua queda na escada, em câmera lenta, num momento de dor; e um movimento descendente de câmera focalizando o rosto de Sarandon rezando para os céus em uma igreja). Está certo que o roteiro procura beatificar a figura da mãe – brilhantemente interpretada por Sarandon, que foi indicada para o Oscar –, mas Miller consegue criar um filme tenso, envolvente, grandiloqüente (seus vôos de câmera estão presentes e acentuam o caráter religioso do roteiro) e transformar o tema – a luta de pais que procuram a cura desconhecida para a doença fatal do filho pequeno – em algo assistível, mesmo sendo um verdadeiro pesadelo materno/paterno. E pior: inspirado em caso verídico. É difícil ficar indiferente a tanta dor.
Christian Petermann

"Você poderia esperar que Miller não filmasse esta história no estilo de um filme rotineiro da TV. Ele fez um comovedor thriller médico, cheio de energia como um filme de ação, emocionalmente e estilisticamente extravagante como as óperas de sua trilha sonora", *Newsweek*.

CIC

Nick Nolte, Susan Sarandon e o pequeno Zack O'Malley: festival de lágrimas

Continental

Em *Luzes da Cidade*, Chaplin combate o cinema falado com gags impagáveis

LUZES DA CIDADE★★★★

(City Lights, EUA, 1931) Direção: Charles Chaplin. Com Charles Chaplin, Virginia Cherrill, Florence Lee. Continental.

É inegável que em vídeo os clássicos de Chaplin perdem muito de sua inventividade, mas é indiscutível também que só assim a filmografia do vagabundo Carlitos se torna acessível ao público. Em *Luzes da Cidade*, Chaplin lutou bravamente contra a chegada do cinema falado e, ao contrário do que muitos pensavam, saiu vencedor. A paixão de Carlitos pela florista cega é ao mesmo tempo ingênua e atual, mantendo até hoje seu charme de melodrama. Ele faz de tudo para que a moça recupere a visão, tentando conseguir o dinheiro para lhe pagar uma operação.

As peripécias de Carlitos para devolver a visão para sua amada, aliás, rendem as melhores gags de um vagabundo na alta roda. A trilha sonora, famosa, para quem não sabe, foi composta pelo próprio Chaplin. E, apesar de a figura de Carlitos ter sido explorada no Brasil em posters e outros badulaques – que desgastaram a figura do ator e diretor –, o personagem continua sendo imbatível em tirar poesia do cotidiano.

Cesar Garcia Lima

"Não é o melhor filme de Chaplin, porque o comediante sacrificou a velocidade pela compaixão (...) mas ele ainda é o mímico perfeito", *Variety*.

OS IRRESISTÍVEIS FALSÁRIOS★★
(Schtonk!, Alemanha, 1992) Direção: Helmut Dietl. Com Götz George, Uwe Ochsenknecht, Rolf Hoppe. Vídeo Arte.
Schtonk! trata do famoso escândalo na mídia que foi a divulgação do que seriam os diários pessoais de Adolf Hitler – fraude levada a cabo pela revista sensacionalista *Stern*. O episódio refletiu nitidamente o quanto a sociedade germânica ainda não superou o fantasma nazista.
A mera referência ao conteúdo polêmico e íntimo destes diários fez a espinha dorsal de muitos alemães tremer. Foi esta importância social que levou a fita a ser indicada ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Por mais que se veja o assunto com interesse, é inegável afirmar que se trata de uma obra irregular e de pouco fôlego. O filme aposta demais na "piada única" e, apesar de ser uma comédia, é um espetáculo pesado, duro e que reduz o poder de suas denúncias com um sarcasmo caricatural. O tema merecia um tratamento mais inquietante.
Ch.P.

UM YUPPIE EM APUROS★★
(Out on a Limb, EUA, 1992) Direção: Francis Veber. Com Matthew Broderick, Jeffrey Jones, Heidi Kling. CIC.
Qualquer fã de *Curtindo a Vida Adoidado* vai querer ver outro filme com a dupla Matthew Broderick-Jeffrey Jones (que fazia o inspetor da escola naquele filme). Esta comédia não é tão engraçada, mas tem Broderick no mesmo estilo do cara esperto e *cool*. A história, que beira o nonsense, é muito enrolada para ser explicada em poucas linhas. Só para ilustrar: Broderick vai para uma pequena cidade, atendendo a um chamado da irmã, que acha que o padrasto está se metendo em confusão. Na estrada, cruza com uma mulher que está sendo perseguida. Ela rouba o carro dele e o deixa pelado. Na carteira dele tinha um número de telefone que valia 140 milhões de dólares. Em busca do telefone, ele encontra de novo com a ladra e os dois passam a ser perseguidos pelo irmão gêmeo do padrasto, que era um ex-presidiário. O final é feliz.
V.P.

MINHA MULHER VAI CASAR ★★
(Hard Promises, EUA, 1991) Direção: Martin Davidson. Com Sissy Spacek, William Petersen, Brian Kerwing, Mare Winningham. Abril Vídeo.
Comédia romântica que quase chega lá. Spacek *(Uma História Americana)* está uma gracinha e o elenco secundário é afiadíssimo. O problema principal, porém, é que o filme é produzido e protagonizado por Petersen *(Um Toque de Infidelidade)*. Ator pouco carismático, ele interpreta o desagradável e prepotente marido de Spacek que desapareceu há anos e recebe o convite do novo casamento de sua mulher. Ele decide intervir e encontra a esposa apaixonada por outro e a filha absolutamente carente de sua presença. O melhor é o humor ácido arrancado de situações interioranas quase caricatas. Lançado no cinema como *Um Dia, uma Vida.*
Ch. P.

ESCOLA DE NAMORADOS ★
(Don't Tell Her It's Me, EUA, 1990) Direção: Malcolm Mowbray. Com Steve Guttenberg, Jami Gertz, Shelley Long, Kyle MacLachlan, Mädchen Amick. LK-Tel/Vídeo.
Que o espectador não se engane com a presença de dois atores da *cult*-série *Twin Peaks*, MacLachlan e Amick, em papéis secundários. O filme tem mais a cara dos "difíceis de engolir" Guttenberg (*Loucademia de Polícia*) e Long (*Está Sobrando uma Mulher*). Além disso, há a bonita Gertz, que parece morbidamente atraída pelo câncer – depois de namorar um fracassado que passou pela quimioterapia neste filme, ela interpretaria uma vítima da doença no estranhíssimo *Silêncio como Gelo* (1991). Exibido nos cinemas como *Não lhe Diga que Sou Eu*, acabou levando em vídeo o nome do romance no qual se inspira (*The Boyfriend School*, de Sarah Bird, também autora do roteiro). É uma comédia romântica com poucos momentos inspirados. Permanece entre a chatice e a morbidez desagradável de sua história.
Ch. P.

MINHA VIDA É UM DESASTRE★★
(Better off Dead, EUA, 1985) Direção: Savage Steve Holland. Com John Cusack, David Ogden Stiers, Kim Darby. Abril Vídeo.
Não há *trash* que agüente

uma história imbecil de adolescentes, protagonizada por um John Cusack com cara de adulto na pele de garoto babaca. Ainda assim o carisma do ator de *Os Imorais* salva o personagem obcecado por suicídio depois que é abandonado pela garota mais bonita da escola. Nas várias tentativas de reconquistá-la, ele encontra gente grotesca e vive situações hilárias, até o duelo final com o bonzão da turma, numa difícil prova de esqui. O filme tem gags discretas, como a do entregador de jornais onipresente pedindo dois dólares de gorjeta, os pratos nojentos preparados pela mãe de John ou os pedidos das pessoas mais improváveis, inclusive um *cartoon* da TV, para sair com a ex-namorada do jovem infeliz.
F.G.

O PORTEIRO★★
(Puerta Joven, México, 1949) Direção: Miguel M. Delgado. Com Cantinflas, Silvia Pinal, Oscar Pulido, Fernando Casanova. Reserva.
Já que os filmes de Mazzaropi voltaram a fazer sucesso na televisão, por que não curtir o Jeca mexicano, o falecido Cantinflas? A história é incrivelmente fraca: Cantinflas é um faz-tudo que adora ajudar as pessoas do seu bairro. Dá uma força para o diretor da escola onde estuda e ajuda uma garota a voltar a andar. No meio disso, faz trocadilhos e solta piadas de fazer inveja aos alunos da Escolinha do Professor Raimundo. O que dá para perceber assistindo a *O Porteiro* é que Cantinflas é decididamente um artefato do passado. Só para nostálgicos ou curiosos.
Paulo Cavalcanti

O HOMEM DA CALIFÓRNIA★
(California Man/Encino Man, EUA, 1992) Direção: Les Mayfield. Com Sean Astin, Brendan Fraser. Abril Vídeo.
Comédia debilóide que tentou pegar o vácuo do sucesso de *Quanto Mais Idiota Melhor*, mas foi um fiasco nos cinemas. E com razão, até os idiotas se sentiram ofendidos. A premissa é até viável, mas as piadas são escassas. Colegial (Sean Astin) cava piscina no quintal de casa e encontra um homem de *cro-magnon* vivo (Brendan Fraser). A descoberta pouco lhe interessa, o importante é a farra. O brucutu passa por um banho de maquiagem do século XX e ganha a aparência punk. É o que basta para se matricular na escola e fazer sucesso com as garotas.
Hamilton Rosa Junior

ESCÂNDALO SECRETO★
(Scandalo Segreto, Itália, 1989) Direção: Monica Vitti. Com Vitti, Elliott Gould, Catherine Spaak, Gino Pernice. Europa.
A estréia atrás das câmeras da atriz Monica Vitti foi pela primeira vez exibida no Festival de Cannes de 1990 e foi também suficiente para destruir a carreira comercial da fita em qualquer lugar do mundo. Há atores que não deveriam arriscar-se na direção quando não sabem o que estão fazendo. Vitti co-escreveu mais uma história de adultério, infidelidade e ciúme e recorreu, como "grande idéia" de sua obra, à metalinguagem. Todas as situações do filme se desenrolam em frente a uma câmera de vídeo que ela transporta de lá para cá. O que se vê é o que a câmera registra. Mas além de às vezes furar essa lógica narrativa, Vitti elaborou uma comédia dramática sem qualquer humor, verborrágica e histérica. É irritante vê-la em um quase monólogo num filme que mais parece teatro filmado.
Ch. P.

Abril Vídeo

Macaulay Culkin em *Esqueceram de Mim 2*: variações da mesma fórmula com acréscimo de mensagens humanitárias

ESQUECERAM DE MIM 2: PERDIDO EM NOVA YORK★★★

(Home Alone 2: Lost in New York, EUA, 1992) Direção: Chris Columbus. Com Macaulay Culkin, Joe Pesci, Daniel Stern, Tim Curry. Abril Vídeo.

Existe em Hollywood um ditado muito prático: "Se não está quebrado, não conserte!" Esse é o espírito por trás desta continuação. Para que mudar a fórmula se ela deu certo antes? Esta parte dois não passa, então, de uma refilmagem do grande sucesso de 1990. A diferença, que já está explicada no título, é meramente de escala.

Agora o pequeno Kevin (Culkin) está sozinho em Nova York, aonde foi parar depois de pegar um avião errado. De posse dos cartões de crédito do pai, Kevin se instala no luxuoso hotel e tem uma vida de rei até reencontrar os velhos inimigos do primeiro filme (Pesci e Stern). Os bandidos trapalhões estão na cidade para roubar o dinheiro arrecadado para um orfanato e cabe a Kevin fazer de tudo para impedi-los de fugir.

A violência do garoto contra os bandidos continua sendo tratada no filme como fonte de humor pastelão. Apesar de estilizada, não deixa de ser perturbadora por causa de alguns detalhes visuais (por exemplo, um tijolo que cai na cabeça de Stern deixa um hematoma bastante real). Talvez por causa de uma consciência culpada depois de tanta pancadaria, o roteirista John Hughes encontrou lugar para uma mensagem espiritual, através da atriz Brenda Fricker (Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante em 1989 com *Meu Pé Esquerdo*) como uma mendiga que vive no Central Park e que se torna amiga do garoto.

Roberto Rios

"Vamos admitir: o guerreiro suburbano e cheio de autoconfiança de Culkin já entrou para a mitologia pop de toda uma geração", *Newsweek*.

A BELA E A FERA ★★★

(Beauty and the Beast, EUA, 1991) Direção: Gary Trousdale, Kirk Wise. Abril Vídeo.

Este foi o primeiro desenho a ser indicado ao Oscar de Melhor Longa-Metragem. Todos os méritos para a *A Bela e a Fera*. É preciso dizer, porém, que a ausência do humor assumido dos outros dois desenhos do "renascimento" dos estúdios Disney (*A Pequena Sereia* e *Aladdin*) faz falta.

É claro que o conto de fadas francês – cujas origens remontam à mitologia grega – no qual o desenho se inspira tem um potencial romântico muito grande. Mas assim também o tinha *A Pequena Sereia*. É que grande percentual do sucesso de seus "irmãos" se explica pelo ótimo senso de humor dos roteiristas do estúdio. Ou melhor, diretores-roteiristas. A parceria entre John Musker e Ron Clements (de *Sereia* e *Aladdin*) é vibrante, emocionante, ágil e extremamente bem-humorada.

Já a estréia dos quase novatos Gary Trousdale e Kirk Wise (dirigiram um curta só exibido no Epcot Center) na direção de *A Bela* é hábil na absorção da tecnologia, mas acadêmica, comportada e às vezes melosa. Não seria sexismo afirmar que o filme tem um grande apelo feminino. Ele impressiona, mas não entusiasma em sua grande parte. É o segundo dos três desenhos de Disney que sucessivamente levaram o Oscar de trilha e canção. É um marco, mais por nossa vontade do que por mérito.

Christian Petermann

"Sofisticada e engraçada, romântica e assustadora, a história foi reescrita com um maravilhoso elenco de novos personagens, além de inteligentes e memoráveis canções que superam largamente a produção atual da Broadway", *Newsweek*.

O RATINHO DETETIVE ★★★
(The Mouse Detective, EUA, 1986) Direção: John Musker, Ron Clements, Dave Michener, Burby Mattinson. Abril Vídeo.
Simpático e divertido longa-metragem de animação da Disney, contando as aventuras de Basil, um camundongo detetive, na investigação do desaparecimento de outro ratinho. Como Sherlock Holmes, Basil age nas enevoadas ruas da velha Londres vitoriana. História e personagens são atraentes ao público infantil, mas tecnicamente o desenho está muito abaixo do tradicional padrão da Disney. Na verdade, em execução o desenho parece mais um especial da Hanna-Barbera para a TV. Confira na seqüência final, dentro das engrenagens do Big Ben, uma tímida utilização de recursos de computação gráfica. Na época, o fato gerou duras críticas sobre a "pureza" do tradicional trabalho dos desenhistas. Hoje em dia o computador é um recurso normal e altamente respeitado. *R.R.*

CRISTOVÃO COLOMBO – A VIAGEM ★★★
(Christopher Columbus, Espanha/Japão, 1992) Direção: A. Rurokawa. Vídeo Arte.
Em comemoração aos 500 anos do descobrimento da América, produtores espanhóis associados a japoneses animaram as peripécias de Colombo rumo ao Novo Mundo. Esta fita (bem dublada) é o segundo epsódio de uma série de três desenhos e

Velho sonho de Walt Disney que demorou décadas para se concretizar, *A Bela e a Fera* foi premiado com dois Oscar

conta todos os problemas que Colombo teve durante a viagem (motins, descrença dos marujos, etc.). A animação é de boa qualidade e os fatos históricos são bem descritos, já que a produção contou com o apoio da Real Sociedade Histórica 500 Anos da América.
Marcelo de Castro

ANA E O ANEL MÁGICO★★★★
(12 Months, Japão, 1989) Direção: Yasushiro Yamaguchi, Shohei Kawamoto. Sato.
Ana é uma garotinha órfã, que para sobreviver atura uma velha malvada e sua filha mais malvada ainda. Depois de passar o dia catando lenha debaixo de neve, Ana é intimada a encontrar galantos (plantas que só florescem na primavera) em pleno inverno. Situação difícil, não? Mas Ana encontra doze homens , que comovidos com sua história, lhe dão dois presentes. O primeiro é uma hora de primavera. Em apenas alguns minutos, Ana vê a noite de inverno virar tarde de primavera, cheia de galantos. O segundo é um anel mágico, que assegura socorro em situações de perigo. Agora Ana se tornou a protegida dos "Doze Meses".
Belinda Santos

AS AVENTURAS DE UM MENINO TRAVESSO★★★
(Aesop's Fables, Japão, 1987) Direção: Tomoko Eripake, Norio Hikone. Sato.
Desenho que traz uma boa adaptação de algumas fábulas gregas. Como em "O Menino e o Lobo", Esopo é um garoto safado, mas que entra na linha quando se vê perdido em um mundo onde os animais falam e as fadas existem. O melhor é que toda a moral passa quase desapercebida, porque até a cigarra tem final feliz.
B.S.

Warner

Jack Bruce, Ginger Baker e Eric Clapton: lições de rock em vídeo

LIVE AT KNEBWORTH VOL. 1, 2 E 3★★
(Inglaterra, 1990) Volume 1: Phil Collins, Paul McCartney, Cliff Richard & The Shadows e Tears for Fears. Volume 2: Eric Clapton, Dire Straits, Elton John e Status Quo. Volume 3: Robert Plant & Jimmy Page, Genesis e Pink Floyd. Movie Play/ML.
Este é mais um daqueles shows tipo Live Aid, com "trocentas" bandas tocando por uma causa nobre – no caso, ajudar um centro de tratamento para crianças deficientes na Inglaterra. Aconteceu no dia 30 de junho de 1990, em Knebworth, e juntou 120 mil pessoas. As imagens não são espetaculares, mas pelo menos mostram um desempenho ao vivo diferente do que se encontra nos discos. O Genesis, por exemplo, radicalizou: em quase treze minutos tocou um medley de oito músicas, juntando coisas como "Satisfaction", "Twist and Shout", "In the Midnight Hour" e "Pinball Wizard". O show foi dividido em três fitas e escolher qual é a melhor depende do gosto do freguês.
V.P.

GRACELAND – THE AFRICAN CONCERT★★★
(EUA, 1988) Direção: Michael Lindsay-Hogg. Com Paul Simon, Miriam Makeba, Hugh Masekela, Joseph Zabalala. Warner.
Paul Simon continua com o mesmo ar de garotão bem-comportado dos anos 60, quando cantava "Mrs. Robinson". Camiseta branca, cabelo curto, voz tímida, o ex-parceiro de Art Garfunkel consegue uma proeza neste *African Concert*: faz os negros dançarem no Rufaro Stadium, em Harare, Zimbabue. 45 mil pessoas sacolejando ao sol numa tarde de rachar pedra. O vídeo é meio monótono para quem não é fã de música negra. Mas, se o espectador é chegado num batuque, vai se esbaldar com Hugh Masekela e seu trompete e Miriam Makeba (aquela do "Pata Pata"). Mas o melhor do show está com Joseph Zabalala e seu Ladysmith Black Mambazo, um coral negro banto, típico do centro-sul da África, que usa muita mímica e canto a palo seco. Zabalala vale o show. Espetáculo raro.
Francisco Costa

STRANGE BREW★★★★
(Inglaterra, 1991) Direção: Paul Justman. Warner.

ERIC BURDON AND THE ANIMALS★★★★
(Inglaterra, 1991) Direção: Bill Getz. Warner.

A Warner está lançando (parabéns) estes documentários padrão BBC sobre Cream e Animals. Ambos são fundamentais para quem gosta de rock. O dos Animals dá uma geral no início, explosão e decadência destes monstros do rhythm'n'blues inglês. Explica as origens da banda, como ela foi roubada descaradamente por seus empresários, clips de TV de várias fases dos Animals, entrevistas com seus ex-integrantes feitas em 1991, e dois projetos posteriores do cantor Eric Burdon: os New Animals e o War. Um momento especialmente revelador registra a banda à beira da dissolução, tomando bronca de sua assessora de imprensa americana.

O do Cream segue a mesma fórmula: clips, shows, entrevistas. Mas esse lendário *power trio* é ainda melhor que os Animals. O Cream levou o blues à estratosfera psicodélica, lançou as bases do heavy metal e do rock progressivo. De quebra, a curta trajetória do grupo contém os melhores momentos da carreira de Eric Clapton. Chega?

André Forastieri

Mesmo desprezados pelo Oscar, Tom Cruise e Jack Nicholson (foto) devem garantir uma boa carreira em vídeo para *Questão de Honra*. Também chegam às locadoras nos próximos meses outros filmes exibidos recentemente nos cinemas, como *A Assassina*, com Bridget Fonda revivendo o personagem Nikita, *Herói por Acidente*, com Dustin Hoffman e Geena Davis, e *Uma Mulher para Dois*, com o trio Robert De Niro, Uma Thurman e Bill Murray. Direto da TV americana vem a minissérie *Sinatra*, uma produção da filha do cantor, Tina. O elenco tem Philip Casnoff como Frank Sinatra, Marcia Gay Harden como Ava Gardner e Nina Siemaszko como Mia Farrow.

BOLSA DE VÍDEO

Comédia e romance ficam na frente de tiros e violência

	Tulo Becker Zero Hora	Roberto Rios TVA	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Celso Fioravante Folha de São Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	Hamilton Rosa Jr. Folha da Tarde	Hugo Suckman Jornal do Brasil	Ivan Cláudio Isto É	Luciano Trigo O Globo	Luiz Carlos Merten O Estado de São Paulo	Média
1º *Luzes da Cidade* (Continental)	10	10	9	7	10	10	10	10	10	10	9.6
2º *A Bela e a Fera* (Abril Vídeo)	8	10	8	8	10	10	9	7	8	9	8.7
3º *Cães de Aluguel* (Look)	10	7	7	9	9	9	9	8	9	8	8.5
4º *Glória* (LK–Tel/Vídeo)	10	7	8	8	-	7	8	9	-	7	8
5º *A Prova* (Europa)	-	8	8	8	-	9	7	7	5	8	7.5
6º *National Kid Contra os Incas...* (Sato)	2	10	-	-	10	-	7	-	-	-	7.2
7º *Jennifer 8* (CIC)	-	-	7	7	-	8	-	5	-	5	6.4
8º *O Boi* (Vídeo Arte)	-	-	9	6	-	-	6	-	6	4	6.2
9º *Os Irresistíveis Falsários* (Vídeo Arte)	7	-	8	-	-	6	-	-	-	4	6.2
10º *O Óleo de Lorenzo* (CIC)	4	4	8	6	4	8	7	5	6	4	5.6

OS MAIS ALUGADOS

JULHO

BRASIL

1 *O Guarda-Costas* (Warner)
2 *Soldado Universal* (LK-Tel/Vídeo)
3 *Quebra de Sigilo* (CIC)
4 *Força em Alerta* (Warner)
5 *Mulher Solteira Procura* (LK-Tel/Vídeo)
6 *Os Imperdoáveis* (Warner)
7 *Querida, Estiquei o Bebê* (Abril Vídeo)
8 *Instinto Selvagem* (LK-Tel/Vídeo)
9 *Mudança de Hábito* (Abril Vídeo)
10 *Traídos Pelo Desejo* (Mundial)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobb Vídeo (SP), Copa 6 (RJ), Vídeo Shac (RJ), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO Cine Vídeo (GO), Vídeo 2 (S.Bernard do Campo), Back I (RS), Cia. do Víde (BH).

EUA

1 *Unforgiven* (Warner)
2 *A Few Good Men* (Columbia TriStar)
3 *Bram Stoker's Dracula* (Columbia TriStar)
4 *Leap of Faith* (Paramount)
5 *The Bodyguard* (Warner)
6 *Forever Young* (Warner)
7 *Jennifer 8* (Paramount)
8 *Body of Evidence* (MGM/UA)
9 *Teenage Mutant Ninja Turtles III* (New Line)
10 *Howards End* (Columbia TriStar)

Fonte: *Entertainment Weekly* (30/07/93)

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS
PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
- Drácula
- O Último dos Moicanos
- Código de Honra
- Óleo de Lorenzo
- Esqueceram de Mim 2

ABRA UMA
VÍDEO LOCADORA

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Aceitamos automóveis, telefones e imóveis como forma de pagamento

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS
E USADAS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Toda linha de acessórios
- Financiamos a partir de 30 a 120 dias
- Pagamentos com cheques semanais
- Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS
OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- Drácula
- O Último dos Moicanos
- Código de Honra
- Óleo de Lorenzo
- A Morte Dorme Comigo

- Catálogos a partir de CR$ 200,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- **Cheques pré-datados sem juros**
- **Remetemos para todo o Brasil**

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

AQUI COLECIONADOR FAZ A FESTA!!!

- FITAS NOVAS E USADAS
- CLÁSSICOS FORA DE CATÁLOGO
- ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

NOVA
LOJA DO VÍDEO

ESTACIONAMENTO NO LOCAL
Rua Duarte de Azevedo, 284 1º Andar
CEP 02036 - Santana - SP - SP
(Próximo Metrô Santana)
Tel: (011) 267-5566 - 290-3856
Fax: (011) 290-7678

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- Drácula
- Óleo de Lorenzo
- Esqueceram de Mim 2
- A Bela e a Fera

- ***PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO***
- ***PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO***
- ***PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA***
- ***GARANTIA E QUALIDADE***

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Digitalizado com CamScanner

SABE AQUELE CARA
APRENDER QUALQUER COI
FOI MORAR NO

Você já deve ter ouvido falar que o responsável pelo desaparecimento dos dinossauros foi um meteoro que caiu sobre a terra. É bem possível que daqui a milênios se fale também de um tal meteoro chamado informática.

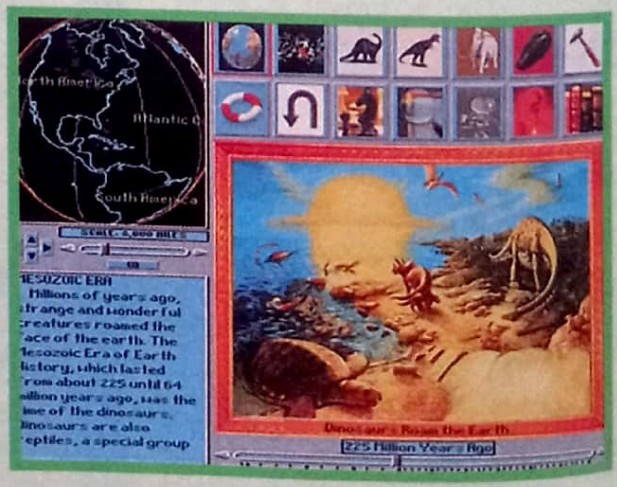
Mas você ainda tem tempo pra dominar esse assunto. E o melhor jeito é ler uma revista que fala de computador com linguagem de gente. INFORMÁTICA EXAME é assim.

Software

Nesta seção, INFORMÁTICA EXAME apresenta as últimas novidades da área de software e diz como você pode aproveitá-las. Analisa e compara programas. E também traz tudo sobre utilitários.

Hardware

Aqui INFORMÁTICA EXAME traz tudo sobre



QUE SE RECUSAVA A
A SOBRE COMPUTADORES?
URASSIC PARK.

W/Brasil

micros e periféricos. Em matérias e gráficos, analisa todas as novidades internacionais e nacionais.

Tutorial

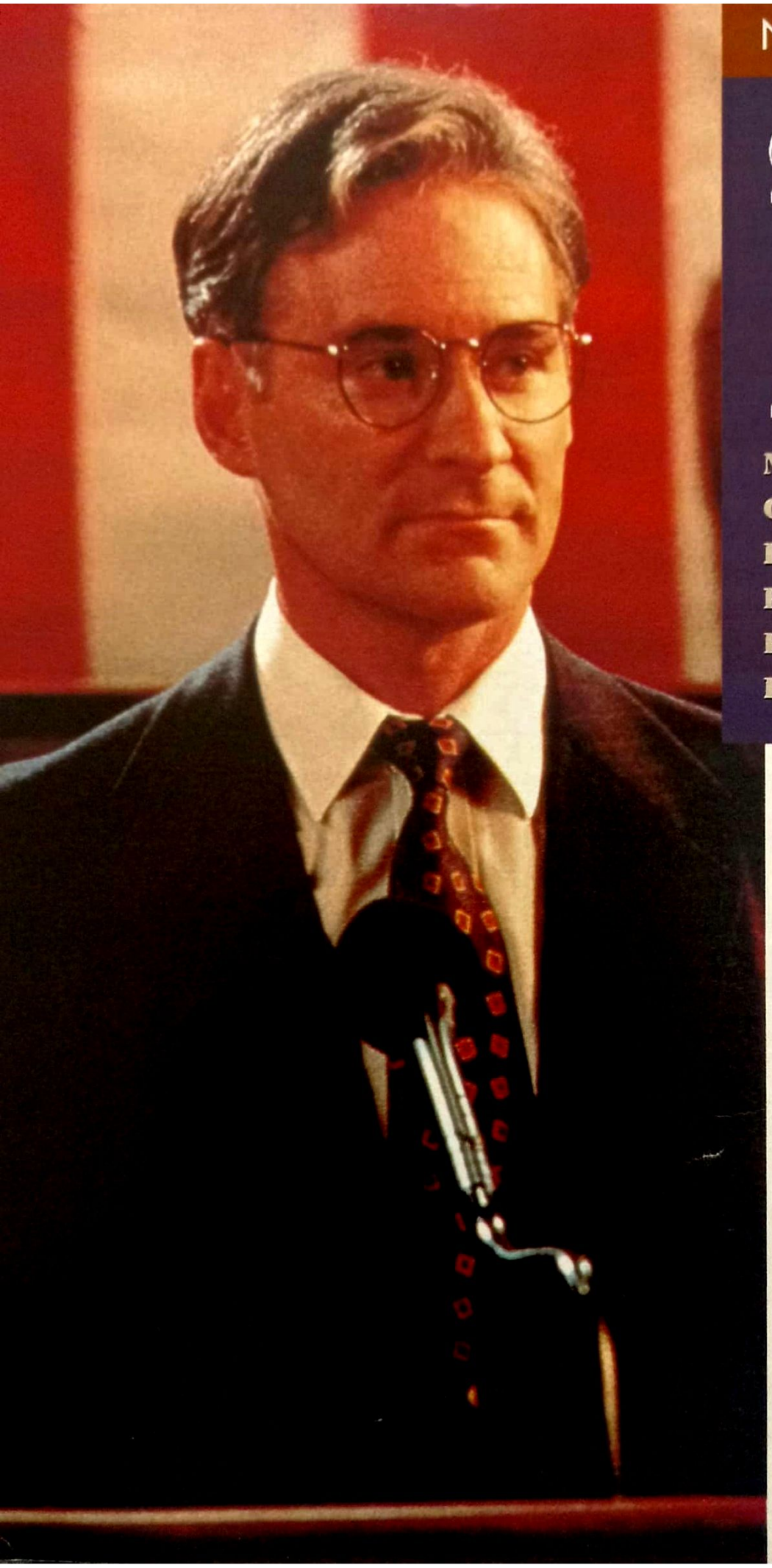
Todo mês INFORMÁTICA EXAME dá uma verdadeira aula de como usar determinado equipamento ou recurso do seu computador e também programas específicos.

On-line

NFORMÁTICA EXAME interliga odos os leitores entre si, com consultores técnicos e com a própria revista. Via correspon-dência, os leitores dão opiniões, onversam com outros leitores, tiram dúvidas, consultam profissionais especializados. É uma verdadeira rede de informações.

Compre INFORMÁTICA EXAME nas bancas ou, se você preferir, receba em casa, pelo telefone 823-9100 (Grande São Paulo) ou (011) 800-3777 (demais localidades). A revista é entregue mesmo se o endereço for o Jurassic Park.

Informação hard. Leitura soft.



NO SET DE DAVE – PRE

CIDADÃO KLINE

NO MELHOR ESTILO FRANK CAPRA, IVAN REITMAN INVESTIGA OS BASTIDORES DO PODER E TRANSFORMA KEVIN KLINE EM PRESIDENTE–COVER

Fade in: a chuva manhosa de inverno é intermitente, mas não desanima os jornalistas reunidos no Rose Garden da Casa Branca, um pátio amplo e descoberto. Indiferentes à ranhetice dos elementos, os escribas jogam conversa fora, checam o bom funcionamento de seus gravadores, bebem chá e mordiscam morangos mergulhados em chocolate enquanto aguardam pacientemente a chegada do presidente e da primeira-dama para uma coletiva convocada às pressas.

Pausa para meditação: se fosse inverno em Washington, D.C., qual jornalista, por mais bravo, aturaria temperaturas gélidas – mesmo municiado de mordomias e acalentos como docinhos e beberagens quentes – apenas para ouvir as palavras mais recentes do homem mais poderoso do país?

Rápido *rewind* para reavaliação da mesma cena de abertura: o Rose Garden não está na capital americana, e sim num galpão em Burbank, Califórnia. Mais precisamente no *soundstage* 18 dos estúdios da Warner Bros., onde o diretor Ivan Reitman convocou a imprensa para conhecer o mais recente prodígio do cinema: a Casa Branca de mentirinha vista na comédia *Dave – Presidente por um Dia*, que estreou no Brasil no final de agosto.

O filme traz Kevin Kline no papel duplo de presidente boçal manipulado e sósia corretíssimo do chefe de Estado. E Sigourney

Weaver, divina como sempre, a melhor primeira-dama que Hollywood já teve – ainda que aqui limitada pelas dimensões coadjuvantes de sua participação. Kline afirma-se em *Dave* como um dos maiores atores americanos de sua geração. Mais do que isso, está prestes a se tornar um ícone por excelência, não muito distante (se o tempo funcionar a seu favor) de um James Stewart ou um Cary Grant.

Ao mesmo tempo em que nos ajuda a distinguir entre as duas personalidades – a do presidente que entra em coma e a do "dublê de corpo" que o substitui para que seja evitada uma crise política no país –, ele nos faz compreender e simpatizar com cada um deles. Ivan Reitman – o mesmo que fez o mundo acreditar em Arnold Schwarzenegger, o comediante – construiu uma fábula inteligente, ao estilo Frank Capra, sobre política, pátria e justiça, a partir de uma piada única: e se um sósia tomasse o lugar do presidente morto apenas para não deixar o país cair no caos? E se o sósia, apesar das tentativas de manipulação de seus novos empregadores – como o maquiavélico chefe de gabinete Bob Alexander (Frank Langella) –, tivesse mais decência, compreensão, honestidade e espírito de liderança do que o bundão pomposo que bateu as botas?

"O filme é apenas sobre como o sistema político funciona neste país", diz Ivan, por sinal tcheco, precedendo a chegada de Kevin

e Sigourney à mesa de entrevistas. "Mas visto da perspectiva do presidente. O lado público da vida do presidente todo mundo já conhece. O lado privado, no entanto, pouca gente vê ou sabe como é. Aqui mostramos o que acontece nos corredores, nos quartos da Casa Branca, quando não há câmeras ou microfones por perto. E a história que contamos é a de um homem comum, o dono de uma agência de empregos *part-time* que, por acidente, é 'contratado' como presidente dos Estados Unidos e acaba fazendo o serviço tão bem que a realidade da situação começa a prejudicá-lo."

"É um filme como antigamente", prossegue Reitman, "um filme como aqueles que víamos nos anos 30 ou 40, o tipo de comédia sobre essa gente sofisticada cujos atos tanto afetam o resto do país."

Ninguém mais apropriado do que Reitman para reger essa fantasia cômica a respeito dos mecanismos do poder. Poucos diretores americanos conhecem tão bem o coração de seu país, a ponto de construir filmes que agradam indistintamente a diferentes setores da população.

Mostrar a intimidade dos poderosos, no entanto, requer mostrar o interior da Casa Branca. "Impossível", respondeu Washington. Bush – presidente durante a produção de *Dave* – nunca foi muito chegado a Hollywood. E é possível que até mesmo o democrata Clinton tenha receios de deixar uma equipe de cinema invadir e

Fotos Warner

Kevin Dunn, Ben Kingsley, Kevin Kline, Sigourney Weaver, Charles Grodin e Frank Langella na Casa Branca de mentira construída pela Warner

assumir o controle da Casa Branca, alegando, quem sabe, motivos de segurança nacional. Na impossibilidade de filmar dentro da central do poder americano, a melhor solução encontrada foi reproduzir a Casa Branca em estúdio, nos mínimos – e mais preciosos – detalhes.

Tarefa das mais árduas, uma vez que o cenógrafo J. Michael Riva, impedido de fotografar o local para guiar sua equipe na reconstrução, teve de recorrer ao que lembrava de memória de uma curta visita ao prédio original. Mesmo assim, auxiliado também por um arquivo fotográfico, ele ergueu nos estúdios da Warner réplicas exatas – ou quase – do salão oval (com tapeçaria encomendada à mesma firma que serve a Casa Branca), da sala de imprensa, da sala de reunião do gabinete civil, dos quartos e banheiros da Presidência, do salão oval amarelo (a sala de jantar da primeira-família, com um mural na parede idêntico ao do salão de recepções diplomáticas verdadeiro) e do Rose Garden.

Riva ateve-se aos mínimos detalhes para garantir a autenticidade de seu trabalho: a mesa presidencial vista no salão oval do filme é uma cópia exata da mesa usada por John F. Kennedy e por Ronald Reagan. Os telefones sobre a mesa passaram pelas mãos de Reagan antes de terem sido substituídos por novo equipamento pelo governo Bush. *Fade out.*

Fade in: Kevin Kline – representando o presidente do filme – chega finalmente à coletiva montada no Rose Garden de mentirinha, acompanhado de Sigourney Weaver. Instantaneamente, como se obedecesse a um script, sai disparando piadas. "No filme não vomitei em ninguém", diz ele, numa referência ao então recente incidente escatológico envolvendo Bush e o premiê japonês. Alguém pergunta se Arnold Schwarzenegger teria emprego garantido na gestão Dave. "Ele pode ser meu guarda-costas", responde Kevin/Dave. E qual seria sua primeira providência no posto, se eleito de verdade? "Pressionaria para ficar o máximo de tempo na Casa Branca."

E bem que ele mereceria esta chance. Afinal, *Dave*, o filme, é um exemplo de raro, perfeito e harmônico casamento entre elenco, direção e conceito.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Dave, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Ivan Reitman ■ ROTEIRO: Gary Ross ■ Com Kevin Kline, Sigourney Weaver, Charles Grodin, Frank Langella ■ Warner

Warner

Stills

Reitman

Acima, Sigourney Weaver, a melhor primeira-dama que os EUA já tiveram. Kevin, à esquerda, faz média com as criancinhas num ataque de populismo escancarado

Coração Americano

Capra, inspirador de Reitman, foi o melhor cronista do New Deal

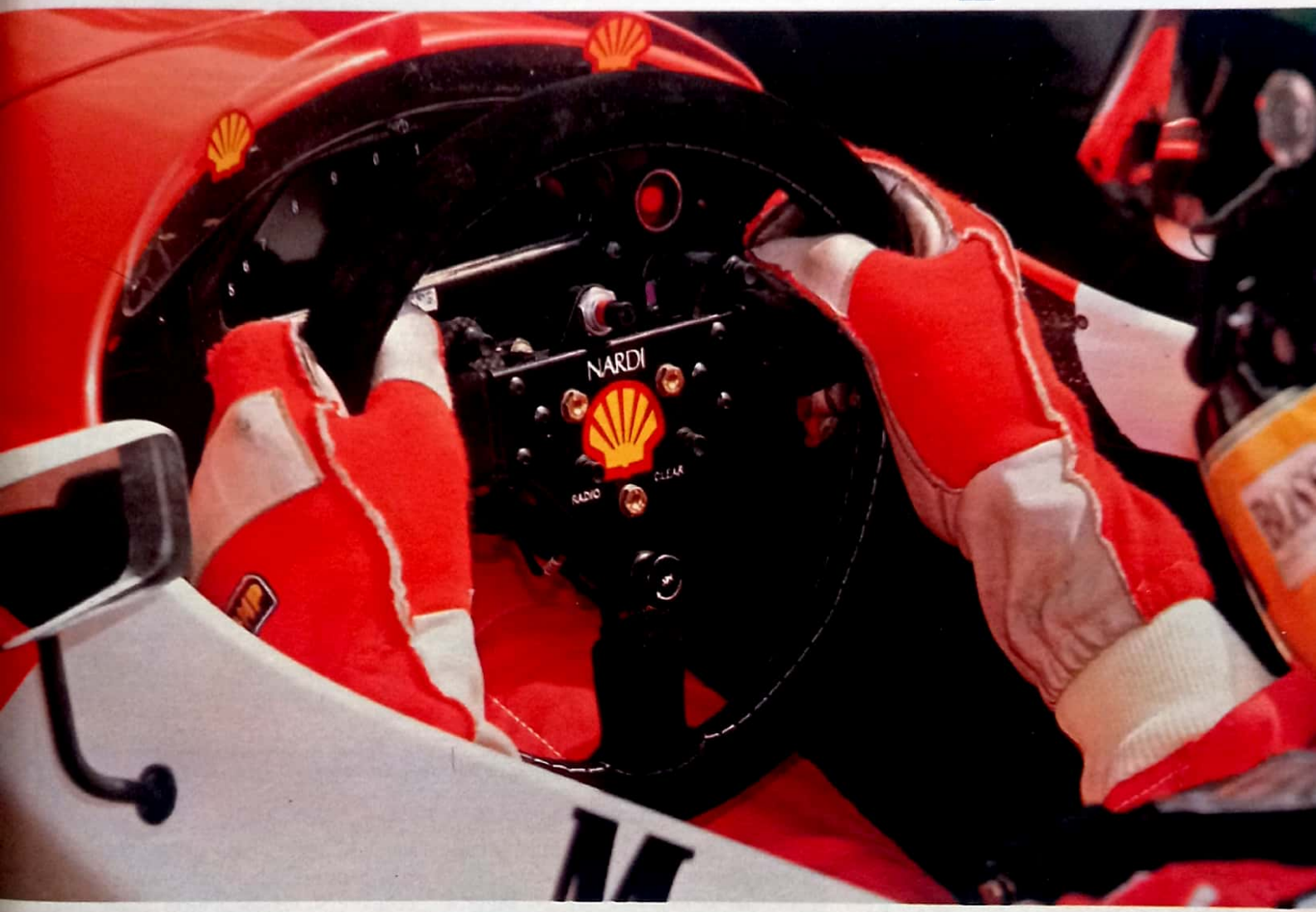
Frank Capra nos anos 30 e 40 foi o diretor mais político do cinema americano. Ele e seu roteirista preferido, Robert Riskin, quase se especializaram, naquele período, em denunciar as mazelas e atos de corrupção dos bastidores da política e suas conseqüências na sociedade americana. Por idealismo? Há quem diga que não. Capra e Riskin estariam a serviço da política do New Deal do presidente Franklyn Delano Roosevelt, que tirou os EUA dos braços da recessão que aconteceu no país a partir do crack da bolsa em 1929.

Há quem diga também que tudo isso é bobagem. Atrás do trabalho de Capra e Riskin estaria apenas a competência para explorar um assunto – as implicações sociais da ação dos poderosos sobre o homem comum – com habilidade mercadológica. Aliás, a motivação da qual se originaram os bons filmes de Capra feitos nos anos 30 e 40 pouco importa. Eles devem ser examinados, isso sim, do ponto de vista daquilo que eles são: espetáculos de cinema e nada mais. Feitos com talento, sensibilidade, compreensão da realidade de então. E mais: olhados da perspectiva do tempo em que foram feitos. Não são para ser considerados como filmes de hoje, pois aí pareceriam ingênuos.

Todo o ciclo dos filmes políticos de Capra, pode, a propósito, ser resumido no longo discurso de James Stewart no senado americano, mostrado em *A Mulher Faz o Homem* (*Mr. Smith Goes to Washington*, 1939), por sinal escrito por outro roteirista (Sidney Duchamam) e não por Robert Riskin. Está nesse discurso, por inteiro, a filosofia política do diretor. Demagógiga, para alguns, sincera para outros, mas inegavelmente fascinante pela forma como está encenada no filme. Capra sempre foi um hábil manipulador de emoção (muito provavelmente nem ele mesmo sabia disso). E até em sua obra-prima, *A Felicidade não se Compra* (*It's a Wonderful Life*, 1946), há sem dúvida um componente político muito forte, quando, a partir da vida dos habitantes de uma pequena cidade, Capra e Robert Riskin desenham, com nitidez absoluta, o retrato daquilo que os dois achavam que era a América de então. Estavam enganados. Na tentativa de pintar a realidade de seu país, chegaram à realidade universal. *A Felicidade não se Compra* é o retrato de qualquer lugar que havia no mundo em 1946.

Adilson Laranjeira

Sinta-se aqui.



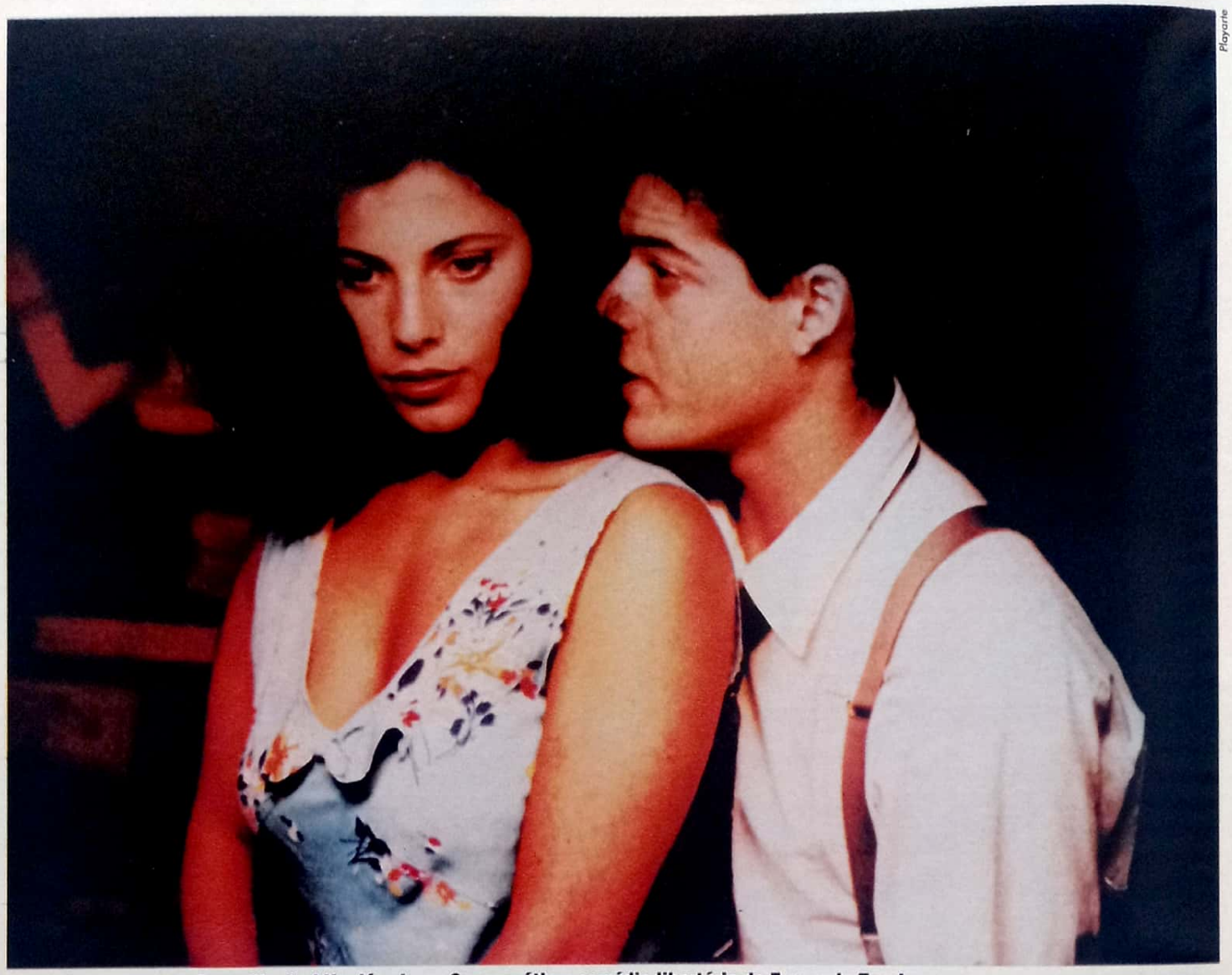
Leia

Grid

A REVISTA DA VELOCIDADE

TODO MÊS NAS BANCAS

EDITORA AZUL



Anarquistas graças a Deus: Maribel Verdú e Jorge Sanz na ótima comédia libertária de Fernando Trueba

SEDUÇÃO

Nostalgia e sensualidade numa produção competente sobre a Espanha pré-Franco

Sedução é uma comédia anarquista. Veja bem: anarquista e não anárquica. Um filme que reduz a nada as instituições mais caras à (perdão, leitor: o chavão aqui é inevitável) sociedade burguesa. Espanha, 1931. Na confusão política que sucede a deposição do rei Alfonso 13 e antecede a guerra civil e a ascensão de Franco, o soldado desertor Fernando (Jorge Sanz) vaga por algum lugar do país. Recolhido por Don Manolo (Fernando Fernán Gómez), latifundiário, ateu, republicano e bêbado, o rapaz passa a viver em sua fazenda até que as quatro filhas de Manolo chegam para passar as férias de inverno.

Cada uma das moças tem seu próprio arsenal de sedução. Violeta (Ariadna Gil) gosta de garotas e não esconde suas preferências sexuais – mas acaba "estuprando" o pobre rapaz, vestida de homem, num baile de carnaval. Rocío (Maribel Verdú), noiva de um carola monarquista dominado pela mãe, também cai na cama com o ex-militar. Clara (Miriam Díaz-Aroca), viúva recente, supera o trauma pela perda do marido nos braços do hóspede. Até que, finalmente, a última muralha se vai: Lua (Penélope Cruz), a mais jovem, entrega sua virgindade a Fernando e o ganha como marido, encerrando o "rito de passagem" do adolescente para a fase adulta.

Fosse italiano ou brasileiro, o filme acabaria em baixaria. Nada contra. *Sedução*, entretanto, vai em outra direção. É *caliente* sem vulgaridade – e excitante, em todos os sentidos do termo. O pano de fundo histórico faz com que o filme seja crítico e ao mesmo tempo nostálgico de uma época pré-Guernica. A família de Don Manolo é tudo o que a Espanha deveria ter sido sem Franco: uma república libertária onde cada um faz o quer, como quer, quando quer e tudo funciona. O diretor Fernando Trueba entende pacas de clima e direção de atores. Foi crítico de cinema na revista *Casablanca* (que fundou em 1980) e diretor de outros cinco filmes. Entre eles, *El Año de las Luces*, Urso de Prata em Berlim, 1985. *Sedução*, enfim, cumpre o que promete no título. Deixe-se seduzir.

Edson Arantes

Belle Epoque, Espanha, 1992 ■ DIREÇÃO: Fernando Trueba ■ ROTEIRO: Rafael Azcona ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaide ■ Com Jorege Sanz, Maribel Verdú, Fernando Fernán Gomez, Miriam Diaz, Penelope Cruz, Ariadna Gil ■ Playarte

SOL NASCENTE

Mesmo baseado no romance de Crichton, o filme é apenas um policial rotineiro

Columbia

As boas atuações de Snipes, Keitel e Connery não salvam o policial xenófobo de Kaufman

Uma piranha americana loura estonteante aparece assassinada na sede de uma empresa japonesa prestes a adquirir o controle de uma firma americana de computadores. O crime ameaça despencar os japoneses num poço de escândalo, acende uma discussão em torno do racismo e da xenofobia intrínsecos do americano e desencadeia uma série de investigações labirínticas, a cargo de dois policiais antagônicos mas igualmente conhecedores dos modos nipônicos, o tenente Web Smith (Wesley Snipes) e o capitão semi-aposentado John Connor (Sean Connery). Ambos, aliás, com rabo preso.

Intrigante, o potencial de *Sol Nascente*, mais uma versão cinematográfica de um romance de Michael *Jurassic Park* Crichton. Poderia render uma batalha de costumes e convicções interessantíssima, onde as qualidades e os defeitos de cada parte emergiriam num conflito de interesses e possibilidades. O que o diretor Philip Kaufman nos apresenta, no entanto, é um filme de detetive furreca, simplista e xenófobo-apenas-por-ser-americano, onde Connery e Snipes conseguem a façanha de ser sub-aproveitados – as falas de Snipes fazem *Risco Total* parecer *Macbeth* – e quase ridicularizados, por pouco não reduzidos a espectadores confusos de uma trama que o público descobre logo, logo. Ou quase. Como dito por um crítico de Los Angeles, a linha narrativa quadradona do filme faz *Dragnet* – aquele velho seriado de TV– parecer ter sido feito em "fluxo de consciência".

De fascinante, mesmo, exceto a fotografia majestosa de Michael Chapman, só a exploração das técnicas de vídeo que ocultam e, no final, desvendam, a verdadeira identidade do assassino.

José Emilio Rondeau

Rising Sun, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Philip Kaufman ■ ROTEIRO: Philip Kaufman e Michael Crichton ■ MÚSICA: Toru Takemitsu. Com Sean Connery, Wesley Snipes, Harvey Keitel ■ FOX

Fox

Kenneth Branagh e Emma Thompson na com édia de erros de Mr.Shakespeare

MUITO BARULHO POR NADA

Uma comédia de erros que reafirma o talento de Emma Thompson e Denzel Washington

Quarto filme dirigido por Kenneth Branagh e sua segunda adaptação de Shakespeare. Desta vez, o diretor preferiu um texto leve e não uma das tragédias que imortalizaram o bardo. *Muito Barulho por Nada* é uma comédia de erros sobre amor e paixão, um conto sobre mal-entendidos.

Entretenimento de primeira, o filme é uma explosão de alegria (em boa parte de sua duração) ao enfocar o relacionamento entre guerreiros espanhóis e as mulheres que vivem no feudo onde eles se refugiam após as batalhas. Mas a aparente paz é apenas uma extensão da guerra – só que, desta vez, os homens batalham para conquistar as donzelas locais e não o território inimigo.

Emma Thompson prova mais uma vez que é a melhor cúmplice que o diretor poderia encontrar. Suas brigas com Branagh no início do filme são dignas de uma megera domada mas, quando apaixonada, Emma fica tão doce quanto uma Julieta. O elenco é primoroso, com destaque para Denzel Washington. As exceções são Keanu Reeves e Michael Keaton, que carregam no caricatural. Sem fugir ao brilhante texto original, Branagh fez um Shakespeare sob medida para o cinema.

Paulo de Góes

Much Ado About Nothing, Inglaterra, 1993 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Kenneth Branagh ■ MÚSICA: Patrick Doyle ■ COM Kenneth Branagh, Emma Thompson, Denzel Washington, Michael Keaton, Keanu Reeves, Robert Sean Leonard ■ COLUMBIA

Paris

Um cenobita novinho em folha criado por Cabeça-de-Alfinete

HELLRAISER III – O INFERNO NA TERRA

Sem as boas idéias de Clive Barker, os cenobitas viram demônios comuns

O número "3" costuma ser cabalístico quando se trata de seqüências cinematográficas. É a segunda continuação que garante a sobrevivência ou afunda a série de vez. *Hellraiser III – O Inferno na Terra* afunda. Despreza as boas idéias do filme original de Clive Barker – os cenobitas como súcubos de última geração de destrutivas tendências sado-masoquistas – para cair numa história convencional e besta. Cabeça-de-Alfinete (Doug Bradley), transformado em uma escultura no final do segundo filme, acaba exposto numa suspeita galeria de arte (!) moderna. Comprado pelo dono de uma casa noturna (Kevin Bernhardt), começa a matar adoidado, claro, enquanto tenta recuperar o "cubo mágico" que lhe dará total liberdade de movimentos, sem obrigação de servir a seus mestres infernais. O "cubo" – surpresa! – está nas mãos da mocinha da história, a bonitinha e ordinária Terry Farrell, jornalista em busca de um furo de reportagem.

Daí para frente é uma sangria desatada, diálogos absurdamente estúpidos e personagens com QI de ameba em coma. Não há o clima claustrofóbico do primeiro filme, escrito e dirigido por Barker, onde os personagens tinham certa profundidade dramática e a trama mostrava-se imprevisível até o final. Enfim, caro leitor, é melhor pegar o primeiro *Hellraiser* numa locadora qualquer e esquecer este lixo.

E.Aran.

Hellraiser III – Hell on Earth, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Tony Hickox ■ Com Doug Bradley, Kevin Bernhardt, Paula Marshall, Terry Farrell ■ PARIS

DIÁRIO DE UM CRIME

Sharon Stone é apenas chamariz numa trama convencional sobre um *serial killer*

O nome de Sharon Stone nos créditos é uma armação, já que ela faz apenas três cenas que, juntas, não somam dez minutos. Escritor mal-sucedido (Bruce Simmons) vira agente imobiliário. Uma das casas que deve vender é uma mansão onde um *serial killer* matou toda uma família. O escritor resolve viver na casa e transformar a história do crime em livro, ao mesmo tempo em que subloca um dos quartos para um outro rapaz (Tom Sizemore), que insiste em ajudá-lo no romance-reportagem.

Um doce para quem adivinhar quem é este inquilino misterioso. O roteiro é um primor de obviedade que, no entanto, poderia render um bom filme, se tivesse sido dirigido com mais intensidade e menos concessões. A identificação entre o escritor e o assassino, por exemplo, é muito mal aproveitada na trama. Preste atenção em Tom Sizemore, um ator bem razoável.

E. Aran.

Where Sleeping Dogs Lie, EUA, 1993 ■ Direção: Charles Finch ■ ROTEIRO: Charles Finch e Yolande Turner ■ Com Dylan McDermott, Tom Sizemore, Sharon Stone ■ Columbia.

Columbia

Sharon é apenas um chamariz para o drama de Bruce Simmons

BOLSA DE CINEMA

Hollywood entra em baixa na preferência dos críticos. Nem Sharon Stone escapa

	José Geraldo Couto Folha de S. Paulo	José Emilio Rondeau SET	Christian Petermann Guia de Vídeo Nova Cultural	Maria Angela de Jesus Jornal do Vídeo	Celso Arnaldo Araújo Revista Manchete	José Eduardo Mendonça Playboy	Monica Barbosa Veja São Paulo	Carlos Heli Jornal do Brasil	Edson Arantes SET	Walter de Silva Jornal da Imagem	Média
1º ***Madadayo*** (Look)	–	–	–	7	–	8	9	–	8	10	8.4
2º ***Sedução*** (PlayArte)	–	–	–	8	5	–	10	–	8	9	8
3º ***Como Água para Chocolate*** (Top Tape)	–	9	7	8	–	7	–	–	–	9	8
4º ***Dave – Presidente por um Dia*** (Warner)	–	7	–	–	–	6	7	–	–	9	7.2
5º ***Dragão – A História de Bruce Lee*** (UIP)	-	7	6	–	–	–	–	–	–	7	6.7
6º ***El Mariachi*** (Columbia TriStar)	7	–	7	6	5	–	9	7	2	8	6.4
7º ***Risco Total*** (Columbia TriStar)	6	7	6	7	6	7	5	4	7	8	6.3
8º ***Um Estranho em Minha Casa*** (Alpha Filmes)	–	–	5	6	6	–	6	–	–	7	6
9º ***Invasão de Privacidade*** (UIP)	–	4	4	3	–	–	3	–	3	4	3.5
10º ***Diário de um Crime*** (Columbia TriStar)	7	–	3	3	3	5	2	5	2	1	3.4

Suspense, comédia, aventura, ação.

Na cama.

EDITORA AZUL

Se você acha que todos os vídeos de sexo são iguais, leia ***O MELHOR DO VÍDEO ERÓTICO,*** uma edição especial da revista ***SET*** com a seleção das melhores fitas do gênero.

NAS BANCAS

Invasão de Privacidade

UIP

INVASÃO DE PRIVACIDADE

(Sliver, EUA, 1993) Direção: Phillip Noyce. Com Sharon Stone, William Baldwin, Tom Berenger. UIP.

Sharon declarou à SET (nº 8, ano 7) que topou fazer esse thriller porque mostrava a sexualidade a partir do ponto de vista feminino. Onde este ponto de vista está, não se sabe. O que se salva no filme é mesmo Sharon – linda, sensual e boa atriz. Isso mesmo, boa atriz. O elenco masculino fica a dever: Baldwin exagera no estrelismo e Berenger não se sobressai. Do resto, preste atenção na trilha sonora, que é sensacional. *(D.P.)*

MADADAYO

(Japão, 1993) Direção: Akira Kurosawa. Com Tatsuo Matsumara, Kyoko Kagawa, Hisashi Igawa. Look.

Este trigésimo longa-metragem do mestre japonês é baseado nos últimos vinte anos da vida do professor e escritor japonês Hyakken Uchida (1889-1971). Kurosawa realizou uma obra comovente e cheia de anedotas bem-humoradas. *(F.G.)*

FEITA POR ENCOMENDA

(Made in America, EUA, 1993) Direção: Richard Benjamin. Com Whoopi Goldberg, Ted Danson, Nia Long. Warner.

Comédia romântica em que uma adolescente quer descobrir a identidade de seu pai biológico. Whoopi e Ted formam uma dupla memoravelmente engraçada, mas é o elenco de coadjuvantes que segura o filme. *(J.E.R.)*

RISCO TOTAL

(Cliffhanger, EUA, 1993) Direção: Renny Harlin. Com Sylvester Stallone, John Lithgow, Michael Rooker, Janine Turner. Columbia Tri-Star.

Stallone voltou às telas com esta aventura alpinista que arrecadou quase 80 milhões de dólares em dez semanas de exibição nos EUA. O segredo do sucesso: adrenalina do começo ao fim, Stallone fazendo o que melhor sabe e o dom mágico de Harlin (*Duro de Matar 2*) em realizar ótimas cenas de ação. *(D.P.)*

O PIANO

(The Piano/La Leçon de Piano, Nova Zelândia/França, 1993) Direção: Jane Campion. Com Holly Hunter, Sam Neill, Harvey Keitel, Anne Paquin. Paris Filmes.

Palma de Ouro de Melhor Filme do Festival de Cannes 1993. Talvez o que haja de mais original e feminino no filme seja seu erotismo: quase sem se tocarem, instala-se entre os personagens uma atmosfera altamente carregada, progressivamente sufocante. Outro triunfo importante é a atuação de Holly Hunter. Na pele de Ada, uma pianista muda, ela comanda a cena só com os olhos e com a postura. *(J.A.L.)*

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

(The Last Action Hero, EUA, 1993) Direção: John McTierman. Com Arnold Schwarzenegger, Austin O'Brien, F. Murray Abrahams. Columbia Tri-Star.

Esta última investida de Schwarzenegger deu o que falar. Nos EUA, nem crítica nem público gostaram. Mas o filme é bem legal, engraçado, tem ação aos borbotões e história ótima. Na sala de cinema, as crianças americanas falavam os diálogos junto com os personagens, numa mostra mais do que clara de que haviam assistido ao filme "n" vezes. Não custa dar uma conferida. *(D.P.)*

ESTRÉIAS EM SETEMBRO NOS EUA

TRUE ROMANCE

Diretor: Tony Scott.
Elenco: Christian Slater, Patricia Arquette, Dennis Hopper, Gary Oldman, Brad Pitt.
Sinopse: Os recém-casados Slater e Patricia vão para Los Angeles em lua-de-mel. No caminho deles, muitos tiros e violência arquitetada pelo roteirista Quentin Tarantino.
Distribuição: Warner.

Undercover Blues

UNDERCOVER BLUES

Diretor: Herbert Ross.
Elenco: Dennis Quaid, Kathleen Turner.
Sinopse: A ação se passa em Nova Orleans, onde Quaid e Kathleen são dois detetives aposentados que decidem voltar à ativa.
Distribuição: MGM.

THE AGE OF INNOCENCE

Diretor: Martin Scorsese.
Elenco: Michelle Pfeiffer, Daniel Day-Lewis, Winona Ryder.
Sinopse: Um triângulo amoroso com Day-Lewis, Michelle e Winona passado na Nova York do século 19.
Distribuição: Columbia.

M. BUTTERFLY

Diretor: David Cronenberg.
Elenco: Jeremy Irons, John Lone.
Sinopse: A clássica história de *Madame Butterfly*: Irons é um diplomata francês que se apaixona por uma cantora de ópera.
Distribuição: Warner.

ESTA RÁDIO

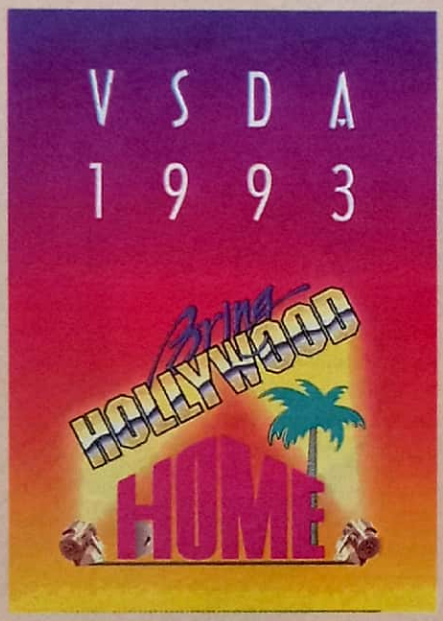
TEM A CARA DE SÃO PAULO!

GAME

THE DARK HALF
GEORGE ROMERO EM GAME PARA PC

Quase que simultaneamente com o cinema, foi lançado um game baseado em *The Dark Ha lf*, livro de Stephen King que o diretor George Romero levou para as telas. O objetivo do game – feito para computadores PC – é evitar que o personagem Thad Beaumont seja pego pela polícia e incriminado pelos assassinatos cometidos por George Stark, a sua "metade negra". Quem está jogando "entra" na pele de Thad e tem que tomar as decisões que determinarão o rumo do jogo através do mouse do computador (por exemplo, quando Thad entra num bar, o jogador deve clicar o mouse em cima de uma das opções que se apresentam: "olhar", "conversar com...", "andar até..." etc.). O jogo já está disponível no Brasil através da Brasoft.

EQUIPAMENTOS



LAS VEGAS: O CENTRO DAS NOVIDADES

Onze mil visitantes passearam pelos estandes de mais de 375 expositores espalhados num espaço de 300 mil metros quadrados durante os dias 11 a 14 de julho último. Estes são os números levantados no final da 12ª edição da Video Software Dealers Association (VSDA) que se realizou no meio do deserto do estado americano de Nevada, mais precisamente em Las Vegas.

Considerada um dos maiores eventos do mercado de vídeo do mundo, a convenção, que concentra principalmente a comercialização das últimas novidades em filmes, se preocupou em realizar seminários para "ensinar" os donos de locadoras como obter maior lucratividade, aproveitar racionalmente o espaço de pequenas lojas e ainda como dispor adequadamente do material promocional.

Mas a vedete da feira (além das estrelas de cinema que estiveram "animando a festa" com beijos e autógrafos – como as veteranas Zza Zza Gabor e Debbie Reynolds e os "jovens" Moira Kelly e Lou Diamond Philips) foi a multimídia: entre seminários e demonstrações, ela conquistou os visitantes com suas infinitas possibilidades.

Em primeira mão, a Philips, a Nimbus e a 3DO mostraram seus três novos sistemas de CD de imagem (CD-I), que estarão à venda a partir de outubro nos EUA. Com quase todas as sessões lotadas, os videolocadores se acotovelavam para verem os novos produtos, que passarão inclusive por um teste de locação em 180 lojas norte-americanas. Depois de quatro apresentações, os assistentes concluíram que chegou o fim do videolaser, pois este perde em qualidade de imagem e som, e também no financeiro, para o CD-I, pois o hardware, que serve para todos os tipos de CD, chegará às lojas ao preço de US$600.

A Paramount, que se uniu à Philips no desenvolvimento do CD-I, divulgou seus primeiros lançamentos. Numa listagem de trinta títulos estão *Top Gun, Proposta Indecente, Atração Fatal* e as séries *Jornada nas Estrelas* e *O Poderoso Chefão*.

Deborah Peleias

MULTIMÍDIA
CINEMA NA TELA DO MICRO

A ampliação do número de títulos de CD-ROM (discos laser parecidos com os CDs musicais) para computador começa a dar grandes opções para os fãs de cinema. O *Microsoft Cinemania* tem um catálogo com 19 mil títulos, entre clássicos e filmes recentes de Hollywood. O usuário pode consultar as fichas técnicas e biografias de mais de três mil atores e diretores, assim como ver reproduções de fotos e diálogos dos filmes mais importantes. Há ainda uma relação com todos os vencedores do Oscar.

Entre os outros lançamentos da Microsoft disponíveis há *Encarta* – uma enciclopédia sobre 94 áreas do conhecimento que vão de história, tecnologia e geografia a skatismo, com mais de 21 mil textos, sete horas de sons e cem animações – e *Multimedia Beethoven*, que traz a *9ª Sinfonia* em partitura e sons, com a possibilidade de audição de trechos e instrumentos isolados.

Vitor Paolozzi

TRAÍDOS PELO DESEJO

(PolyGram)

Esta é uma trilha híbrida, capaz de satisfazer a gregos e troianos. São oito temas orquestrais mais sete de extração pop, nem todos presentes no filme, intercalados de modo a, talvez, tornar menos enjoativa a produção tecno dos Pet Shop Boys presente em cinco músicas – nenhuma cantada ou composta pela dupla.

Assim, temos as vozes de Boy George na regravação de "The Crying Game", de Carroll Thompson em "Let the Music Play" – a melhor das cinco – e de Cicero & Sylvia Mason-James nas três versões de "Live for Today". O disco também resgata duas baladas antigas, a que dá título ao filme, com Dave Berry, e "White Cliffs of Dover", com os Blue Jays. Nenhuma das duas chega a ser um clássico pop, e "The Crying Game" (1964) lembra a posterior e mais conhecida "San Francisco Nights", de Eric Burdon. Mas quem foi fisgado, na abertura em Panavision, pela romântica "When a Man Loves a Woman", o hit inesquecível de Percy Sledge, desista, pois esta não foi incluída.

Os temas da novata Anne Dudley, executados pela The Pro Arte Orchestra of London, são um bom exemplo de música de cinema *à la* Jerry Goldsmith (com uso parcimonioso de sintetizadores), e com qualidade suficiente para garantir audições isoladas.

Resta indagar se o filme de Neil Jordan não precisava de uma trilha melhor, mais personalizada. O cineasta britânico já havia sido melhor assessorado musicalmente por George Fanton em *Companhia dos Lobos*.

Carlos José Ribeiro

SWING KIDS

(Milan Discos)

Inicialmente, pode até parecer uma dessas coletâneas oportunistas de clássicos das grandes bandas de swing. Uma armação para nostálgicos mal informados. Tem Duke Ellington, Count Basie e o rei Benny Goodman. E hits dos anos 30 como "Sing, Sing, Sing" e "It Don't Mean a Thing (If It Ain't Got That Swing)", alguns em regravações atuais feitas especialmente para o filme. O que lança a suspeita sobre o disco, já que esse negócio de regravação nunca cheira bem... Mas basta uma audição para que todas as suspeitas sejam esquecidas. É muito legal. A seleção de músicas é perfeita, as regravações são bem fiéis aos originais (e satisfazem o padrão moderno de "qualidade de som"). E

tem mais, se minhas recomendações não valem, tem as de Leonard Feather, o mais importante crítico de jazz de todos os tempos. Mas é claro que isso não significa nada se você não tiver swing...

Rogério de Campos

LASERDISC

BRAM STOCKER'S DRACULA

(Voyager)

Em formato widescreen, essa versão *premium* do filme dirigido por Francis Ford Coppola traz uma riqueza de material adicional, não visto nos cinemas. Destas gemas raras, os destaques são as longas e detalhadas entrevistas com Francis e seu filho Roman Coppola – o responsável pelos efeitos óticos antigos (alguns emprestados do arsenal de shows de mágica da virada do século) que preferiu utilizar no lugar dos truques digitais, hoje tão comuns. Tudo isso ilustrado com um riquíssimo documentário de bastidores, mostrando, entre outros detalhes, o trabalho de maquiagem, guarda-roupa e direção de arte.

DAMAGE

(Voyager)

Trata-se da montagem NC-17 que só foi vista nos Estados Unidos por maiores de 18 anos. E com direito a uma entrevista bem dosada com o diretor Louis Malle.

CAIXOTE CLINT EASTWOOD

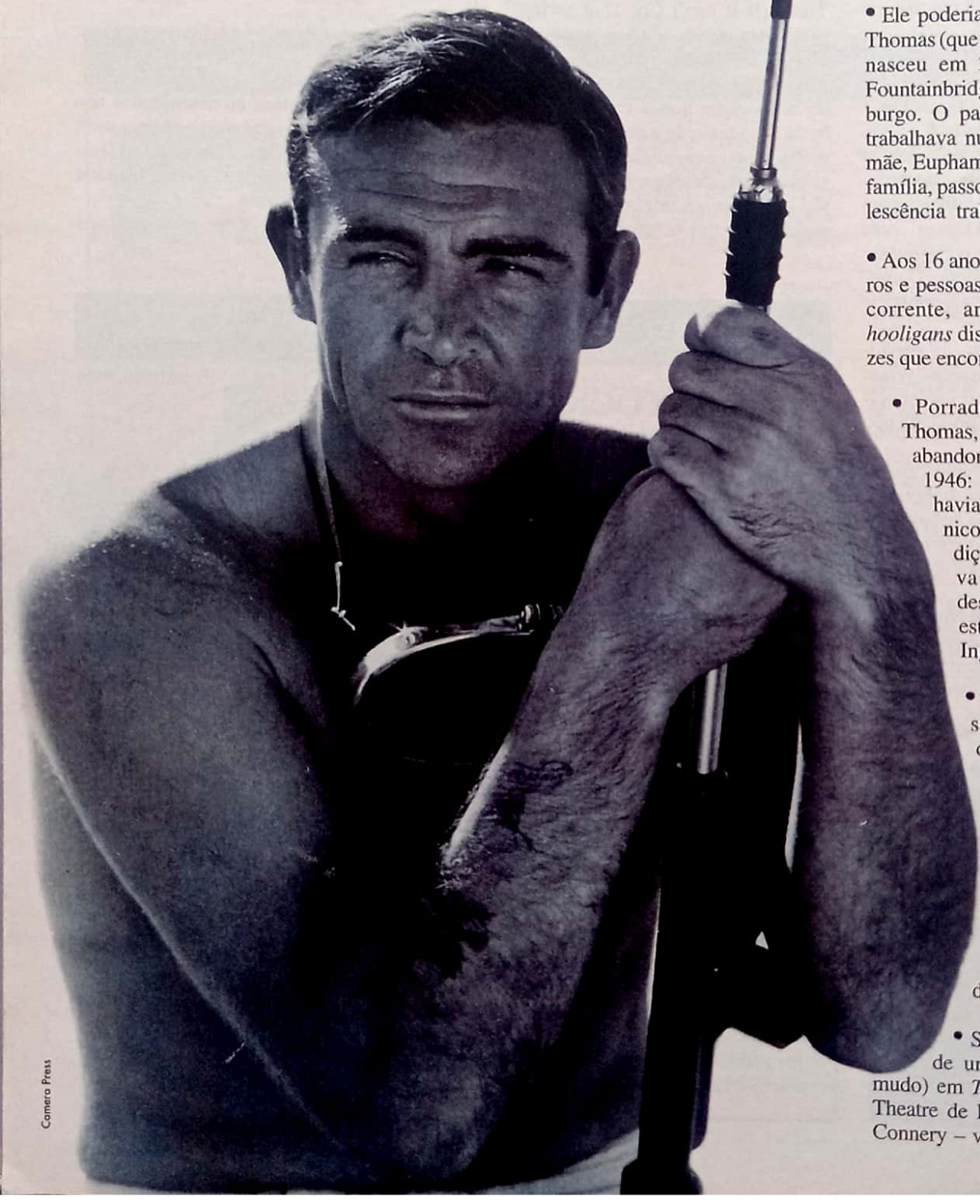
(Warner)

Quem foi que disse que faroeste já era? Pois ninguém deu esta notícia a Clint, cujo premiadíssimo *Os Imperdoáveis* é agora pilar de uma caixa com três discos focalizando os melhores westerns do ator-diretor. Além do filme que levou os Oscar mais importantes de 1993, o pacote traz, ainda, *Cavaleiro Solitário* (1985) e *Josie Wales, o Fora da Lei* (1976), todos dirigidos por ele mesmo. Tudo isso em formato widescreen.

MITO

Sean Connery puro malte escocês

Visto no início da carreira como uma espécie de Stallone das Highlands, ele conquistou público e crítica tornando-se uma lenda viva da sétima arte



Comero Press

• Ele poderia ter sido o Lula da Escócia. Thomas (que no futuro seria Sean) Connery nasceu em 25 de agosto de 1930 em Fountainbridge, bairro operário de Edimburgo. O pai, Joe, de origem irlandesa, trabalhava numa fábrica de borrachas. A mãe, Euphamia, era "do lar". Para ajudar a família, passou boa parte da infância e adolescência trabalhando como leiteiro.

• Aos 16 anos, Thomas odiava leite, leiteiros e pessoas em geral. Armado de faca e corrente, andava com uma turma de *hooligans* distribuindo porradas nos infelizes que encontrava pelas ruas.

• Porradas não trazem felicidade. Thomas, sonhando conhecer o mundo, abandona a gang e entra na Marinha. 1946: a Segunda Guerra Mundial havia terminado e o Império Britânico encolhia, voltando à sua condição insular. A frota inglesa estava quase que completamente destruída e Thomas acabou como estivador em Portsmouth, sul da Inglaterra.

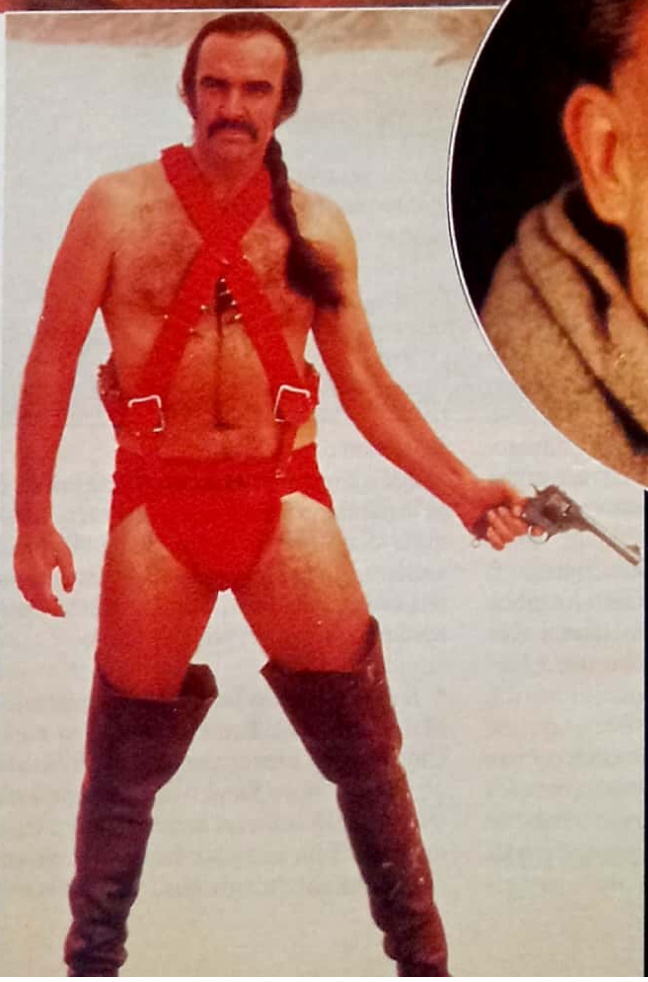
• Corte: três anos depois. Cansado de carregar caixas, o rapaz deixa a Marinha e arruma emprego como assistente de camarins de teatro, levado pelo ex-colega de porto John Hogg. Também ganha uns trocados como modelo na faculdade de desenho da Universidade de Edimburgo, mas as alunas, assanhadas, só querem que ele pose nu. Depois dizem que o machista é ele...

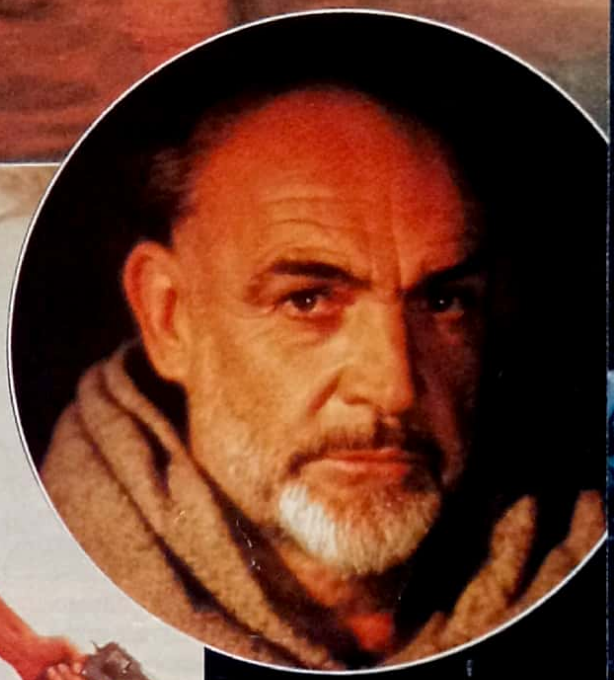
• Seu primeiro papel no teatro é o de um coadjuvante musculoso (e mudo) em *The Glorious Year* no Empire Theatre de Edimburgo. De tanto insistir, Connery – visto pelos colegas como uma

espécie de Stallone escocês – acaba escalado para *South Pacific*, comédia musical que obteve êxito estrondoso na Broadway no início dos anos 50. Foi durante a turnê mundial da companhia que Thomas Connery mudou o nome para Sean.

• Curiosidade: para criar seu pseudônimo, Thomas inspirou-se no cult-western *Shane* (*Os Brutos também Amam*, 1953), de George Stevens. Acrescentou um molho inglês e saiu Sean. O novo nome trouxe boa sorte e ele começou a aparecer em papéis curtos no cinema. O primeiro filme foi *Liláses na Primavera* (*Lilacs in the Spring*, 1955) de Herbert Wilcox, com Errol Flynn e Anna Neagle. Mas a primeira grande oportunidade de Sean veio graças a Rod Sterling, o criador da série *Além da Imaginação*. Sterling era o autor de *Um Homem e seu Destino* (*Requiem for a Heavyweight*), história de um boxeador decadente produzida por Alvin Rakoff para a BBC. O boxeador era Sean, claro, em seu primeiro papel central.

• 1957. Nos sets de *Christie*, telefilme produzido por Philip Saville, Sean conhece a





Fotos Stills

Sean em três momentos marcantes de sua carreira: numa ninhada de bondgirls em *Com 007 só se Vive Duas Vezes* (ao alto), o selvagem futurista de *Zardoz* (à esquerda) e o Sherlock franciscano de *O Nome da Rosa* (acima)

Sean Connery

atriz Diane Cilento, nascida na Nova-Guiné em 1933. Apaixonam-se, e Diane deixa o escritor italiano André Volpe, seu marido, para viver com Sean. A relação, porém, só será oficializada em 1962, em Gibraltar. Em 11 de janeiro de 1963 nasce Jason Connery.

• Enquanto isso, num outro lugar, o escritor Ian Fleming tenta convencer o mundo descrente de que seu personagem James Bond é legal, bacana mesmo. O primeiro livro havia sido publicado em 1953, graças ao apoio do amigo e prefaciador Dashiell Hammett. Ian, insaciável, quer ver o personagem na tela. Estamos em 1961. A série de novelas com Bond está no nono volume. Vendem bem, mas o cinema continua esnobando o personagem. De repente, entra em ação a famosa Lei de Murphy. Albert R. Broccoli – que tinha fundado a Warwick Company, especializada em filmes de aventuras – resolve levar Bond para a tela. Ao mesmo tempo, o canadense Harry Saltzman se interessa pelo personagem. Civilizados, preferem não brigar: criam a Eon Production e vendem a idéia para a United Artist. Para a direção, escalam Terence Young. Mas e o ator?

• A lista de possíveis Bonds: Richard Burton, Rex Harrison, Michael Caine, Peter O'Toole, Richard Harris e Roger Moore. Sean vem em último lugar, depois de Moore, mas é beneficiado pela "síndrome de Senna": quem está na frente desiste ou envolve-se em outros projetos e Sean pega a pole-position. Broccoli conhecia o trabalho do rapaz. Terence Young o dirigira em *Uma Aventura no Mediterrâneo* (*Action of the Tiger*, 1957), filme da 20th Century Fox, e o achava um profissional competente. Saltzman tinha uma impressão favorável dele depois de tê-lo visto em *Um Homem e seu Destino*. O problema era Fleming que, por contrato, tinha direito de meter o bedelho na escolha do ator. A solução foi armar uma entrevista entre eles.

• Connery sobre Fleming: "Era um esnobe terrível, mas tinha senso de humor. No personagem de Bond havia muito dele. Nos demos bem".

• Em 16 de janeiro de 1962 começam as filmagens de O *Satânico Dr. No* (*Dr. No*) enquanto Broccoli e Saltzman ainda se descabelavam para achar aquela que seria a primeira bondgirl. Depois de muita pesquisa, optam por Ursula Andress. Connery, entusiasmado, comenta: "Ursula Andress é o mais belo animal do mundo".

• O filme custa menos de um milhão de dólares, cifra ridícula mesmo para a época, e fatura 14 milhões. A crítica, porém, torce o nariz e revira os olhinhos. *Le Monde* (23 de março de 1963): "Se você gosta de ler *Tintin*, aprecia ficção científica, quer conhecer uma mulher bonita chamada Ursula Andress e tem duas horas livres, você poderá até se divertir com este *Dr. No*. Caso contrário, esqueça".

• Apesar disso, James Bond, torna-se um sucesso mundial. Um sexy symbol amado pelas mulheres e invejado pelos homens. Estamos em 1967, no quarto filme da série – *Com 007 só se Vive Duas Vezes* (*You Only Live Twice*). A crítica já mudou sua postura com relação a Bond, mas ainda tem ressalvas a Connery. O ator começa a ficar preocupado. Afinal, ele está se transformando no ator de um único personagem. Os filmes que havia feito paralelamente à série (entre eles, *Marnie – Confissões de uma Ladra*, de Hitchcock) tiveram pequena ou nenhuma repercussão. Connery resolve pedir demissão ao serviço secreto britânico e se aventurar em outras produções.

• Sean tenta mudar a imagem com *Shalako* (1968). Um desastre. Dirigido por Edward Dmytryk e com Brigitte Bardot no papel da mocinha, o filme é mal recebido pela crítica e pelo público. "Não poderia dar certo mesmo", diz Connery mais tarde. "Era um western inglês, realizado na Espanha por um americano, com um escocês e uma francesa nos papéis principais".

• E James Bond, como está indo sem ele? Mal, muito mal. Broccoli-Saltzman escalam George Lazenby para atuar sob o código 007 em *007 a Serviço de sua Majestade* (*Her Majesty's Secret Service*, 1969). Uma tragédia. Nem tanto por Lazenby, coitado, mas pelos produtores que, sem Connery, resolvem "repensar" o personagem. Fazem com que ele case e veja a esposa ser assassinada no final da produção – que, invariavelmente, sempre mostrava o agente com uma mulher gostosa em algum lugar bem distante da civilização, depois de humilhar seus inimigos. O público protesta veementemente contra a humanização do superagente não indo às salas de cinema.

• Desesperados, Broccoli-Saltzman imploram: "Volta, Sean, nós perdoamos tudo!" E ele volta em *Os Diamantes São Eternos* (*Diamonds Are Forever*, 1972), destrói a Spectre e o arquivilão Blofeld, que infernizaram sua vida em todos os filmes anteriores, e dá um adeus definitivo à série. Broccoli começa a caça a novos atores. A lista: Paul Newman, Steve McQueen, Robert Redford e – acredite se quiser! – Clint Eastwood. Eastwood sobre Connery, na ocasião: "Nem se me oferecessem um milhão de dólares. Depois de Sean Connery, ninguém pode fazer James Bond".

• 1974. Sean faz *Zardoz*, ficção científica pretensiosa de John Boorman. O filme é um

fracasso de público, mas – oh, glória! – é bem recebido pela crítica. *Zardoz* não poderia mesmo agradar a um público acostumado a ver Connery como Bond. Ele aparecia careca, de bigodes e era um selvagem bronco e violento. O roteiro era truncado, cheio de referências cinematográficas ("zardoz" é uma corruptela de Wizard of Oz) e discussões cabecérrimas sobre Deus, eternidade, totalitarismo e sociedades "perfeitas". Coisas do Boorman.

• 1975. Connery se separa da esposa e passa a se dedicar ao golfe, agora seu esporte predileto. Num torneio no Marrocos, conhece Micheline Roquebrune. Campeã da categoria feminina (Sean foi da masculina) e pintora, ela havia nascido em Nice, crescido na África do Norte e nunca tinha visto um filme de James Bond na vida. Casam-se em Gibraltar. Estão juntos até hoje.

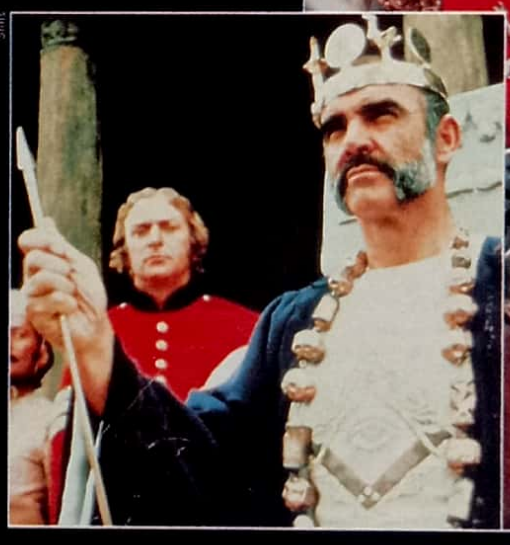
• Respeitado, Connery começa a deitar e rolar no cinema, fazendo dois filmes que, hoje, já podem ser incluídos na prateleira dos clássicos da sétima arte: *O Homem que Queria Ser Rei* (*The Man Who Would Be King*, 1976), de John Huston, baseado em Rudyard Kipling; *Robin e Marian* (*Robin and Marian*, 1976), de Richard Lester, com Audrey Hepburn.

• 1983. Graças a um problema de direitos autorais, o roteiro de *Chantagem Atômica* (*Thunderball*) cai nas mãos de Jack Schwartzman (toda a obra de Fleming pertence a Broccoli-Saltzman, mas *Chantagem* é um roteiro original e, portanto, pode ser renegociado com outros produtores). Schwartzman resolve fazer um 007 sem eles, mas com Sean Connery: *Nunca Mais Outra Vez* (*Never Say Never Again*). É um Bond dos bons, com a deliciosa Kim Basinger como Dominó, a bondgirl de plantão, e dois vilões antológicos: Klaus Maria Brandauer e Max Von Sydow. Só falta mesmo a abertura clássica, propriedade de Broccoli-Saltzman. Ao mesmo tempo em que o filme vai para as telas, Roger Moore tem sua licença revogada e sai da série regular. Consultado pelos produtores, Connery sugere Mel Gibson ou Sam Neil para o papel. Mas eles pegam o Bond errado, Timothy Dalton, e a série afunda.

• Nos anos 90, Connery se especializa em roubar filmes alheios. Rouba *Os Intocáveis* (1987) de Kevin Costner (e fatura o Oscar de Melhor Coadjuvante pelo policial irlandês Marlowe), apropria-se de *Highlander, o Guerreiro Imortal* (1986), para má sorte de Christophe Lambert; e faz gato e sapato de Harrison Ford no papel de caçador do cálice perdido em *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1989).

• Hoje em dia, Connery vai bem, obrigado. Investiu sua fortuna pessoal na Escócia, e tem propriedades em Marbella, Bahamas e Iowa, nos EUA. Ironicamente, o ex-agente preferido de "Sua Majestade" defende a independência da Escócia do Reino Unido e é ativista do Partido Nacionalista Escocês. Nas horas vagas, dedica-se a construir campos de golfe. Depois de *Sol Nascente* ele faz *Smoke and Mirror*, ao lado de Isabelle Adjani. A ação se passa no século passado, nas colônias francesas do norte africano, quando um europeu (Connery, claro) resolve abandonar seus conterrâneos para se tornar um mago.

Edson Arantes



Deus salve o rei: Connery como o soberano da Inglaterra, no sofrível *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões* (à direita), **e do distante Azerbaidjão, no ótimo *O Homem que Queria Ser Rei***

Quatro mulheres e um homem: Ursula Andress em *O Satânico Dr. No* (à esquerda), **Kim Basinger em *Nunca Mais Outra Vez*** (acima), **Michelle Pfeiffer em *A Casa da Rússia*** (acima, à direita) **e Tippy Hedren em *Marnie – Confissões de uma Ladra*, de Hitchcock**

Enfim, Stallone

Considerei um milagre SET ter publicado seis páginas com o novo filme de Sylvester Stallone, *Risco Total* (nº 7, ano 7). Como eu, tenho certeza de que milhares de leitores curtiram a entrevista com Sly.
Luiz Cláudio C. Campos (Aracaju – SE)

Consoante às milhares de cartas que soem contribuir para a eventual seção destinada ao leitor, esta carta contém dois ingredientes: o encomiasta e o depreciativo. O louvor fica ao encargo da ótima qualidade que SET vem apresentando. Realidade esta que a coloca como a melhor revista de cinema do Brasil. Porém (sempre os poréns), é lamentável encontrar, ainda, comentários críticos tão pobres e chulos como, por exemplo, o do sr. Edson Arantes, na edição nº 7, ano 7, no artigo sobre Stallone. Acredito que a função crítica deve ser equilibrada e consciente, sem arroubos de pirraças pueris ou melindres sem-causa. É desagradável ler artigos como o que me referi. A genialidade de Godard e o talento de Oliver Stone sobreviverão aos desastres opinativos do articulista. Não sou apreciador dos filmes de Sly, apenas tento dar minha mirrada parcela de auxílio às derrapagens críticas que tornaram-se corriqueiras nos últimos números desta gazeta.
Aupa Christian (Brasília – DF)

SET É um Festival

Parabenizo esta revista pelas belíssimas edições nºs 6 e 7 (ano 7), as quais destrincharam com perfeição o filme *Jurassic Park* e o Festival de Cannes, respectivamente. Aproveito a oportunidade para tirar uma dúvida: correram boatos na minha cidade de que os atores Jason Priestley e Luke Perry da série *Barrados no Baile* morreram por overdose de droga. Isso é verdade? A série tem algum episódio lançado em vídeo?
Luciane M. Nolasco (Montes Claros – MG)

Luciane, como você leu em "Takes" desta edição Luke Perry está bem vivo e trabalhando. O mesmo acontece com Jason. Quanto à série, a Globo Vídeo acabou de lançar uma fita.

Achei uma verdadeira preciosidade na edição nº 7, ano 7: a cobertura sobre o Festival de Cannes. Adorei os comentários rápidos, rasteiros e cheios de curiosidades sobre os bastidores do festival. Parabéns para José Augusto. Ponto positivo para SET.
Guaraci Beltrão Idiart (Porto Alegre – RS)

Dez para a Clareza

Escrevo com a incontida vontade de elogiar o sr. José Emilio Rondeau pela crítica ao filme *Jurassic Park* (nº 7, ano 7), por sua clareza, decência e, claro, inteligência. Já não era sem tempo de Spielberg receber elogios. Ele merece. Aproveito também para elogiar a crítica a *Aladdin*, na mesma edição.
Ana Rosa Leão (Natal – RN)

Terence, não Gemma

Em SET nº 6, ano 7, à página 65, Carlos Eduardo Miranda se equivocou ao dizer que Lucky Luke foi vivido no cinema por Giuliano Gemma. Na verdade, foi Terence Hill. E o cavalo do personagem não se chama Jolly Roger, como afirma o articulista, e sim Jumper Jolly, sendo que o primeiro é o nome do navio do Capitão Gancho.
José Oscar C. Abreu (Pelotas – RS)

Carlos Eduardo Miranda responde: Caro colega, imensamente grato com sua delicadeza em apontar alguns erros cometidos por mim, quero apenas retribuir-lhe tal atitude lembrando-o de que o cavalo de Lucky Luke chama-se, na realidade, Jolly Jumper.

Redenção

A opinião que contesta e discorda é a mesma que atesta e concorda. Se ocorrem falhas (óbvio, pois todos nós cometemos erros), há sempre uma correção. Todo protesto requer de direito uma cabível réplica. Assim sendo, como leitor moderado e coerente, venho, novamente através desta seção, dar meus sinceros votos a Deborah Peleias pela sua notável e dinâmica reabilitação. Se na edição nº 3, ano 7, eu a julguei mal pela péssima cotação dada ao bom filme de suspense *A Mão que Balança o Berço*, tenho a grata satisfação de elogiá-la pelo texto simples, claro e objetivo e pelas três estrelas atribuídas aos filmes *Duplo Impacto* e *Soldado Universal* (edição nº 7, ano 7).
José Edgar dos Santos (Iguatu – CE)

Mais sobre Harlow

Excelente a reportagem sobre Jean Harlow (nº 8, ano 7). A título de colaboração, acrescento que a atriz também apareceu num filme de dois rolos da dupla Laurel e Hardy chamado *O Príncipe sem Sorte* (*Double Whoopee*), de 1929. É um papel pequeno, mas marcante.
Vilma de Fátima Gori (São Paulo – SP)

Dúvida

Fiquei em dúvida sobre o país de origem do filme *O Piano*, depois de ler a matéria na edição nº 7, ano 7: é australiano, neozelandês ou francês? Outra coisa, à página 31 desta edição está escrito que Stephen Frears dirigiu o filme *Traídos pelo Desejo*, quando na verdade o diretor é Neil Jordan.
Fausto Felice A. dos Santos (Sumaré – SP)

Fausto, obrigado pela correção quanto a Traídos pelo Desejo, *e* O Piano *é uma produção conjunta da Nova-Zelândia (país de origem da diretora Jane Campion) com a França.*

Bruce Lee

A edição nº 7, ano 7, de SET trouxe a feliz matéria assinada por Celso Arnaldo Araújo sobre Bruce Lee. Como admirador incondicional de Lee (estudo sua vida há 12 anos), tenho algumas críticas e correções a fazer: o autor ignorou o fator Bruce Lee-lutador, pois Lee era um grande pesquisador e seus conceitos sobre as artes marciais resultaram em um método próprio, chamado "jeet kune do". As correções são: o pai de Lee se chamava Lee Hoi Chuen, e não Kae Hoi Chuem; Bruce nasceu em 27 de novembro de 1940 (ano do Dragão) em São Francisco, e não em 1941; e ao falecer em 20 de julho de 1973, em Hong Kong, estava com 32 anos de idade, e não 33. O que ocorreu foram dois funerais, um em Hong Kong para o público e outro em Seattle (onde realmente foi enterrado) para parentes e amigos. Aos interessados, estou à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre o tema no Bruce Lee Fan Club Internacional, rua Humberto Bergamashi, nº 110.
Marcelo Augusto Barioni (Araçatuba – SP)

Celso Arnaldo Araújo responde: 1. a omissão do nome do estilo de luta criado por Bruce Lee (o jeet kune do) foi uma opção, já que não era relevante no contexto cinematográfico, mesmo porque existem pelo menos cinqüenta estilos de kung-fu, nem todos reconhecidos; 2. o nome do pai de Bruce Lee é efetivamente Lee Hoi Chuen. Houve um erro de datilografia que o alterou para Kea; 3. ao morrer, Bruce tinha efetivamente 32 anos e 9 meses. A idade de 33 foi mera aproximação – equivocada, aliás.
A redação esclarece: no texto original do articulista a data de nascimento de Bruce – 27 de novembro de 1940 – está correta. O erro aconteceu devido à digitação do texto.

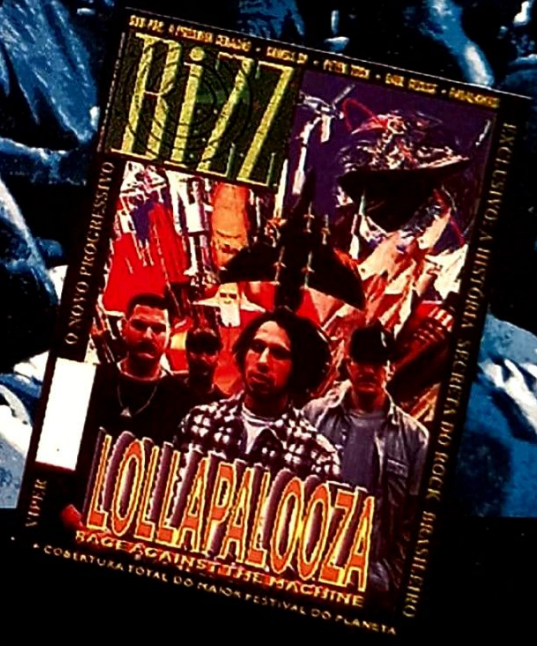
Errata

A lista correta dos vídeos mais alugados nos Estados Unidos da edição nº 8, ano 7, é a que se segue abaixo:
A River Runs Through It
(Columbia Tri-Star)
Passenger 57
(Warner)
The Distinguished Gentleman
(Hollywood)
The Might Ducks
(Disney)
The Player
(New Line)
Howards End
(Columbia)
Used People
(Fox Video)
Hoffa
(Fox Video)
Toys
(Fox Video)
Sneakers
(MCA/Universal)
Fonte: *Entertainment Weekly*, 25/7/93

O nome da atriz que trabalha em *Tocaia 2* (nº 7, ano 7, pág. 6) é Rosie O'Donnell. Na mesma edição, à pág. 12, o total arrecadado por *Risco Total* em suas duas primeiras exibições foi de 30 milhões de dólares, e não 30 bilhões.

Lollapalooza Festival

Los Angeles - June, 23rd - 4:35 PM



A Bizz revela tudo que rola pela frente e por trás dos palcos. Neste mês, cobertura completa do Lollapalooza Festival com participação do Alice in Chains, Arrested Development, Primus e mais: entrevista exclusiva com o Rage Against the Machine, a banda que roubou a cena do evento. A história secreta do Rock brasileiro. Paralamas na Europa. Viper no Japão. Sepultura em Gales e muito mais.

Com a Bizz você vai mais longe.
Antes que tudo aconteça.

EDITORA AZUL

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Edson Arantes
Editora: Deborah Peleias
Editor-Contribuinte: André Forastieri
Redator: Vitor Paolozzi
Diretor de Arte : Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Belinda Santos, Bia Abramo, Carlos Eduardo Miranda, César Garcia Lima, Christian Petermann, David França Mendes, Erika Palomino, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hamilton Rosa Jr., Heinar Maracy, José Eduardo Mendonça, Luiz Carlos Merten, Marcos Smirkoff, Marcos Strecker, Marcelo Rezende Gomes, Marcos Petrucelli, Niki Nixon, Paulo Cavalcanti, Roberto Rios, Rogério de Campos, Sheila Nassar, Valter José, Walter da Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Reginaldo Andrade (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592**, edição 75, setembro de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **IVC**

Fotolito: Postscript Artes & Gráfica, Fotoline Ltda, Grafcolor
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

FILMOGRAFIA

ROGER CORMAN

Diretor, produtor e roteirista, nascido em 5 de abril de 1926, em Los Angeles, CA. Conhecido como um dos maiores diretores de filmes B das décadas de 50 e 60, fundou a Concorde/Pictures em 1983, que deu continuidade ao lucrativo esquema: orçamento barato, alta bilheteria e uso de bons atores e diretores em início de carreira.

Como diretor e produtor: 1955: PISTOLEIRO SOLITÁRIO (*Apache Woman*); CINCO REVÓLVERES MERCENÁRIOS (*Five Guns West*) ■ 1956: THE DAY THE WORL ENDED; A LEI DOS BRUTOS* (*The Gunslinger,*); IT CONQUERED THE WORLD; A ONÇA DE OKLAHOMA (*The Oklahoma Woman*) ■ 1957: A ILHA DO PAVOR (*Attack of the Crab Monsters*); PARAÍSO EM FÚRIA (*Naked Paradise*); EMISSÁRIO DE OUTRO MUNDO (*Not of This Earth*); SORORITY GIRL; MULHER SEM RUMO (*Teenage Doll*); THE UNDEAD; VIKING WOMEN AND THE SEA SERPENT ■ 1958: DOMINADOS PELO ÓDIO (*Machine Gun Kelly*); TEENAGE CAVEMAN; GUERRA DOS SATÉLITES (*War of the Satellites*) ■ 1959: A BUCKET OF BLOOD; DESTINO DE UM GANGSTER (*I Mobster*) ■ 1960: ATLAS; CRIATURA DO MAR ENCANTADO (*Creature From the Haunted Sea*); O SOLAR MALDITO (*House of Usher*); THE LAST WOMAN ON EARTH; A MULHER VESPA (*The Wasp Woman*) ■ 1961: A LOJA DOS HORRORES (*Little Shop of Horrors*); A MANSÃO DO TERROR (*The Pit and the Pendulum*) ■ 1962: THE INTRUDER; OBSESSÃO MACABRA (*The Premature Burial*); MURALHAS DO PAVOR* (*Tales of Terror*) ■ 1963: O CASTELO ASSOMBRADO* (*The Haunted Palace*); O CORVO (*The Raven*); O TERROR* (*The Terror*); O HOMEM DOS OLHOS DE RAIO X (*X*); DESAFIANDO A MORTE (*The Young Racers*) ■ 1964: A ORGIA DA MORTE (*The Masque of the Red Death*) ■ 1965: O TÚMULO SINISTRO (*The Tomb of Ligeia*) ■ THE WILD ANGELS ■ 1967: MASSACRE DE CHICAGO (*The St. Valentine's Day Massacre*); VIAGEM AO MUNDO DA ALUCINAÇÃO (*The Trip*) ■ 1970: OS 5 DE CHICAGO (*Bloody Mama*); GAS-S-S-S!

Como diretor, produtor e roteirista: 1990: FRANKENSTEIN, O MONSTRO DAS TREVAS* (*Roger Corman's Frankenstein Unbound*)

Como diretor e ator: 1969: HARRY, VIVO OU MORTO (*How to Make It*)

Como produtor executivo: 1958: SANGUE NA ESTRADA (*Hot Car Girl*, de Bernard Kowalski); NIGHT OF THE BLOOD BEAST (de Bernard Kowalski) ■ 1959: NEBO ZOVYOT (versão americana) ■ 1960: ATTACK OF THE GIANT LEECHES (de Bernard Kowalski) ■ 1963: DEMÊNCIA 13 (*Dementia 13*, de Francis Ford Coppola) ■ 1970: O ALTAR DO DIABO (*The Dunwich Horror*, de Daniel Haller); THE STUDENT NURSES (de Stephanie Rothman) ■ 1976: VIOLENTA DA ENTREGRADES (*Jackson County Jail*, de Michael Miller); MOVING VIOLATION (de Charles S. Dubin) ■ 1977: GRAND THEFT AUTO (de Ron Howard); I NEVER PROMISED YOU A ROSE GARDEN (de Anthony Page) ■ 1978: PIRANHA (de Joe Dante) ■ 1979: ROCK'N'ROLL HIGH SCHOOL (de Alan Arkush) ■ 1980: BATTLE BEYOND THE STARS (de Jimmi T. Murakami) ■ 1981: THE TERRITORY ■ 1983: SUBURBIA (ou *The Wild Side*, de Penelope Spheeris); THE WARRIOR AND THE SORCERESS (de John Broderick) ■ 1984: DEATHSTALKER (de John Watson) ■ 1985: STREETWALKIN' (Joan Freeman) ■ 1987: HOUR OF THE ASSASSIN (de Luis Llosa); STRIPPED TO KILL (de Katt Shea Ruben); SWEET REVENGE (de Jerry Schatzberg) ■ 1988: DANGEROUS LOVE (de Marty Ollstein); THE DRIFTER (de Larry Brand); VAMPIRO DAS ESTRELAS* (*Not of This Earth*, refilmagem de Jim Wynorski); O LIMITE DO TERROR* (*Watchers*, de Jon Hess) ■ 1989: ANDY COLBY'S INCREDIBLY AWESOME ADVENTURES; O CAÇADOR DO FUTURO* (*Crime Zone*, de Luis Llosa); DANÇA MACABRA* (*Dance of the Damned*, de Katt Shea Ruben); HEROES STAND ALONE; THE LAWLESS LAND (de Jon Hess); STRIPPED TO KILL II (de Katt Shea Ruben) ■ 1990: BACK TO BACK; A CRY IN THE WILD (de Mark Griffiths); FULL FATHON FIVE (de Carl Franklin); STREETS (de Katt Shea Ruben); TRANSYLVANIA TWIST (de Jim Wynorski); BEM-VINDO AO PLANETA PERDIDO* (*Welcome to Oblivion*, de Augusto Tamayo) ■ 1991: HOLLYWOOD BOULEVARD II; THE TERROR WITHIN II (de Andrew Stevens)

Como produtor e roteirista: 1954: THE FAST AND THE FURIOUS (de John Ireland e Edwards Sampson)

Como roteirista: 1954: CONSCIÊNCIA CULPADA (*Highway Dragnet*, de Nathan Juran)

Como ator: 1974: O PODEROSO CHEFÃO 2*

** disponível em vídeo*

(*The Godfather Part II*, de Francis Ford Coppola) ■ 1976: CANNONBALL – A CORRIDA DO SÉCULO* (*Cannonball*, de Paul Bartel) ■ 1978: ROGER CORMAN: HOLLYWOOD'S WILD ANGEL ■ 1980: GRITO DE HORROR* (*The Howling*, de Joe Dante) ■ 1982: DER STAND DER DINGE ■ 1984: ARMAS E AMORES* (*Swing Shift*, de Jonathan Demme) ■ 1991: O SILÊNCIO DOS INOCENTES* (*The Silence of the Lambs*, de Jonathan Demme)

Como diretor: 1956: DIAMANTES DO PÂNTANO* (*Swamp Women*) ■ 1957: CARNIVAL ROCK; ROCK ALL NIGHT ■ 1958: SHE GODS OF THE SHARK REEF ■ 1960: ATLAS; SKI TROOP ATTACK ■ 1962: A TORRE DE LONDRES (*Tower of London*) ■ 1964: A INVASÃO SECRETA (*The Secret Invasion*) ■ 1969: DAS AUSSCHWEIFENDE LEBEN DES MARQUIS DE SADE ■ 1971: ÁGUIAS EM DUELO (*Von Richthofen and Brown*)

Como produtor: 1954: MONSTER FROM THE OCEAN FLOOR (de Wyott Ordung) ■ 1958: THE CRY BABY KILLER (de Juss Addiss) ■ 1972: SEXY E MARGINAL (*Boxcar Bertha*, de Martin Scorsese); THE UNHOLY ROLLERS (de Vernon Zimmerman) ■ 1973: FUGA DA ILHA DO DIABO (*I Escaped from Devil's Island*, de William Witney) ■ 1974: A MULHER DA METRALHADORA* (*Big Bad Mama*, de Steve Carver); COCKFIGHTER (de Monte Hellman, também chamado de *Born to Kill*) ■ 1975: CAPONE, O GÂNGSTER (*Capone*, de Steve Carver); ANO 2000, CORRIDA DA MORTE (*Death Race 2000*, de Paul Bartel); LUMIERE (de Jeanne Moreau) ■ 1976: EAT MY DUST (de Charles Griffith); PELOS MEUS DIREITOS (*Fighting Mad*, de Jonathan Demme) ■ 1977: THUNDER AND LIGHTINING (de Corey Allen) ■ 1978: AVALANCHE* (de Corey Allen); DEATHSPORT (de Henry Suso e Allan Arkush); CHARLIE, O TRAMBIQUEIRO (*Fast Charlie – The Moonbeam Rider*, de Steve Carver); OUTSIDE CHANCE (de Michael Miller) ■ 1979: O TATUADO (*Saint Jack*, de Peter Bogdanovich) ■ 1981: GALÁXIA DO TERROR* (*Galaxy of Terror*, de B. D. Clark); SMOKEY BITES THE DUST (de Charles B. Griffith) ■ 1982: FORBIDDEN WORLD (de Allan Holzman) ■ 1983: LOVE LETTERS (de Amy Jones); SPACE RAIDERS (de Howard R. Cohen) ■ 1987: AMAZONS (de Paul Michael Glaser); OS MUNCHIES (*Munchies*, de Bettina Hirsch); SLUMBER PARTY MASSACRE II (de Deborah Brock) ■ 1988: BIG BAD MAMA II (de Jim Wynorski); DADDY'S BOYS (de Joe Miniom); NIGHTFALL (de Paul Mayersberg) ■ 1989: BLOODFIST (de Terence H. Winkless); LORDS OF THE DEEP (de Mary Ann Fisher); THE MASQUE OF THE RED DEATH (de Larry Brand); THE TERROR WITHIN (de Thierry Notz); TIME TRACKERS (de Howard R. Cohen); TWO TO TANGO (de Hector Olivera); WIZARDS OF THE LOST KINGDOM II (de Charles B, Griffith) ■ 1990: BLOODFIST II; THE HAUNTING OF MORELLA (de Jim Wynorski); OVER-EXPOSED (de Lewis Seiler); PRIMARY TARGET; SILK 2; WATCHERS II (Thierry Notz)

Como ator para TV: 1983: THE HORROR OF IT ALL

Como produtor executivo para TV: 1978: OUTSIDE CHANCE (de Michael Miller) ■ 1980: THE GEORGIA PEACHES (piloto de Daniel Haller)

SYDNEY POLLACK

Diretor e produtor, nascido em 1º de julho de 1934, em Lafayette. Começou sua carreira como ator e seu *début* na direção aconteceu com *The Slender Thread*.

Como diretor e produtor: 1969: A NOITE DOS DESESPERADOS* (*They Shoot Horses, Don't They?*) ■ 1973: NOSSO AMOR DE ONTEM* (*The Way We Were*) ■ 1975: OPERAÇÃO YAKUZA* (*The Yakuza*) ■ 1977: UM MOMENTO, UMA VIDA (*Bobby Deerfield*) ■ 1981: AUSÊNCIA DE MALÍCIA* (*Absence of Malice*) ■ 1985: ENTRE DOIS AMORES* (*Out of Africa*) ■ 1990: HAVANA*

Como diretor: 1965: UMA VIDA EM SUSPENSE (*The Slender Thread*) ■ 1966: ESTA MULHER É PROIBIDA (*This Property Is Condemned*) ■ 1968: REVANCHE SELVAGEM (*The Scalphunters*); THE SWIMMER ■ 1969: A DEFESA DO CASTELO (*Castle Keep*) ■ 1972: MAIS FORTE QUE A VINGANÇA* (*Jeremiah Johnson*) ■ 1975: OS 3 DIAS DO CONDOR* (*Three Days of the Condor*) ■ 1979: O CAVALEIRO ELÉTRICO* (*The Electric Horseman*) ■ 1993: A FIRMA (*The Firm*)

Como produtor: 1984: ESCREVENDO MÚSICAS* (*Songwriter*, de Alan Rudolph) ■ 1988: NOVA YORK – UMA CIDADE EM DELÍRIO* (*Bright Lights, Big City*, de James Bridges) ■ 1990: ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA* (*Presumed Innocent*, de Alan J. Pakula)

Como produtor executivo: 1980: HONEYSUCKLE ROSE (de Jerry Schatzberg) ■ 1989: SUSIE E OS BAKER BOYS* (*The Fabulous Baker Boys*, de Steve Kloves); MAJOR LEAGUE (de David S. Ward) ■ 1990: LOUCOS DE PAIXÃO* (*White Palace*, de Luis Mandoki) ■ 1991: VOLTAR A MORRER* (*Dead Again*, de Kenneth Branagh)

Como ator: 1962: OBSESSÃO DE MATAR (*War Hunt*, de Denis Sanders) ■ 1987: HELLO ACTORS STUDIO

Como ator, diretor e produtor: 1982: TOOTSIE*

Como supervisor de dublagem: 1963: O LEOPARDO (*Il Gatopardo*, de Luchino Visconti)

Como diretor para TV: 1965: BOB HOPE CHRYSLER THEATRE: THE GAME

Como ator para TV: 1956: KRAFT TELEVISION THEATRE: TIME LOCK ■ 1959: PLAYHOUSE 90: FOR WHOM THE BELLS TOLLS (de John Frankenheimer); U.S. STEEL HOUR: THE CASE OF JULIA WALTON; ARMSTRONG CIRCLE THEATRE: 35 RUE DU MARCHE ■ 1960: ALFRED HITCHCOCK PRESENTS: THE CONTEST OF AARON GOLD; THE TWILIGHT ZONE: THE TROUBLE WITH TEMPLETON ■ 1961: HAVE GUN, WILL TRAVEL: A QUIET NIGHT IN TOWN; ROBERT HERRIDGE THEATRE: THE CHRYSANTHEMUMS; THE DEPUTY: SPOKEN IN SILENCE; THE NEW BREED: COMPULSION TO CONFESS.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

O DIA EM QUE A TERRA PIROU

Um típico cidadão venusiano prepara-se para devorar Beverly Garland em *It Conquered the World* (1956), de Roger Corman

A SUNSET FILMES APRESENTA A MAIOR AVENTURA DO ANO COM...

TERRY "HULK" HOGAN

Rocky III, Gremlins II, Desafio Total, Comando Suburbano

Caçadores de Aventuras

Perigo.
Agitação.
Aventura.

Para Spencer "O Furacão" heroi dos Fuzileiros Navais e "THUNDER" seu barco "high-tech", este é apenas mais um dia de aventuras.

UMA PRODUÇÃO 1993
COM LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM OS ESTADOS UNIDOS.

com

ROBIN WEISMAN
Três Solteirões e Uma Pequena Dama

CHRIS LEMMON
Aeroporto 77, Assim é a Vida, Meu Pai-Uma Lição de Vida

SAM JONES
Flash Gordon

CHARLOTTE RAE
Hair

TRIMARK PICTURES

Este filme fará sua adrenalina subir ao máximo!

Em meio a eletrizantes cenas de ação e aventuras em cenário paradisíaco, combinadas à bravura do incrível "Spencer"(TERRY "HULK" HOGAN), e à genialidade de Bru, o célebre projetista da lancha "THUNDER" que possui incríveis avanços tecnológicos, está formada uma dupla de fantásticos aventureiros como há tempos não se via.

um lançamento

SUNSET FILMES

PROCURE EM SUA LOCADORA PREFERIDA

Os heróis estão em falta? Leve este para casa.

Uma comédia moderna e inteligente com 3 dos maiores astros do cinema atual.

DUSTIN **HOFFMAN**

GEENA **DAVIS**

ANDY **GARCIA**

NO MOMENTO CERTO TODOS NÓS SOMOS HERÓIS. ATÉ MESMO BERNIE LAPLANTE.

HERÓI POR ACIDENTE

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO

Em outubro, na sua locadora. Reserve já.
Em tempos como estes vai faltar herói pra tanta gente.